

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

WILLIAM KNUST REIS

**DA CRIANÇA “VIADA” AO HOMEM BICHA: TRAJETÓRIAS E
PERFORMANCES AFEMINADAS ENTRE MASCULINIDADES HEGEMÔNICAS E
CORPOS DESTOANTES.**

Juiz de Fora

2024

WILLIAM KNUST REIS

**DA CRIANÇA “VIADA” AO HOMEM BICHA: TRAJETÓRIAS E
PERFORMANCES AFEMINADAS ENTRE MASCULINIDADES HEGEMÔNICAS E
CORPOS DESTOANTES.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPG-CSO) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais. Área de Concentração: Cultura, Poder e Instituições.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Cristina Dias da Silva

Juiz de Fora

2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Knust Reis , William .

Da criança "viada" ao homem bicha: trajetórias e performances afeminadas entre masculinidades hegemônicas e corpos destoantes

/ William Knust Reis . -- 2024.

140 f. : il.

Orientadora: Cristina Dias da Silva

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2024.

1. Bicha. 2. Criança Viada. 3. Masculinidade Hegemônica. 4. Autoetnografia. I. Dias da Silva , Cristina , orient. II. Título.

WILLIAM KNUST REIS

**DA CRIANÇA “VIADA” AO HOMEM BICHA: TRAJETÓRIAS E PERFORMANCES
AFEMINADAS ENTRE MASCULINIDADES
HEGEMÔNICAS E CORPOS DESTOANTES**

Dissertação
apresentada
ao Programa de Pós-
Graduação em
Ciências Sociais,
da Universidade
Federal de Juiz de
Fora como requisito
parcial à obtenção do
título de Mestre em
Ciências Sociais.
Área de
concentração:
Cultura, Poder e
Instituições.

Aprovada em 29/02/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.a Dr.a Cristina Dias da Silva - Orientador

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Oswaldo Zampiroli Cerqueira

Universidade Federal do Rio de Janeiro



Documento assinado eletronicamente por **Cristina Dias da Silva, Professor(a)**, em 29/02/2024, às 16:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Raphael Bispo dos Santos, Professor(a)**, em 29/02/2024, às 16:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Oswaldo Zampiroli Cerqueira, Usuário Externo**, em 01/03/2024, às 13:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1699681** e o código CRC **EC06F187**.

Quoi que l'on dice, on restera solo
Quoi que l'on fasse, on restera solo¹

(*Solo*, de Lous and The Yakuza)

¹ O que quer que dissermos, ficaremos sozinhos/O que quer que façamos, ficaremos sozinhos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, àquelas pessoas que mesmo antes de ter iniciado a pós-graduação já haviam se mostrado interessadas pelo meu tema. Luíza Wehbe Sabino, pelo seu conhecimento interdisciplinar e experiência, que me geram orgulho e admiração até hoje, bem como Alanda Lopes Quotizzato Martins. A docente, além de ler meu projeto, se pôs à disposição para fazermos uma simulação de entrevista, em um dia de semana, às 21h. Obrigado por essa disposição e carinho comigo e com os meus sonhos.

Em segundo lugar, agradeço a minha orientadora Prof^a. Dra. Cristina Dias da Silva por ter aceitado embarcar nesta jornada comigo. Foram períodos corridos, meio atrapalhados, de indecisão, mas que ela soube me dar *insights*, me apresentar conhecimentos das mais diversas áreas e me mostrar alternativas mais sensatas e lúcidas para a produção textual. Expresso imenso agradecimento aos membros da banca examinadora, Prof. Dr. Oswaldo Zampiroli e Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos. Desde a qualificação, eles fizeram pontuações importantíssimas que, incorporadas ao texto, tornaram este mais rico, coerente e coeso. Muito obrigado aos professores por essa excelente contribuição.

Agradeço a minhas colegas de curso, Andressa Fedoce Pires e Déborah Crysttina Pereira da Silva. Primeiramente, a Andressa: pelas trocas, risos, pontos de vista, ajuda para encontrar nativos para minha pesquisa e, mais do que tudo isso, torcer por mim. A Déborah por todas as instruções. Você foi a pessoa que segurou na minha mão e evitou por diversas vezes que eu desistisse de cursar o Mestrado. Foi você quem apontou como eu deveria usar a bibliografia, quais eram os procedimentos do Comitê de Ética e as vias mais fáceis para se chegar aos objetivos dessa pesquisa. Além disso, me motivou e, por isso, você hoje representa além de uma colega, mas uma grande amiga. Você foi a minha “fada madrinha” da pós e ensinou a maioria das coisas que sei. Agradecimento é pouco para tudo o que você me fez. Agradeço também a minha equipe de trabalho, na Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), a Gerência de Monitoramento Assistencial (GEMOA), em especial a Cristiane Branco Vidal Bustamente, por me auxiliar em alguns processos, torcer por mim e a Flavia Harumi Ramos Tanaka, por ser uma chefe compreensiva e flexível nos momentos em que mais precisei.

Sou grato à família que construí, por todo o apoio de sempre: João Patueli, meu amor, sempre ao meu lado, sendo uma fortaleza em meio ao caos. Deu-me palavras de alegria, de consolo, se dispôs a largar tudo para estar comigo hoje. Acreditou no meu sonho e fez dele o

seu. Isso é imensurável e motivo de tamanha alegria. Obrigado por não desistir de mim. Agradeço aos anjos que apareceram na minha vida, nossos gatinhos, Dom, Olívia e Matteo, por serem o alívio cômico, o leve estresse durante o dia, o ronronar não esperado, o “pãozinho” amassado com mais delicadeza, a fonte da minha felicidade.

Por fim, agradeço imensamente à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela grande oportunidade (e privilégio) de realizar o Mestrado. Agradeço por agregar profissionais competentes e conteúdos importantes à minha vida. Sou grato pela possibilidade de inserção em uma instituição pública, que antes me parecia tão remota.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para este projeto, o meu mais profundo agradecimento. A colaboração que desempenhou foi essencial para o meu crescimento acadêmico e para sucesso desta dissertação.

Muito obrigado!

Will.

Corri atônito para contemplar mais uma vez o céu e o horizonte

Pena que tão rude e fragmentado pela vista de uma janela

O prédio alto, a batucada veemente...

E eu, vazio

Duas batidas no meu coração e ah, eu nem percebia!

Era tanto céu... pra tão pouca janela

As cortinas comportaram um pouco do vento que levaria ao meu ventre

[a sensação leve de que os pássaros poderiam voar pelo meu quarto livremente.

A sós comigo, com meus livros,

Com a minha peculiar desorganização

Talvez precise de mais ares puros

Ou quem sabe, de menos quartos escuros.

Provavelmente, ainda, de mais janelas

Para deixar também, a minha alma se levar,

Ao menos que em um segundo,

Pelo tempo.

Janelas, de William Knust Reis

RESUMO

A vida de uma gay afeminada possui vários obstáculos. Na perspectiva de que existem muitas peculiaridades e proximidades entre as trajetórias de vida de corpos destoantes, trabalho com cinco pessoas, entre elas duas afeminadas para dialogar sobre algumas das questões que atravessam nossas trajetórias de vida. O objetivo do trabalho, portanto, é, a partir da autoetnografia, compreender como a masculinidade atravessa nossas vivências, seja por meio de exigências concretas ou simbólicas e analisar as trajetórias de vida de nossos entrevistados. Argumenta-se acerca da individualidade, sociabilidade e alguns fatores cruciais que podem ser demarcadores para a construção da subjetividade. A pesquisa, de metodologia qualitativa e de tipos descritivo, exploratório, etnográfico/autoetnográfico, utiliza das técnicas de revisão bibliográfica e a composição entre características da trajetória de vida e entrevistas para a coleta de dados.

No primeiro capítulo apresento aspectos da vida adulta. Antes disso, abordo um pouco sobre algumas características da autoetnografia, faço uma breve exposição dos participantes da pesquisa, faço um paralelo entre autoetnografia e escrevivência, mostrando, ao final deste subtópico, o quanto é importante resgatarmos a memória de pessoas subjugadas para contrapor o discurso majoritário. Realizo uma discussão entre as fases da vida e homossexualidade, bem como sobre as peculiaridades das vivências para o corpo destoante. Abordo alguns limites e possibilidades para escrita ancorada na autoetnografia e em fases de vida. Finalizo o capítulo trabalhando o conceito de masculinidade hegemônica, sobre o que é ser homem e as dinâmicas de relacionamentos em contato com a individualidade.

No segundo capítulo abordo o período da adolescência, com algumas discussões sobre o “coming out”, ou seja, a saída do armário. Essa saída acaba se apresentando também como uma dança, em que frequentemente temos que sair ou entrar neste local. Ou seja, esse conceito se apresenta como situacional, contextual e relacional. Após, me alicerço em alguns relatos, bem como em bibliografia para falar sobre família e homofobia. Argumento acerca da essencialização de gênero presente nos termos “masculino” e “feminino”, finalizando o capítulo com a discussão sobre a “bicha” e o que ela representaria neste sistema binário.

No terceiro capítulo falo sobre a infância da criança “viada”. Essa criança apresenta características essencializadas como femininas e acaba fugindo ao modelo de masculinidade requerido e, por isso, se apresenta como transgressora. Em seguida, falo sobre o *bullying* seguindo rumo ao *bullying* homofóbico e quais especificidades este conceito possui. Abordo sobre o controle a vigilância exercidos durante os primeiros anos de nossas vidas, entre a infância e a adolescência. Por meio de atos, comportamentos são medidos e restringidos por quem está a nossa volta. Por fim, abordo um pouco da felicidade que preencheu nossa infância “viada”: a cultura “pop”, por meio das *barbies*, Xuxa e Rouge, por exemplo, nos serviram como fonte de resistência para nos representarmos e expressarmos bem assim, desse jeito: bichinhas.

Palavras-chaves: bicha, criança viada, masculinidade hegemônica, autoetnografia.

ABSTRACT

The life of an effeminate gay woman has several obstacles. From the perspective that there are many peculiarities and similarities between the life trajectories of different bodies, I work with five people, including two effeminate ones, to discuss some of the issues that cross our life trajectories. The objective of the work, therefore, is, based on autoethnography, to understand how masculinity permeates our experiences, whether through concrete or symbolic demands, and to analyze the life trajectories of our interviewees. It argues about individuality, sociability and some crucial factors that can be demarcators for the construction of subjectivity. The research, with qualitative methodology and descriptive, exploratory, ethnographic/autoethnographic types, uses bibliographic review techniques and the composition of life trajectory characteristics and interviews for data collection.

In the first chapter I present aspects of adult life. Before that, I talk a little about some characteristics of autoethnography, I briefly explain the research participants, I draw a parallel between autoethnography and writing, showing, at the end of this subtopic, how important it is to rescue the memory of subjugated people to counter the discourse majority. I carry out a discussion between the stages of life and homosexuality, as well as the peculiarities of experiences for the discordant body. I address some limits and possibilities for writing anchored in autoethnography and life stages. I end the chapter by working on the concept of hegemonic masculinity, on what it means to be a man and the dynamics of relationships in contact with individuality.

In the second chapter I cover the period of adolescence, with some discussions about “coming out”, that is, coming out of the closet. This exit also ends up presenting itself as a dance, in which we often have to leave or enter this place. In other words, this concept presents itself as situational, contextual and relational. Afterwards, I rely on some reports, as well as bibliography to talk about family and homophobia. Argument about the essentialization of gender present in the terms “masculine” and “feminine”, ending the chapter with a discussion about “faggot” and what it would represent in this binary system.

In the third chapter I talk about the childhood of the “faggot” child. This child presents characteristics essentialized as feminine and ends up escaping the required model of masculinity and, therefore, presents himself as a transgressor. Next, I talk about bullying moving towards homophobic bullying and what specificities this concept has. I address the control and surveillance exercised during the first years of our lives, between childhood and adolescence, in acts, behaviors are measured and restricted by those around us. Finally, I discuss some of the happiness that filled our “faggot” childhood: “pop” culture. “Pop” culture, through barbies, Xuxa and Rouge, for example, served us as a source of resistance to represent and express ourselves in this way: queers.

Keywords: queer, fagot child, hegemonic masculinity, autoethnography.

RESUMEN

La vida de una gay afeminada tiene varios obstáculos. Desde la perspectiva de que existen muchas peculiaridades y similitudes entre las trayectorias de vida de diferentes cuerpos, trabajo con cinco personas, incluidas dos afeminadas, para discutir algunas de las cuestiones que atraviesan nuestras trayectorias de vida. El objetivo del trabajo, por tanto, es, a partir de la autoetnografía, comprender cómo la masculinidad permea nuestras experiencias, ya sea a través de demandas concretas o simbólicas, y analizar las trayectorias de vida de nuestros entrevistados. Se discute sobre la individualidad, la sociabilidad y algunos factores cruciales que pueden ser demarcadores para la construcción de la subjetividad. La investigación, con metodología cualitativa y de tipo descriptivo, exploratorio, etnográfico/autoetnográfico, utiliza técnicas de revisión bibliográfica y de composición de características de trayectoria de vida y entrevistas para la recolección de datos.

En el primer capítulo analizo aspectos de la vida adulta. Antes hablo un poco de algunas características de la autoetnografía, explico brevemente a los participantes de la investigación, trazo un paralelo entre autoetnografía y escritura, mostrando, al final de este subtema, lo importante que es rescatar la memoria de las personas sometidas a contrarrestar el discurso mayoritario. Realizo una discusión entre las etapas de la vida y la homosexualidad, así como las peculiaridades de las experiencias para el cuerpo discordante. Abordo algunos límites y posibilidades para la escritura anclada en la autoetnografía y las etapas de la vida. Termino el capítulo trabajando sobre el concepto de masculinidad hegemónica, sobre lo que significa ser hombre y la dinámica de las relaciones en contacto con la individualidad.

En el segundo capítulo cubro el período de la adolescencia, con algunas discusiones sobre “salir del armario”, es decir, salir del armario. Esta salida también termina presentándose como un baile, en el que muchas veces tenemos que salir o entrar de este lugar. En otras palabras, este concepto se presenta como situacional, contextual y relacional. Después, me apoyo en algunos reportajes, así como en bibliografía para hablar de familia y homofobia. Argumento sobre la esencialización del género presente en los términos “masculino” y “femenino”, finalizando el capítulo con una discusión sobre “maricón” y lo que representaría en este sistema binario.

En el tercer capítulo hablo de la infancia del niño “maricón”. Este niño presenta características esencializadas como femeninas y acaba escapando del modelo de masculinidad requerido y, por tanto, se presenta como un transgresor. A continuación hablo del bullying avanzando hacia el bullying homofóbico y qué especificidades tiene este concepto. Abordo el control y vigilancia que se ejerce durante los primeros años de nuestra vida, entre la niñez y la adolescencia, en actos, conductas medidas y restringidas por quienes nos rodean. Finalmente, analizo algo de la felicidad que llenó nuestra infancia “maricón”: la cultura “pop”. La cultura “pop”, a través de las barbies, Xuxa y Rouge, por ejemplo, nos sirvió como fuente de resistencia para representarnos y expresarnos de esta manera: queers.

Palabras clave: queer, niño maricón, masculinidad hegemónica, autoetnografía.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1 – Postagem do Tumblr Criança Viada..... | 88 |
| Figura 2 – “Criança Viada Travesti da Lambada <3” e “Criança “Viada Deusa das Águas..... | 89 |
| Figura 3 – “Adriano criança viada bafônica <3” e “Luiz criança viada She-Ra da TVE <3” | 90 |
| Figura 4 – Revista em Quadrinhos Censurada na Bienal..... | 91 |
| Figura 5 – Primeiro modelo da boneca <i>Barbie</i> posta à venda..... | 108 |
| Figura 6 – Algumas <i>barbies</i> profissões postas à venda atualmente..... | 109 |
| Figura 7 – Proporções corporais da <i>barbie</i> foram modificadas durante o tempo..... | 109 |
| Figura 8 – “Capa do álbum ‘Era uma vez ao vivo’..... | 110 |
| Figura 9 - Capas do CD “As quatro estações”, cada uma representando uma estação do ano.. | 111 |
| Figura 10 – Xuxa saindo de sua nave..... | 111 |
| Figura 11 – Grupo “Balão Mágico”..... | 112 |
| Figura 12 – Capa do primeiro CD da Banda <i>Rouge</i> | 113 |
| Figura 13 – Clipe “Bailando”, que marcou a volta da <i>girlband</i> em 2019..... | 114 |
| Figura 14 – <i>Leona assassina vingativa</i> em fuga para Paris..... | 117 |
| Figura 15 – Imagem do grupo “Parada Hétero Brasil” do <i>facebook</i> , com vários comentários irônicos de usuários LGBTQIAPN+..... | 119 |

LISTA DE ANEXOS

| | |
|---|-----|
| Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido..... | 136 |
| Anexo 2 – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)..... | 138 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO..... | 13 |
| METODOLOGIA..... | 17 |
| CAPÍTULO 1 – VIDA ADULTA..... | 18 |
| 1.1 Autoetnografia e as suas múltiplas vozes..... | 18 |
| 1.1.1 As vozes..... | 18 |
| 1.1.2 Autoetnografia e escrevivência..... | 20 |
| 1.1.3 Memória..... | 25 |
| 1.2 Fases da vida e homossexualidade..... | 27 |
| 1.2.1 A experiência de vida para o corpo destoante..... | 27 |
| 1.2.2 Homossexualidade e envelhecimento..... | 31 |
| 1.2.3 Limites e possibilidades para escolha da abordagem das fases da vida e autoetnografia..... | 34 |
| 1.3 Corpos destoantes e masculinidades hegemônicas..... | 37 |
| 1.3.1 O que é ser homem?..... | 37 |
| 1.3.2 O “permitido” e o “proibido”..... | 40 |
| 1.4. Relacionamentos..... | 43 |
| 1.4.1 Individualidade..... | 43 |
| 1.4.2 Dinâmicas de Relacionamentos..... | 44 |
| CAPÍTULO 2 – ADOLESCÊNCIA..... | 52 |
| 2.1 O “coming out”..... | 52 |
| 2.1.1 A “dança” do armário..... | 59 |
| 2.2 Família e homofobia..... | 61 |
| 2.3 Masculino e feminino?..... | 71 |
| 2.3.1 A bicha..... | 78 |
| CAPÍTULO 3 – INFÂNCIA..... | 87 |
| 3.1 Quem tem medo do viadinho?..... | 87 |
| 3.1.1 <i>Bullying</i> homofóbico..... | 93 |
| 3.1.2 <i>Bullying</i> homofóbico em nossas vivências..... | 96 |
| 3.2 Controle e Vigilância..... | 101 |
| 3.3 Cultura “pop”..... | 106 |
| 3.3.1 A boneca <i>barbie</i> | 107 |
| 3.3.2 Sandy e Junior..... | 110 |
| 3.3.3 Xuxa..... | 111 |
| 3.3.4 Balão Mágico..... | 112 |
| 3.3.5 Banda <i>Rouge</i> | 113 |
| 3.4. A influência da “cultura pop” nas infâncias “viadas”..... | 114 |
| 3.4.1 A “cultura pop” como movimento de resistência..... | 116 |
| CONCLUSÃO..... | 120 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 124 |
| ANEXOS..... | 135 |

INTRODUÇÃO

Quando ingressei na academia tive contato com vários termos, acepções e conceitos que não me eram familiares anteriormente. Para mim, ser “bicha” era uma terminologia pejorativa, mas após perceber que essa denominação poderia servir como uma forma de apropriação da memória e história, passei a considerar que essa foi sempre a forma como deveria ter me chamado. Após alguns meses em Juiz de Fora, iniciei a participação em alguns grupos e muitos dos participantes diziam que eu era normativo e até “padrão”. Foi em meio a essa estranheza e juntamente com os estudos de gênero associados que me introduzi ao conceito de masculinidade hegemônica, bem como as tensões existentes com os corpos ditos destoantes.

Por isso, utilizei técnicas de entrevista/trajetória de vida para elaborar a comunicação com nossos entrevistados – os chamo assim pois considero que, a partir da difusão desta dissertação, nada é somente meu -, podendo trazer contribuições, questionamentos e até mesmo contrapontos dos quais eu não tive a sutileza de observar, de elaborar diante da minha vivência, das minhas crenças e do meu repertório. Trabalho com cinco pessoas para dialogar com a minha vivência de criança “viada” e homem bicha: Alex, Daniel, Fabiano, José e Tadeu. Quatro deles são gays, um deles é afeminado e José é pessoa não binária-afeminada². Além de José já ter se identificado como um homem gay em algum momento de sua vida, ele pode ser assim identificado pelo homem médio, o que trouxe interessantes recortes para contribuir com os diálogos entre as trajetórias. Ressalto que todos os nomes utilizados nesta dissertação são fictícios para resguardar a identidade de nossos entrevistados e serão unicamente usadas as informações necessárias para melhor interpretação dos dados. A análise dessas vivências trouxe a observação de interseções, como a inferência de que durante a infância e adolescência, os sujeitos “viados” passam por algumas experiências que podem fazer com que eles se retraiam e assumam uma postura mais “masculina”, com fim de sobreviver – ou manterem uma existência menos violenta.

Algumas das discussões centrais envolvem autores como Butler (2021), Haraway, Connel, Elias, Kimmel, Lopes (2010), Stathern, entre outros. Cabe neste trabalho fundamentalmente questionar o que foi posto como “masculino” e “feminino” e neste lugar (ou

² Assim como a identidade transexual, mas com suas devidas peculiaridades, o não-binarismo questiona a possibilidade normativa, binária, biológica e médica atribuída a ser unicamente “homem” ou “mulher”. Essa indagação perpassa comportamento, vestimentas e postura social, uma vez que a construção de gênero está associada muito mais ao sexo (BUTLER, 2021), ou seja, com o que nos foi designado biologicamente no momento de nosso nascimento. Entende-se que há muito mais possibilidades do que essa divisão restritiva, que constrói um ideário e praticamente uma “checklist” para que os indivíduos se amoldem a esses.

não lugar) em que a bicha é rotulada. A bicha, por meio de essencializações das mais grotescas, estaria em um não lugar, trazendo a relação, com suas devidas adaptações, com o conceito de *outsider-within* elaborado por Collins. Discuto também sobre o fenômeno mencionado como “*coming out*” ou “saída do armário”, compreendido como permanente nas existências dos sujeitos estudados. Abordarei mais superficialmente relacionamentos, para dar uma maior visão ao *bullying*, à cultura “pop”, entremeados nos momentos da “vida adulta”, “adolescência” e “infância” que se apresentam como capítulos no texto. Considerando que nenhuma fase da vida é fixa, os assuntos acabam se entremeando com as diferentes fases da vida. A escolha dos tópicos, entretanto, não se deu de maneira aleatória, e sim buscando dar mais coerência ao texto e mais robustez aos argumentos.

Apesar de ser uma autoetnografia, houve a necessidade de aliar o meu relato a de outros participantes. Em alguns momentos, optei por focar nos aspectos enfatizados pelos entrevistados, pois entendi que estes poderiam levar a uma conclusão mais adequada com interesse da pesquisa. As trajetórias de vida, em diversos momentos, irão destoar entre si, tensionando as crenças e as obviedades existentes nas existências de pessoas afeminadas ou não. Em muitos momentos minhas crenças foram postas à prova e creio que essa seja uma das maiores riquezas da minha pesquisa: a possibilidade de auto-estranhamento tão necessária aos estudos antropológicos. Algumas limitações foram encontradas. Na ocasião da qualificação foi indicada a possibilidade de interação com familiares, seja por meio de coleta de fotos ou até por alguma outra forma de intervenção, como conversa, exposição de algum vídeo meu performático, entre outras coisas. Entretanto, isso não foi possível. Houve a necessidade de afastamento dos meus pais neste ano, após reiteradas tentativas de uma convivência pacífica e harmoniosa. Este período foi carregado de uma depressão severa, diagnosticada juntamente com a ansiedade e o TDAH. Infelizmente, a vida pessoal acaba se interrelacionando com a profissional e essas foram algumas das condições para elaboração da dissertação. Foi feito o possível, haja vista as inúmeras limitações que, afora isto, me são iminentes.

Alguns amigos serão mencionados, mas eles não foram procurados para entrevistas, haja vista os distanciamentos e perda de contato. Mais à frente explicarei com mais cautela como os participantes da pesquisa foram abordados. Entretanto, posso sintetizar que as seguintes formas de contato: em ONG online voltada ao público LGBTQIAPN+ e por intermédio de amigos. Alguns se mostraram interessados inicialmente, se identificaram como afeminados, mas não conseguiram comparecer às entrevistas. Dada a repetição das intempéries, optei por definir o

grupo o mais rápido possível, haja vista a necessidade de apresentação do projeto ao Comitê de Ética, aprovação, seguida da coleta de dados.

Por estar inserido em uma cultura ocidental, entendo que não poderia deixar de tensionar as linearidades, binariedades e essencializações de gênero. Este questionamento ficará bem visível no subtópico “masculino e feminino?” do segundo capítulo. Objetivando não estender o debate a caminhos que não poderia me aprofundar, optei por não abordar as múltiplas identidades das “bichas”. Portanto, um recorte foi realizado para melhor se adequar aos propósitos desta pesquisa.

Sob aspecto dos estudos na antropologia das emoções, podemos considerar, aludindo à leitura de Víctora e Coelho (2019) que, no Brasil, o tema se consolidou gradativamente com publicação de teses e dissertações e também pela recorrência do assunto em reuniões das principais associações científicas – Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM) e Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Anpocs). Anteriormente, Marcel Mauss (1980), em “A expressão obrigatória dos sentimentos”, demonstrou atenção para a dimensão emocional da experiência humana. Alguns funcionalistas, à exemplo de R. Benedict, M. Mead refletiram acerca da relação entre organização social e afeto, seja, respectivamente, por meio do estudo da honra japonesa (“O crisântemo e a espada”) seja pelo estudo sobre temperamentos socialmente desejáveis para homens e mulheres, em “Sexo e Temperamento”. Michelle Rosaldo (1984) nos traz a ideia de que as emoções são pensamentos incorporados. Ou seja, a partir do momento em que estamos envolvidos em certas situações, ocorre uma espécie de transição entre pensamento e afeto. Ainda mais: esses últimos se diferenciariam, de acordo com Rosaldo (1984), entre a mera escuta do choro de uma criança e uma escuta sentida – quando percebemos que existe perigo ou que a criança é a nossa filha (Rosaldo, 1984, p. 38). Esta autora, por meio da análise dos estudos feitos com Ilongots, percebeu que são díspares as reações diante de sentimentos como a “raiva” quando comparadas com as emoções existentes nas sociedades ocidentais. Isso nos faz perceber que, além de cada sociedade ter uma concepção diversa para cada tipo das emoções existentes e possíveis, cada indivíduo possui a sua forma de apreensão, diante de contextos, cultura e situações. Sofremos interferências da cultura e diante de diversas experiências, as filtramos e, com isso, as emoções são em nós incorporadas. Assim, cultura não se distancia das emoções, não é estanque. Exige observar muito mais complexidades e fatores anteriores para que aquele indivíduo reagisse de determinadas formas. Por meio de uma breve comparação entre trabalhos Castaño Zapata e Ruiz Romero – etnografia na Colômbia, em Tumarco, comunidade em

situação de guerra; María Elvira Díaz-Benítez com estudo central sobre a pornografia, tanto no trabalho acerca da indústria pornográfica quanto na discussão sobre a “pornografia da vingança” e José Miguel Nieto Olivar, que produziu etnografia acerca de uma cafeína lésbica, residente em cidade situada na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru; pode-se perceber a relação entre violência e emoção, com perspectivas, respectivamente, mais voltadas para o medo, a humilhação e a solidão.

A finalidade desse trabalho não é construir generalidades ou certezas, mas produzir material para que possamos discutir sobre as masculinidades em contato com a hegemônica a partir da vivência de um homem gay afeminado ou bicha. Embora repletos de desafios e sofrimentos, finalizo a dissertação com a “cultura pop”. Tenho a impressão de que a autoetnografia, além de abordar aspectos de nossas vivências individuais, fala de uma dor que nos é conhecida, mas também tem alguma felicidade. Optei por não colocar assuntos como estupro enquanto discussão aprofundada para debate porque procurei na criança “viada” alguma alegria, alguma resistência. Por isso, existem algumas das referências que permearam nossa infância e que puderam criar uma alternativa de mundo colorido, “dançante”, que nos possibilitou existir e sorrir. Espero que fiquem tão satisfeitos com esta leitura como eu fiquei com esta produção. Nunca deixem de ser o que consideram correto. Abruptos são os momentos, mas sempre que possível, seja você, pois essa é uma das formas mais legítimas de deixar as nossas pegadas no mundo.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem metodológica qualitativa, enquadrando-se nos tipos descritivo, exploratório e etnográfico/autoetnográfico. A intenção central tensionar as “masculinidades” com experiências afeminadas. Para isso, além de mim, trabalho com mais duas pessoas afeminadas, sendo eles um homem homossexual afeminado e uma pessoa não-binária afeminada. Além deles, entrevistei três homens homossexuais. As trajetórias, independente da identidade reconhecida, possuíram interseções e contraposições. A pesquisa se baseia em diversos métodos, incluindo a revisão bibliográfica e entrevistas.

As entrevistas, como instrumento de coleta de dados, podem oferecer uma visão acerca dos ensinamentos que são inculcados durante a nossa trajetória de vida, bem como *insights* qualitativos, permitindo o encontro de temas comuns, mas também díspares, muitas vezes distantes do senso comum, o que traz riqueza ao debate em tela.

A análise dos dados coletados foi conduzida por meio da análise de conteúdo, que possibilitou identificar padrões, categorias recorrentes e novas agendas de pesquisa. O recorte realizado foi transversal, uma vez que a coleta de dados se deu uma única vez para posterior análise, com foco em uma população o mais específica possível.

As dimensões de análise abordadas nesta pesquisa são multifacetadas. Uma delas é acerca da socialização das pessoas que aqui trabalham com o meio externo, quais são suas influências e quais são as possíveis coerções e segregações do meio; além disso, visualizo o fenômeno do armário como uma descoberta, com zonas de proteção, sobrevivência e, de certo modo, contínua, permeando toda a nossa existência.

Ao longo da dissertação, os instrumentos de coleta e a técnica de dados são mais bem elaborados, visíveis e contextualizados com os sujeitos do estudo, bem como serão mencionadas algumas das possibilidades que encontrei para a pesquisa baseada em fases da vida e na autoetnografia.

CAPÍTULO 1 – VIDA ADULTA

1.1 Autoetnografia e as suas múltiplas vozes

1.1.1 As vozes

Além da minha participação enquanto indivíduo que auxiliará a construir essa discussão, teremos cinco entrevistades: Tadeu, José, Fabiano, Alex e Daniel. Reconhecemos que existem mais vozes do que as existentes nessas narrativas, por isso a proposição de expô-las.

Tadeu é um homem branco, homossexual, de porte atlético, de classe média³, com 31 anos. Nasceu em Niterói e durante a sua vida viveu em algumas cidades de Minas, entre elas Juiz de Fora. Ele é formado em Direito, mas atualmente trabalha como “Uber” para suas contas. Atualmente vive em São Paulo, mas transita constantemente pelas cidades que passou. Eu o conheci por meio de uma colega que o apresentou a mim e disse que ele se interessou pela pesquisa. Entretanto, durante as tratativas com minha amiga, ele ressaltou que não era afeminado e, por isso, provavelmente, poderia não se encaixar no escopo da pesquisa. Porém, o mantive na pesquisa por considerar importante seu relato. No decorrer da pesquisa, ele comentou que se dizia “padrão” mais porque as pessoas assim o denominavam, performando, em alguns momentos, a “feminilidade”. Disse não haver problema em ser chamado de “bicha”, por exemplo.

José é uma pessoa não-binária, branca, magra, de classe média⁴, com 31 anos. Nascido e criado em Juiz de Fora, atualmente reside em Belo Horizonte. Hoje se considera uma pessoa não-binária afeminada, mas já se identificou como uma pessoa gay. Elu já passou por diversos abusos durante a vida, entre esses alguns espancamentos por pessoas “de fora”, ou seja, do ambiente externo, mas possui muito apoio de sua família (pai, mãe e avó) para ser quem é. Devido a essas situações, elu tem que tomar certos cuidados, quanto à vestimenta, comportamento, bem como leva uma arma de choque na bolsa, caso seja necessário se defender de uma possível violência.

Daniel é um homem homossexual branco, de porte atlético, de classe média⁵, com 42 anos. É professor de Ensino Superior e reside no Rio de Janeiro. Tive acesso ao seu contato devido a participação no grupo de Embaixadorxs de uma ONG virtual nacional relacionada a variados assuntos de interesse à comunidade LGBTQIAPN+. Nos dias de hoje vive uma relação

³ Características provenientes de heteroidentificação.

⁴ Características provenientes de heteroidentificação.

⁵ Características provenientes de heteroidentificação.

menos conflituosa com a sua orientação sexual. Não disse expressamente que era uma pessoa afeminada.

Alex, homem homossexual afeminado, pardo, gordo⁶, com 35 anos. Ele é psicólogo, vive em Manaus. Inicialmente, durante a sua infância, morou em palafitas, em um bairro precário e com bastante pobreza. Em momento posterior, a situação melhorou e eles (sua mãe, ele e sua avó) puderam mudar de espaço e foram para uma casa mais afastada daquele local. Atualmente ele vive no mesmo “quintal” que seu tio. Devido a isso, Alex não pode expressar a sua sexualidade livremente, mesmo sendo “assumido”. No início da pesquisa, meu esposo entrou em contato com algumas pessoas do grupo da ONG Embaixadorxs (porque ele teve acesso à formação primeiro do que eu) e Alex já tinha se mostrado muito interessado. Devido à trajetória partir de pessoas afeminadas, queria compor a pesquisa com pelo menos duas pessoas se identificassem desta forma.

Fabiano, homem homossexual branco, magro, de classe média⁷, dentista, com 32 anos,. Ele nasceu em cidade do interior de Minas, mas morou em Nova Friburgo durante a graduação. Ele se considera um gay “discreto” e acredita que “bicha” é um termo pejorativo e ofensivo. Por ser um contato próximo do meu marido, me contatei com ele para saber de seu interesse na entrevista. Ele é assumido para a família, mas nunca conversaram diretamente sobre o assunto.

Eu, William Knust Reis, homem homossexual branco, magro, de classe média, servidor público, com 32 anos. Nascido e criado em Nova Friburgo. Sou um gay afeminado ou “bicha” para os mais íntimos. Vivi na minha cidade natal, mas acabei transitando pelo Rio de Janeiro e Juiz de Fora. Sou “assumido” para a minha família. Embora ter havido um conflito inicial com a “revelação”, convivíamos relativamente em paz acerca deste assunto. Atualmente, precisei me afastar deles por questões de saúde mental antes mencionadas.

Todas as entrevistas se deram em caráter online, onde os participantes se sentissem mais à vontade. A maioria deles estava em uma sala ou quarto na ocasião, à exceção de Daniel que por ter uma rotina de trabalho mais intensa, me perguntou se poderíamos conversar em trânsito, enquanto ele estivesse saindo faculdade, se direcionando para casa. De pronto, aceitei. Devido a possíveis intempéries, tomei certos cuidados, principalmente em relação à conexão, pois em alguns momentos os turnos de fala poderiam ser interrompidos, as imagens poderiam ficar travadas. Havia a chance dos ruídos externos incomodarem, o que me fez ficar ainda mais

⁶ Característica proveniente de autoidentificação.

⁷ Características provenientes de heteroidentificação.

atento, pedindo apenas a repetição em caso de extrema necessidade ou se identificasse uma parte inaudível. Isso foi fundamental para evitar o estresse, bem como não perder o fio da meada. A distribuição geográfica foi feita de maneira aleatória, entretanto, a maioria dos pesquisados encontram-se no Sudeste, nas cidades Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Apenas Alex é de Manaus.

1.1.2 Autoetnografia e escrevivência

Escrever sobre si é um ato que requer coragem. Desenvolver a sua trajetória por meio de lembranças ou talvez até memória requer um certo incômodo e este sentimento, por certas vezes, ainda é mais desafiador, considerando o ato de entrevistar pessoas com experiências semelhantes às nossas. A autoetnografia, método que acredito ser predominante em minha escrita, foi construído e entendido durante as minhas experiências e percepções enquanto cursei a pós-graduação. Em 2021, apresentei, inicialmente, um projeto dentro do campo de estudo de gênero e sexualidade à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), mas com o tema voltado para a pesquisa de mulheres *trans/travestis*. Entretanto, com o decorrer do tempo, aumento de repertório e algumas reflexões acerca de minhas vivências, decidi mudar um pouco o escopo da pesquisa, para conseguir adequar o que havia vivido ao campo do meu interesse, qual seja gênero e sexualidade.

Por isso, após observar atentamente a minha trajetória, enquanto “bicha”, que passou pelas intercorrências inerentes à vida de uma criança “viada”, pude perceber que alguns dados seriam relevantes para a pesquisa que objetivaria exercer durante os dois anos de Mestrado, tal como violência, saída do “armário”, violências e humilhações. Após as leituras de algumas autoras que trabalham a temática feminista, tal como Rubin, Biroli e Gonzalez comecei a me indagar o que seria importante retomar da teoria para dialogar com as masculinidades as quais estudo. Isso tudo se confirmou quando ouvi, pela primeira vez o termo “Escrevivência”, consagrado por Conceição Evaristo em um Congresso do “Diverso”, em 2022, grupo de pesquisa e estudos vinculado à faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A autobiografia contém alguns elementos que são utilizados pela autoetnografia enquanto metodologia de pesquisa. É necessário entender, primeiramente, que escrever e publicar a narrativa da própria vida foi (e ainda é) um privilégio dotado às classes dominantes. Lejeune (2008) é conhecido no Brasil como o “pai” do “pacto autobiográfico”, pois foi aquele que introduziu a noção de autobiografia como contrato. Ou seja, existiria um contrato de leitura

entre autor-narrador-personagem e o leitor a estabelecer as regras desse jogo. Ele faz uma crítica em relação “A autobiografia dos que não escrevem”, ou seja, histórias contadas por pessoas, geralmente pobres, a outras que têm o conhecimento da escrita, as escrevem e, no momento da publicação, a autoria é dada como conjunta. Ao criticar Annie Mignard, redatora de uma “autobiografia” em colaboração, François Maspero diz que “uma vida tem apenas um ator”. Ou seja, para ele, segundo Lejeune (2008):

O autor era a pessoa que *vivera* aquela vida suficientemente dolorosa ou exemplar para ser apresentada ao público e que assumira aquele relato diante do gravador; o resto seria apenas trabalho técnico, mais ou menos bem feito e não daria direito a nada. Maspero associava, pois, o papel do redator ao de um tradutor (Lejeune, 2008, p. 115).

Nesse tipo de autobiografia, o autor acaba por imitar o processo autobiográfico, contudo, respeitando o gênero referido. O que o escritor deseja saber é da vida do outro, da sua visão de mundo, da sua maneira de se expressar. Lejeune (2008) nos mostra que essa autobiografia em colaboração abre uma brecha no sistema, fazendo do “verdadeiro” autor um artefato e causa ao “autor” um efeito de contrato. Ele reflete que:

A *divisão do trabalho* entre duas pessoas (pelo menos) revela a multiplicidade das instâncias implicadas no trabalho de escrita autobiográfica como qualquer outra escrita. Longe de imitar a unidade da autobiografia autêntica, ela ressalta seu caráter indireto e calculado. Somos sempre *vários* quando escrevemos, mesmo sozinhos, mesmo nossa própria vida (*idem*, p. 117).

Na autoetnografia, entretanto, há algumas outras perspectivas que considero interessantes para o começo dessa abordagem, mas, em especial, de que a autoetnografia permite que nós, num lugar de “excluídos”, com vozes caladas e até mesmo não merecedores de afeto, tenhamos a oportunidade de falar e reunir essas vozes com outros de nós que têm vivências similares. A autoetnografia é produto e processo (Ellis, C., Adams, T.E., & Bochner, A. P., 2011). Esta, de certa forma, conta uma história, mas possui caráter científico. Embora alguns autores tenham tendências mais a uma autoetnografia evocativa (com uma caracterização mais “literária” e apelativa) e analítica, a autoetnografia não se confunde com a autobiografia. Esses mesmos autores nos dizem que os autoetnógrafos não devem apenas usar as ferramentas metodológicas e pesquisa da literatura para analisar a experiência, mas também considerar formas que outros podem experimentar similares epifanias (*idem*, p. 276). Por meio disso, é possível usar o que foi vivido para ilustrar outras facetas, fazendo com que esse conteúdo se torne familiar para pessoas pertencentes à “comunidade” referida ou não. Esses autores propõem uma autoetnografia evocativa, em que haveria densas descrições da experiência pessoal e interpessoal. Além disso, essa escrita seria acessível, por possuir facetas

de uma narrativa, de certo modo até literária para conseguir se comunicar com um público maior.

Outro aspecto, de especial interesse para a abordagem de nosso tema, é que, quando estão dentro do grupo, os autoetnógrafos são mais conhecedores do assunto, das dores e de outros aspectos intrínsecos, que são relatados pelos nativos, por exemplo. Digamos, assim, que, se na etnografia, geralmente, de um ponto de vista “clássico”, são lidos autores que estudam o “outro”, o diferente e até mesmo o “exótico”, na autoetnografia, esse “outro” é o próprio indivíduo que relata e estuda o assunto. Denzin, Lincoln e Smith (2008) nos dizem que:

Antes, a serviço do etnógrafo (branco, masculino, heterossexual, de classe média/alta, cristão, saudável), os etnógrafos indígenas/nativos agora trabalham para construir suas próprias histórias pessoais e culturais; eles não consideram mais a subjugação (forçada) desculpável⁸ (Denzin, Lincoln e Smith, 2008).

Dentro desse escopo, podemos nos visualizar em uma narrativa pessoal em que possuímos histórias e estas são fenômenos, que, ao serem escritos de maneira evocativa, dão vazão as nossas vidas acadêmicas, de pesquisa e pessoal (Berry, 2007; Goodall, 2006; Poulos, 2008; Tillmann, 2009). Procura-se entender, de acordo com Ellis (2004, p. 46), o indivíduo ou algum aspecto que intersecciona o contexto cultural, além de gerar uma certa conexão com outros indivíduos, participantes e pesquisadores; faz também com que os outros sejam convidados a experimentar um pouco do mundo do próprio autor, pensar e refletir sobre suas próprias vidas. Além disso, esse processo de escrita tem, em alguma medida, algo de terapêutico. Juntamente a isso, esse material, quando exposto aos leitores, pode promover uma melhora em nossos relacionamentos, reduzir o preconceito, bem como evidenciar a voz de pessoas que antes poderiam não ter se sentido ouvidas.

Por outro lado, Anderson (2006) promove outro tipo de visão acerca da autoetnografia, fazendo algumas críticas à autoetnografia evocativa. O autor propõe uma autoetnografia analítica. Uma das questões discutidas por ele, é o fato de que muitos estudiosos, embora envolvidos com seus problemas de pesquisa e os relatando em suas escritas, não fazem uma autorreferenciação ou uma autorreflexão sobre suas próprias experiências. Uma das críticas feita à autoetnografia evocativa é que, em algum momento, os autores dessa corrente nos induziriam a pensar que se deve ter alguma “empatia” ao ler a escrita autoetnográfica. Para Anderson, existem cinco características principais dessa pesquisa: 1) Completo status de membro pesquisador (CRM, em inglês), ou seja, ele deve ser um participante que contenha as

⁸ Tradução própria.

características completas daquele grupo de estudo e, por isso, deve gravar eventos e conversas e sob determinado ponto de vista, por ser um pesquisador, se distancia um pouco mais da atitude dos outros participantes, que podem viver de uma maneira mais completa o momento. Entretanto, a vantagem é considerada parcial, uma vez que os membros de um grupo raramente exibem uma unidade de crenças, valores e alguns níveis de comprometimento. Hayano (1979, p. 102) nos informa que “‘Realidades’ culturais e interpretações dos eventos entre os indivíduos de um mesmo grupo são, geralmente, altamente variáveis, díspares ou contraditórias”; 2) Reflexão Analítica. Anderson (2006) reflete que:

Enquanto etnógrafos há muito reconhecem a importância de compreender as relações entre os pesquisadores e seus dados, a etnografia mais tradicional não se concentrou nessa questão de uma maneira reflexiva particularmente sustentada. Em vez disso, os etnógrafos se concentraram no exterior, em compreender e tornar compreensível para os outros um mundo social além deles mesmos. (Anderson, p. 382, 2006).

Os autoetnógrafos, ao contrário, devem refletir acerca da realidade vivida, ainda mais por fazerem parte do grupo de observação. De fato, a interrogação autoetnográfica do eu e do outro pode transformar as próprias crenças, ações e senso de identidade do pesquisador (*idem*, p. 383). Essa visão é proposta também por Wagner (2012) para etnografia, quando pesquisador está em contato com a nova cultura. Isso é extremamente importante para a metodologia à qual estamos nos referindo. Ainda mais: esse questionamento, essa inquietude que possui o investigador, que direciona e envolve o que propõe as ciências sociais, é fundamental para a pesquisa antropológica, em especial a autoetnográfica. Michel Agier (2011) indaga “Não deverá o investigador em ciência social estar sempre inquieto quanto ao estado do mundo? Não será essa inquietação precisamente para que servem as ciências sociais e seus investigadores?” (Agier, 2011, local. 766); 3) Pesquisador visível e ativo no texto: por ser um membro no ambiente de estudo e um pesquisador nesse mesmo universo, a autoetnografia demanda uma visibilidade desse indivíduo. Ou seja, essa visibilidade faz com que o leitor enxergue um engajamento pessoal do pesquisador diante do problema pesquisado; 4) Diálogo com informantes além de si mesmo: para evitar escrever uma autobiografia, o pesquisador deve estar em contato com outros colegas de trabalho ou pessoas que estejam em situações similares; 5) Compromisso com a pesquisa analítica. Anderson (2006) nos explica que:

O propósito da etnografia analítica não é simplesmente documentar a experiência pessoal, fornecer uma “perspectiva interna” ou evocar ressonância emocional com o leitor. Em vez disso, a característica definidora do conhecimento social analítico é usar dados empíricos para obter *insights* sobre um conjunto mais amplo de fenômenos sociais do que aqueles fornecidos pelos próprios dados. Esse objetivo de transcender os dados tem sido uma

garantia central para a pesquisa em ciências sociais tradicionais (Anderson, 2015, pp. 386-387).

O termo “Escrevivência” foi cunhado e elaborado por Conceição Evaristo (2020) em sua literatura. Nesta, os personagens brancos se apresentam, em geral, como a personificação do poder. Infelizmente, mesmo em uma ficção, isso se reflete na condução da História. A autora, inclusive, reflete que os personagens negros, em diversas obras, são encaixados em certos estereótipos, tais como: preguiçosos, adultos infantis, desorganizados em seus ambientes sociais e culturais, extremamente sexualizados com seus corpos infecundos, sujeitos incapazes de pensar ou viver alguns sentimentos, como amor e afeto. A identificação com pessoas LGBTQIA+ é que, de certo, vivemos também a experiência da exclusão, entre outras condições que se interseccionam. Conceição (2020) explica que “Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera” (Evaristo, 2020, p. 35). Ainda nos diz que busca apreender o mundo, “para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha” (*id*). A autora ainda reflete acerca da não existência de uma experiência narcísica na produção da Escrevivência, uma vez que, o espelho que reflete narciso não reflete o “nosso” rosto e tampouco há eco, uma vez que Narciso é surdo às “nossas” vozes.

A autoetnografia envolve percepções da autobiografia e da etnografia, mas possui escopo próprio. Ela confere uma oportunidade aos segregados ou, pelo menos, abre margem para isso. A etnografia possui um interessante escopo. Laplantine (2004) faz uma importante observação. Tal como outras artes, valendo-se de exemplo a pintura, tem em comum com a etnografia o olhar fora da “tela”, o modificar o olhar por meio de uma diferenciação do “ângulo” e a necessidade da observação para fora do “quadro”. Quanto às contribuições da fotografia, esta é definida como uma “exageração do próprio olhar”, permite uma descrição imediata do real, com suas peculiaridades. A fotografia permite que se dê importância ao “olhar” na construção de saberes, mas, ao mesmo tempo, aguça nossa atenção para o fato de que esse não pode ser totalizante, de longe absoluto, mas somente parcelar e, em consequência, nunca único. Para o autor, portanto, não há a possibilidade de existir a neutralidade na descrição. Mas a experiência e o observar a sua transformação em escrita estarão, em contraponto, sujeitos a enquadramentos epistemológicos. Ainda mais: por lidar com a diferença e, por muitas vezes, se confrontar, a Antropologia não deixa de oscilar entre lugares ora universais, ora particulares. Há a existência, segundo o autor, de uma “poligrafia” da etnografia, uma vez que há pluralidades de “diferentes leituras da diferença”. A etnografia, imersa em uma diversidade de pontos de vista e modos de compreensão, constitui a Antropologia. O conflito que surge é

exatamente entre ver (registrar os fatos) e descrever (produzir a forma e, em consequência, transformar o visível), fazendo com que a vivência do antropólogo em sua pesquisa advinha da experiência de ver, de testemunhar, pois não é possível separar enunciação e interpretação, essa tão quista neutralidade buscada pelas ciências ditas “puras”. Como nos mostra Laplantine (2004), a descrição (etnografia) não é unicamente descritiva e a explicação (antropologia) não explica tudo. A solução que se encontra é a via da narração, em que o indivíduo que observa participa do que é visto, e *graphé* e *ethos* se unem numa escrita e cultura unidas. E é nisso que consubstancia a antropologia: nas diferenças.

Em outro lugar, localiza-se a “escrita dos que não escrevem”, abordada anteriormente como uma forma de pensar que sempre estamos, de algum modo, falando com outros, por outros, de outros, mesmo sem estarmos conscientes disso. Na “Escrevivência” vemos que abordar nossas vidas é importante papel fundante e, ao fazermos isso, estamos também exercendo certa atividade política. O objetivo principal é entendermos que essa dissertação tem sim um aspecto de autoetnografia, ora de escrevivência, talvez, de uma autobiografia científica. Logicamente, essa produção não se envolve aos interesses comerciais que podem permear a produção de algumas autobiografias, que fazem com que nossa escrita se modele a uma narração vívida e, em muitos momentos, aumentada ou inventada, em que são escolhidos elementos chaves para causar certos sentimentos, polêmicas, aproximações com objetivo de ocorrerem maiores vendas. Em alguns instantes, minha narrativa estará mais vacilante, mas percebi que algumas experiências não compartilhadas por mim deveriam ser salientadas. Em outros, encaixarei a moldura sobre outras estórias. Assim, o que teremos, é um diálogo, entre os entrevistados e o próprio pesquisador, que compartilhará suas experiências à medida que houver pertinente relação com o assunto.

1.1.3 Memória

A memória é algo que faz parte de nós e, em especial a memória dos subalternos, nos persegue como um algoz. Um dos meus entrevistados me disse que aquelas vozes, ou seja, palavras de preconceito e repulsa feitas a ele, ecoavam em sua mente e ele não poderia esquecê-las. No texto “Memória, Esquecimento, Silêncio” de Pollak (1989) é observado como a memória individual tem uma certa tensão com a memória nacional, uma memória construída com certo propósito. Embora o texto aborde em si sobre, entre elas, a situação dos deportados na época do nazismo, bem como aqueles que sofreram amargamente durante o stalinismo, algumas considerações e interações são plausíveis. Essa memória que se objetiva trazer, primeiramente, encontra eco em outras narrativas. Essas, apesar de serem particulares e terem

suas vicissitudes, destoam em muito ao discurso forjado, principalmente em tempos de outrora, mas recentes. Ao dizer sobre a existência de um “kit gay”⁹ nas escolas, criar imageticamente uma visão ilusória de gays associados à pedofilia, ao sexo exacerbado, à promiscuidade, à descredibilidade, a invalidação de existências e trajetórias é aparato suficiente para que muitos de nós sejamos violentados das maneiras mais cruéis, em especial por nossos familiares e sociedade. Nos localizamos no campo das possibilidades e, num objetivo utópico, desejaria que essas vozes aqui relatadas encontrassem escuta pública, como reivindicação ao que nos foi posto, imposto. Em “1984”, de George Orwell, o personagem principal da distopia, tem uma função peculiar: substituir as memórias por outras. As memórias, antes previsões erradas tornam-se previsões corretas. Uma única verdade é incorporada às outras, formando um emaranhado de confusão e gerando esquecimento, em um caótico devir que beira à loucura. Se qualquer sinal emerge de que algo possa estar errado e de que essa “verdade” possa ser colocada à prova, o trabalho hercúleo é exercido dia e noite, por horas exaustivas, justamente para manter a mentira salvaguardada. Na realidade, há tantas nuances de informação que já não se sabe o que é mentira e verdade. As informações se sobrepõem aos fatos e essas se moldam como bem querem. Esse é o modo como os discursos hegemônicos modelam os seres: por meio de grandes e categóricos sentidos comuns o pensamento é enviesado para que se espriem mais mentiras travestidas de verdade.

Ao relatarmos o que nos ocorre, temos a impressão de sentimentos ambivalentes e até mesmo de culpa. Ao dizermos nossas verdades, sentimos medo, mas invariavelmente há a possibilidade de “inscrever nossas lembranças contra o esquecimento” (Pollak, 1989, p. 7). Entre nossas lembranças há zonas de sombra, silêncio, “não-ditos”. O autor nos fala que:

As fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos (*idem*, p. 8).

Essa memória, claramente, como nos diz Henry Rousso (1996), tem um “enquadramento”. Adiciono a isso certas referências. Para nós, ao tratarmos de memórias pessoais e que têm uma carga afetiva, nos lembramos dos cheiros, dos barulhos, dos toques, do jeito, das expressões, dos semblantes e do modo. Essa é a alternativa que proponho ao

⁹ O “kit gay” foi um material elaborado pelo governo federal brasileiro com intuito de gerar informação rumo a uma escola sem homofobia, entretanto, foi alvo de deturpações e *fake news*, sendo intitulado por muitos de “kit gay”. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/84/conheca-o-kit-gay-vetado-pelo-governo-federal-em-2011>, acesso em 08/12/2023.

testemunho. Ao lermos o que foi dito encontraremos também um pouco de nós, em algum momento podemos imaginar a dor que sentiram, o desconforto, o constrangimento, a não aceitação e o deslocamento do indivíduo para um não lugar. Talvez, assim, essas memórias possam possuir algum semblante.

Sobre outro aspecto, focalizado agora na produção autoetnográfica, autores como Anderson (2006) e Chang (2008) colocam exatamente como uma “armadilha” o valor dado à memória quando usada como uma ferramenta de pesquisa. Tendo em vista que a autoetnografia já se utiliza da experiência pessoal como dado primário, usar a experiência única e individual proposta por meio da memória poderia trazer certas “invenções” ou até mesmo distorções que são peculiares a esse aparato de nossos corpos. Essa mesma armadilha poderia se coadunar com outra, que é o isolamento do indivíduo em relação a outros de sua comunidade. Por isso, a utilização de entrevistas em profundidade foi uma possibilidade que se mostrou viável para a produção do trabalho. Assim, as narrativas, em muitos momentos dialogarão. Em outros momentos, se mostrarão distantes na experiência, ao que é essencializado como uma vivência própria de uma pessoa afeminada ou não afeminada, demonstrando que, quando tratamos de indivíduos, suas camadas devem ser desnudadas ao máximo possível para que não cometamos equívocos.

1.2 Fases da vida e homossexualidade

1.2.1 A experiência de vida para o corpo destoante

É certo que há alguma divisão entre os momentos da nossa vida, seja por aspectos temporais ou por alguns signos representativos a cada fase de nossa existência. Mas essa certeza não é tão certa, ou mesmo que possua asserção suficiente para nos convencer, pode não ser a mesma partilhada por todos os indivíduos. Ao tentarem conceber as fases da infância, por meio de uma perspectiva da psicologia do desenvolvimento, nos defrontamos com aquilo que é forjado como infância na sociedade ocidental. Cohn (2013) nos apresenta a importância de realizarmos uma antropologia em que as crianças mostrem suas visões de mundo, suas perspectivas e experiências. A autora utiliza alguns exemplos acerca de comunidades indígenas que consideram as crianças como mediadoras; como pessoas dotadas de um olhar que tudo vê, mas que nada sabe por serem crianças; ou até mesmo a necessidade de se cumprimentar os bebês e crianças antes de se apresentarem aos membros adultos de uma dada casa ou comunidade. Em nossa sociedade, a escola acaba sendo uma instituição que coloca em um patamar de sapiência e conhecimento uma única pessoa, em geral; os pequenos seres são

dominados e ensinados a como se “comportar”, a exercer certo tipo de papel no mundo. A medicina categorizava (ou ainda categoriza) nossos pequenos como normais ou patológicos, diante de alguma característica ou performance inadequada para certo período, pela timidez ou falta de amigos. A patologização se espalha para outras esferas, no que tange ao gênero e a sexualidade, evidenciando a recente retirada da classificação de doenças a homossexualidade e ainda mais recente, a transexualidade¹⁰. Fica claro para mim, por meio das entrevistas, que muitas das crianças aqui presentes não tiveram uma escuta ativa ou interessada para que pudessem construir sua subjetividade. Talvez os olhares dos familiares, escolares e meio social esperavam um comportamento ou performance diferente daquela que a criança apresentava. Alguns foram abraçados por suas famílias, mas foram pisoteados por outrem, muitas vezes não existindo qualquer motivo aparente para as múltiplas violências que os interpelaram. Outros, precisaram mudar de cidade para encontrar abrigo. Para além de nossa pesquisa, creio que muitos ainda estão a vivenciar múltiplos sentimentos que dissolvem suas personalidades e seus seres todos os dias.

Manheim (1982), ao discutir sobre a questão das gerações, nos põe em reflexão sobre o movimento que é feito entre elas, já que, as características que se põem e que as categorizam não são meramente fisiológicas, embora essas sim existam. O movimento de “nascimento” de uma nova geração faz com que, gradativamente, uma concepção da mais antiga mude ou seja vista sob outra perspectiva. Existe, em certa medida, a convivência do “velho” com o “novo” e então acontecem outras transformações, em muitos casos sobre o mesmo fenômeno, em diversas camadas. Provavelmente seja por isso que em famílias com maior influência de religiosidade com tendência conservadora, ocorram certas “tensões contrastivas” (Duarte, 2009) que põem os indivíduos em disputas. Com nossos nativos não seria diferente e inclusive isso ocorreu comigo, motivo pelo qual entendi que o tema deveria ser abordado um pouco mais pormenorizadamente à frente.

No caso homossexual, Simões (2004) faz uma abordagem sobre curso de vida e identidades. Primeiramente, para falarmos de identidade homossexual é necessário que compreendamos que essa identidade depende de termos situacionais, relacionais e contrastivos. Por outro lado, o autor nos mostra ser evidente a existência, na maioria dos estudos acerca do

¹⁰ Ser homossexual deixou de ser considerado uma doença em 17 de maio de 1990 e a ser transexual deixou de ser, oficialmente, em maio de 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/ha-30-anos-oms-retirava-homossexualidade-da-lista-de-doencas/>; <https://pubmed.com.br/transexualidade-nao-e-mais-considerada-um-transtorno-mental/#:~:text=Embora%20essa%20informa%C3%A7%C3%A3o%20tenha%20sido,a%20nova%20edi%C3%A7%C3%A3o%20da%20CID>. Acesso em 08/12/2023.

tema, uma marca política em relação à afirmação dos indivíduos, que possuem uma luta contra o peso e a pressão das convenções sociais. Ainda sobre isso, nos conta que uma visão que se estabeleceu bastante proeminente é a relação entre possibilidades socialmente disponíveis para afirmação das identidades e o processo de constituição dessas. Embora haja diversas questões que poderiam ser debatidas em relação às deficiências que existiram na abordagem em fases da vida, tal como a generalização e essencialização da vivência de pessoas homossexuais, bem como o fato de essa concepção, em muitos casos, poder fazer com que se entenda que a vida é composta de estágios “evolutivos”, em que devemos estar melhores do que nos anteriores. Estudos feitos por Plummer (1975) e Cass (1979; 1984) tentam explicar um pouco acerca das interseções existentes na vida de pessoas homossexuais. Embora haja algumas disparidades entre os autores, algumas características são compartilhadas por eles: a) a existência de um primeiro estágio, em que crianças e adolescentes bloqueiam seus desejos sexuais; b) um próximo período, relacionado à experimentação e significação, em que há uma maior turbulência e tensão, levando o indivíduo a considerar seus desejos como “normais”; c) uma revelação ou *coming out*, conduzida a partir da adolescência, em que, durante a puberdade, o indivíduo entende suas predileções sexuais. Logicamente, isso dependerá de condições favoráveis para o indivíduo se “assumir”. Entretanto, deve se ter cuidado, pois os modelos de estágio podem ser vistos sob a seguinte perspectiva:

Os modelos de estágio acabavam por impor uma ordem abstrata e artificial às histórias de vida, tendendo a reificar e simplificar transições que, na experiência real, podiam ser muito mais complexas e ocorrer em diferentes momentos ao longo da existência (Simões, 2004, p. 430).

Sob uma outra perspectiva, alguns olhares, devido a certos recortes, podem evidenciar mais o que certas vivências partilhadas podem refletir no relato dos seres. Heilborn (1999), ao analisar entrevistas com homens e mulheres, entre 20 a 45 anos, residentes na cidade do Rio de Janeiro, trouxe vários dados que podem ser pertinentes para o que discutimos aqui. O escopo da discussão está relacionado no enfoque de práticas e valores relativos à sexualidade e ao gênero, mas podemos nos atentar para como começa a sexualidade para algumas das pessoas entrevistadas: por meio da penetração. Para alguns deles, o sexo, aparentemente, mostra certo tipo de performance ou rito de passagem. E esse movimento se torna ainda mais evidente quando tratamos de homens em estratos sociais com menor poder aquisitivo. Esses homens, ainda meninos, precisam trabalhar para sustentar suas famílias e o ato sexual permeia toda essa construção, que os retira de um momento tão fundante para nós enquanto indivíduos: a infância. Percebemos aqui então a interseção entre os meninos bichas, pessoas afeminadas e

provavelmente com outros indivíduos que apresentem alguma característica destoante: a violência.

José, entrevistado não-binário conta que teve muito apoio na infância, mas que, durante sua vida sofreu vários abusos e violências que foram perpetrados contra a sua existência, como apanhar na rua, além de abusos sexuais. Ele me contou que hoje tem que andar com uma arma de choque elétrico na bolsa, além de, anteriormente ter que possuir em sua bolsa um recipiente de laquê, além de um isqueiro, que, quando utilizados em conjunto, formavam uma chama ou labaredas que teriam o fulcro de afastar seus abusadores. Aprendeu também a defesa pessoal, lutas como capoeira e krav maga. Após ouvir todos os abusos que sofrera, me questionara acerca de quem era essa pessoa atualmente. Ou seja, se José era capaz de identificar o que mudou e quem era esse indivíduo antes e após tantas brutalidades. Ele me responde que:

Eu não sei. Acho que antes dessas violências, eu acho que a minha essência ela continua a mesma (...) de quem eu sou, mas acho que eu fiquei mais duro, uma pessoa mais dura, mais rígida. Eu era uma pessoa muito mais afetiva e afetuosa do que eu sou hoje em dia e eu sinto que isso é muito por tudo, igual eu falei, eu acho que eu ainda tenho minha essência que é muito ser uma pessoa muito afetiva, mas, ao mesmo tempo, comparando de como eu era e de como eu vejo hoje em dia (...) às vezes eu vejo mais (as coisas) como elas são. Então, eu acho que é uma mudança, tinha uma certa inocência. Igual para falar, eu acho que (...) eu tive que enfrentar a realidade de coisas muito duras muito cedo, por isso que eu sinto que tem uma quebra (...) eu era muito mais afetuoso, afetuoso não é palavra, eu sinto que eu sou uma pessoa afetuosa, mas, talvez eu demonstrasse mais, eu fosse mais. Eu era uma pessoa mais expansiva. Hoje em dia, eu sou uma pessoa muito mais fechada do que eu era, converso com todo mundo, trato todo mundo bem. Antes eu era muito aberto a conhecer as pessoas e deixar elas me conhecerem. No geral, às vezes eu sinto que eu me fecho um pouco, então, é uma certa frieza da minha parte que eu não tinha, mas quando eu paro e analiso, eu ajo friamente (...) eu boto uma barreira no que diz a mim mesmo.

Apenas por esse breve relato, é possível entender que a vida para os corpos destoantes não é a mesma. Seja o homossexual afeminado, pessoas não-binárias, essa transformação acontece a todo tempo. Eu mesmo não sou a mesma pessoa que fui antes. Isso seria normal, ao considerar o tempo, experiência e outros fatores existentes com o passar da vida. Entretanto, vivemos violências e restrições por sermos considerados diferentes em algum ponto. Logicamente, a tentativa desse trabalho não é essencializar ou naturalizar as experiências vividas, mas pô-las em debate. Por isso, a ferramenta que se mostrou mais adequada para mim foi a divisão, embora nem todos os tópicos se adequem perfeitamente a todas as fases, haja vista a existência de uma vida não estanque e dinâmica, em que muitas das nossas vivências tendem a repercutir em muitas outras. Somos seres em constante formação e transformação. E, por isso mesmo, ao que somos expostos é fundante para as nossas escolhas e a nossa construção. Tadeu,

ao ser perguntado de que maneira a criação dele fez com que ele chegasse ao que é hoje ou se ele acha que poderia ter sido diferente ao que é, ele me responde que:

Eu não sinto que a minha família em si pode ter me podado porque o povo até gostava que eu fazia show, só que eu acho que eu comecei a sentir vergonha desses shows, que eu fazia por ouvir outras pessoas falando. Sabe, os meus tios assim de casa não viam um problema, eu acho que eles viam maldade hoje, talvez deveriam ver, que é a galera que não curte nada¹¹, todo mundo é hétero na família e tal. Mas eu vejo que teria sido diferente (...) eu acho que a gente é muito criado na sociedade para precisar ser alguma coisa, que a gente acaba escolhendo profissões e meios de ganhar dinheiro sem, talvez, será o que a gente tem habilidade? Por exemplo, eu não sei se eu sei fazer cabelo. Esse é um exemplo que eu vou te dar, então, não sei fazer cabelo. Se você fizer a unha, se você fizer esse tipo de coisa (...) são coisas são coisas taxadas de gays, né, que a gente não pode fazer. Se eu fizesse para minha irmã, não poderia continuar fazendo porque “ah, isso é coisa de viado”. Então, tipo assim, “ah, Tadeu, só me ajuda a fazer chapinha agora, mas você não pode fazer que isso é coisa de gay”. Se a gente tivesse a liberdade de poder fazer tudo que quiséssemos fazer desde criança (...) hoje é o que eu dou como exemplo: eu poderia ser um cabeleireiro de sucesso e ganhar muito mais dinheiro do que ser um advogado, sabe, porque uma escova de cabelo assim é R\$ 500,00. Eu faço três escovas de cabelo no dia e eu tô rico. (...) Talvez se eu tivesse para outros cantos, uma dança, coisas realmente, assim, que são que a gente não é permitido fazer, né, por ser algo gay, a gente teria tido outro tipo de sucesso. Então, acho que eu poderia estar em outros lugares sim. (...) Eu conheço outros meninos hoje em dia, conheço pessoas mais novas que não foram podadas, essas coisas e são cabeleireiros de sucesso, sabe. Meninos de 22 anos e que, às vezes, não são afeminados, por exemplo, sabe, não tem trejeitos e estão fazendo o dinheiro dessa forma. Então acho que teria, assim, um patamar diferente. Eu acho que talvez não teria escolhido fazer o curso de Direito, teria feito outras coisas, experimentado coisas diferentes, né, que a vida poderia ter me permitido.

É possível, perceber, portanto, como as experiências podem ser essenciais para determinar o comportamento e escolhas do indivíduo. José, uma vez tendo vivenciado a violência de diversas maneiras, se fechou de alguma maneira, afunilando seu eu para não sofrer. De certa forma, com um jeito mais frio ele se blindou contra a violência. Assumir suas expressividades, desde falar de algum modo até andar de salto alto foram constrictos devido a influências sociais. Sob outra perspectiva, Tadeu pensa em suas opções, nas possibilidades enigmáticas do que não aconteceu. Em decorrência de fatos que fogem o seu domínio, pensa que poderia ter tido outro caminho se o que vive não tivesse sido posto. Embora ambos tenham “perfis” diferentes, podemos relacionar que, em algum momento, a vida que têm foi escolhida por alguém que não era elus. Se, em casa, José encontra abrigo, é dentro dela que Tadeu

¹¹ Tadeu refere-se aos seus familiares que não curtem ou comentam fotos com o seu namorado nas redes sociais.

experiencia a homofobia e o preconceito. Ambos são interpelados por expectativas e pressões. Elus possuem limitações em suas vivências, haja vista terem uma existência pré-construída.

1.2.2 Homossexualidade e envelhecimento

Muitas situações envolvem o envelhecimento, desde, muitas vezes, a imprecisão terminológica quanto ao trato dos indivíduos, se “velho”, “idoso” até pô-los em grupo denominado “terceira idade”. Peixoto (1998) faz uma análise comparativa entre a utilização desses termos no Brasil e na França. Na França, a questão da velhice se mostrava no sentido de as pessoas poderem ou não proverem seu futuro financeiramente. Os indivíduos que não tinham como realizar isso, ou seja, que não possuíam estatuto social, eram designados como velho (*vieux*) ou velhote (*vieillard*). Por outro lado, aqueles que possuíam maior poder aquisitivo eram conhecidos como idosos (*personne âgée*). Entretanto, é necessário ressaltar que o termo velhote, no século XVIII, não possuía conotação pejorativa e era utilizado para designar os velhos abastados. Um grande estigma que é colocado sobre a pessoa idosa é sua retirada do mercado de trabalho, o que gera a preocupação acerca das aposentadorias. A partir dos anos 60 do século XX, ocorre um aumento das pensões, o que gera um prestígio em relação aos idosos. Retirado gradativamente das comunicações oficiais, o uso do termo “idoso” se torna mais frequente, o que representa sinal de respeito. Peixoto (1998) reflete que:

Se é verdade que os velhos se tornaram pessoas mais respeitadas através do termo idosos, este parece ser ainda mais valorizado com a criação da categoria aposentado, que introduz melhorias nas condições de vida das pessoas envelhecidas: através de instrumentos legais elas passam a adquirir um estatuto social reconhecido. No entanto, a aposentadoria traça contornos homogêneos neste novo recorte das idades, criando assim uma identidade comum em torno do universo da velhice, uma vez que classifica as pessoas não-produtivas segundo a idade cronológica. O estabelecimento do direito à inatividade remunerada – a aposentadoria – permite a uma geração uma situação de disponibilidade e de ociosidade que se transforma em novos hábitos, em novos traços comportamentais e, portanto, em uma luta contra os estigmas de velho e velhote (Peixoto, 1998, p. 74).

Posteriormente, surgiu o termo “terceira idade”, em que envelhecer se daria de maneira ativa e independente. A impressão que se tem é de uma nova etapa na vida, em que se deve realizar exercícios diários, possuir uma alimentação balanceada, além de necessidades culturais, sociais e psicológicas. A função do termo é amenizar, abrandar e colocar no diálogo uma palavra que anteriormente havia sido rechaçada e difícil de ser falada. Isso dá margem para uma identificação de “jovens idosos” e “idosos velhos”, surgindo para as pessoas de 75 anos um novo espaço: a quarta idade.

No Brasil, há algumas similitudes com o caso francês. O termo “velho” apresenta pessoas pertencentes a uma camada social desprivilegiada, associando mais diretamente ao envelhecimento e ao declínio. A mudança para o termo idoso era clamada, entretanto, as políticas públicas em relação a pessoa idosa só foram se dar posteriormente. Ações e leis como a Eloy Chaves foram marcos para o início de um pensamento brasileiro em direção à aposentadoria e à asseguarção dos indivíduos durante a velhice. Entretanto, apenas com o advento da nossa Constituição de 1988 foi assegurado o salário-mínimo para o idoso aposentado. A velhice, em muitos momentos, é associada a solidão, a ruptura com o meio social.

No caso do homem homossexual, algumas questões são debatidas. Primeiramente, a figura imagética do *daddy* que, mesmo idoso, apesar dos cabelos brancos, é musculoso, viril. De acordo com Simões (2004) este esconde a verdadeira situação que acaba ocorrendo com o passar do tempo: o declínio do desejo, perda da atratividade física e o virtual apagamento da pessoa como sexuada e estas são características que geram repúdio dos pares *gays* em contato. Na boate em que frequentava, no início da minha vida adulta, por diversas vezes via uma pessoa mais velha sendo chamada de “cacura” e, em seguida, havia os risos. Se aquela pessoa não experimentasse as características de fetichização *daddy* antes brevemente expostas, elas, geralmente, se encontravam sozinhas naquele local, quando encontradas. Gagnon e Simon (1973) afirmaram que os homens homossexuais possuem menos recursos do que seus pares heterossexuais para enfrentar a questão do envelhecimento. Esse sentimento de declínio, de acordo com os autores em suas pesquisas, já era experimentado por homens homossexuais por volta dos 30 e, no mais tardar, aos 40 anos, em que esse sentimento entraria em conflito com uma vida centrada na importância da sexualidade.

Também há uma perspectiva melhorista em relação ao envelhecimento, como mostra Simões (2004), com o surgimento de outras perspectivas acerca dessa fase da vida, em que o conhecimento adquirido seria um dos aspectos positivos a serem ressaltados. Talvez a figura da “cacura” possa ser antítese do termo “coroa”, que seria:

(...) um personagem de idade indefinida, mas portador dos sinais visíveis da “máscara de envelhecimento”: o cabelo grisalho, as rugas, a cintura grossa, os movimentos um tanto mais lentos. O “coroa”, tipicamente, parece ser o homem maduro de modos viris, que tem saúde, disposição física, apresentação pessoal e dinheiro suficiente para frequentar alguns espaços do chamado “circuito *gay*”, encontrar amigos, beber, se divertir e também tentar a sorte no mercado da paquera (Simões, 2004, p. 420).

No meu caso sempre vi a velhice como algo estranho. Com os primeiros cabelos brancos após 30 anos, percebi que estava ficando velho. Envelhecendo dia após dia. E isso me

amedrontou de uma forma absurda. Mandeí mensagem para minha nutricionista lhe questionando se havia algum tipo de suplemento para “impedir” ou tornar mais lento esse envelhecimento. Ela disse que aquilo era natural e que, quando começava, não havia mais como parar. Tentei colágeno. Um dia, após perceber que as fotos do meu celular estavam com o filtro ativado, resolvi desativá-lo. A partir dali, foi uma crise de personalidade muito grande, pois percebi que não era aquela pessoa que emergia nas fotos. Eu já possuía bastante marcas de expressões e “pés-de-galinha”. Entender que o envelhecimento e a morte são processos decorrentes da existência ainda me faz refletir e pensar em como posso aproveitar meu tempo para ser feliz. Quanto aos meus entrevistados, quando me senti à vontade, fiz a pergunta de como eles se viam na velhice.

Fabiano diz que, na velhice, se vê com um parceiro, de preferência envelhecendo com o atual parceiro. Falou que imagina ser um idoso moderno, ativo, que pratica esportes, com a cabeça boa. Idoso, mas com uma alma “jovem”. “Mantendo a jovialidade, buscando as coisas, produzindo, trabalhando, acho que eu vejo uma velhice só do corpo, mas da mente não”, relata. Ainda diz que não irá envelhecer como sendo aquela vovó fazendo crochê, aquele velho que fica no banco da praça “esperando a morte chegar”. “Quero uma velhice ativa, né? Talvez, futuramente, ter filhos, adotá-los ou não”. José diz “eu espero que bem”, ao ser perguntado como se enxerga no futuro. Fala ainda que:

Eu não sei. Eu não sou uma pessoa que costuma ficar pensando...não mais. Muito nisso de eu vou tá daqui a tantos ou como eu acho que eu vou tá. Porque eu já fiz isso e já me frustrei. Mas, de certa forma, assim, eu me frustrei na época, mas hoje em dia eu falo assim “ah, que bom que eu me frustrei, porque eu gosto de mim do jeitinho que tá”. Mas, eu não sei, eu acho que, eu espero que melhor. Melhor que eu digo, tanto de aprender, de tá com a cabeça boa, de conseguir acompanhar o tempo que a gente tá vivendo, não ficar estacionado (...) eu acho que é isso que eu imagino pra mim, que eu queira.

Observamos por meio dos relatos, assim, que a velhice parece estar associada ao esquecimento, a não ter saúde, a não ser jovem, a não ser ativo. Esses estereótipos surgem como um fantasma na vivência de homens homossexuais e não-binários. Estar com o “bubum durinho”, “tudo em cima” são características que dão certo valor a esse grupo. Mas talvez não seja suficiente. Veremos adiante como o padrão ou a masculinidade é associada ao corpo, mas também a performance dos atores em debate.

1.2.3 Limites e possibilidades para escolha da abordagem das fases de vida e autoetnografia

Encontrei alguns desafios interessantes que gostaria de partilhar. Pensei em não escrever um subtópico relacionado a esse assunto, mas como algumas coisas, principalmente no que tange à divisão dos temas para dissertar sobre trajetórias de vida, se demonstraram muito importantes durante a produção, resolvi partilhar. Em primeiro lugar, é necessário dizer como conheci os participantes dessa pesquisa. Além de realizar procuras, algumas pessoas foram fundamentais para me auxiliar nesse fortuito encontro. Uma colega da faculdade se dispôs a conversar com seus amigos – entre eles gays e não binários – para perguntarem se estavam interessados no âmbito da pesquisa. Embora alguns deles não se dizerem afeminados, isso foi esclarecido com Tadeu, que disse que por gostar de certos hábitos, como a academia, lugares que frequentava, era considerado gay padrão e por isso se colocava em tal classificação. Por ter aberto esse escopo, consegui uma grande vantagem: além de possuir relatos que poderiam ser distintos, ainda conseguiria encontrar algumas interseções, como as experiências dos mais diversos tipos de preconceitos e constrangimentos. Não se assumir, para Tadeu, gerou um enorme constrangimento quando foi sumariamente retirado do “armário “por outrem, como veremos adiante. Apesar de não ter sido retirado do armário, José deve voltar a ele, em alguns momentos, para manutenção de sua proteção. Alex, oscila, entre fora e dentro, uma vez possuir uma família preconceituosa e violenta. Daniel entrou em contato comigo após uma postagem em grupo de *whatsapp*, como anteriormente mencionado e Fabiano por meio do meu marido. Todos os procedimentos éticos foram seguidos dentro da pesquisa, tal como deixá-los à vontade para responder ou não as perguntas existentes ou até mesmo para desistirem em algum momento.

Em segundo lugar, o que deu tônica à metodologia foi uma composição entre o questionário não estruturado até o semi-estruturado. O questionário que fiz abordava claramente pontos focais, tal como “o que é ser gay?”, “o que você considera como bicha”, “você já vivenciou alguma experiência constrangedora sobre sua sexualidade?”, “como é a sua relação com a sua família?”, “o que você considera como padrão?”. Entretanto, logo no início da primeira entrevista percebi que direcionaria muito as perguntas, que poderiam se encaixar ou não àquelas vivências. Por isso, decidi que o entrevistado narrasse a sua trajetória, a sua maneira e enquanto isso, discretamente anotava perguntas para fazer ao final. Disse que eles não precisariam falar questões envolvidas diretamente ao gênero, para não os induzir a responderem perguntas pré-formatas. Por conhecerem o tema da pesquisa, eles o fizeram mesmo que eu não pedisse. Além disso, durante as entrevistas, percebi que, após um assunto, eu não poderia simplesmente intervir e perguntar “você sofreu preconceito, né?”. Percebi que

se eu perguntasse diretamente esse tipo de pergunta, o entrevistado apenas diria “sim” ou não desenvolveria. Por isso, perguntava absolutamente o contrário e, assim, eles negavam e falavam ainda mais, relevando aspectos importantes de suas vivências. Outro caso que aconteceu foi com Fabiano. Ele me disse, de pronto, que não lembrava de nenhuma questão de gênero, o que fez com que eu adotasse outra estratégia. Ao perguntar sobre temas satélites, como “como era morar em tal cidade?”, “mas e lá, você ia pra balada?” eu conseguia chegar a perguntas “mas, naquela época, você já ficava com outros meninos?”. Foi isso que me permitiu essa entrevista, uma vez a grande defensiva que apareceu nesse momento. Ou seja, resumindo: a organização da entrevista se deu com um momento pré-gravação, em que todos os procedimentos éticos foram esclarecidos, como se conduziria a entrevista, um tempo para dúvida foi concedido e, em seguida, com a gravação, pedi para que eles me contassem sobre a sua trajetória de vida, em qualquer ordem que elus vissem sentido, desde que contassem o a sua infância até o momento atual. Quando eles não falavam da relação escolar, na infância, a pergunta era feita, amoldando-se a sua trajetória. O que não fazia sentido, era descartado. Isso exigiu uma extrema sensibilidade, uma vez que, por serem entrevistas *online*, certas intempéries ocorreram, o que me exigiu reformular a rota e fazer apenas as intervenções necessárias.

Perceber que a vivência de pessoas que possuem fatores situacionais diferentes que permeiam suas existências é uma tônica para a leitura desse trabalho. Nesse sentido, Bordieu (1998):

(...) Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado (Bordieu, 1998, pp. 189-190)

A determinação do primeiro capítulo como “vida adulta” e o último “infância” foi intencional. Primeiramente, fui perpassando os caminhos que emergem uma certa estabilidade e aceitação, para desnudá-los e contar sobre a infância. Nela, além de conterem os relatos dos pesquisados, introduzi também um debate sobre referências, cultura “pop”, pois percebi que devia enxergar um pouco de felicidade em ser bicha, não-binária ou um corpo destoante. Se somos abjetos, temos alegria e por meio dessa encontramos alguma forma de resistir. Além disso, algumas ênfases foram postas de modo a evidenciar o que é mais interessante para

pesquisa, como a homofobia e violência. Alguns tópicos, poderiam ser escritos na vida adulta, mas o foram na infância porque é nessa fase que percebi começarem os assédios, abusos sexuais. Usei também a minha sensibilidade para deixar aflorar essa escolha. Não totalmente sem sentido, mas num teor de Anthropological Blues, de DaMatta (1978) ou do deixar se afetar, como demonstra Jeanne Favret-Saada (2005). É muito difícil não cair em certas armadilhas como se autovitimizar ou até utilizar este trabalho como um meio de “vingança” diante de alguns sofrimentos e más intervenções, num sentido de “agora todo mundo vai saber o que você fez”. Mas tentei não fazer isso. O afetar a que me refiro é trabalhar o conhecimento com afetividade, dando a devida atenção a situações que, inevitavelmente, me interpelam e me tocam, como pessoa e como pesquisador. Parto de um lugar e se algo foi colocado erroneamente ao entendimento de outrem, deixo livre para a interpretação do leitor. Mas peço que olhem com atenção ao que está sendo dito e revelado, pois essa masculinidade (ou masculinidades) permeada(s), possui(em) diversa(s) face(s) e entendo a dificuldade de se abordarem todas as perspectivas ou pontos de vista possíveis, gerindo o tempo para a hábil produção e apresentação desta dissertação.

1.3 Corpos destoantes e masculinidades hegemônicas

1.3.1 O que é ser homem?

O conceito da masculinidade hegemônica envolve vários meandros, inclusive a própria confusão com a masculinidade tóxica. Alex, em nossa conversa, me disse que se eu perguntasse a ele o que seria masculinidade, ele não saberia responder, pois a masculinidade que a ele havia sido apresentada era uma masculinidade tóxica, em que homens precisavam escarrar e arrotar na rua, bem como desmoralizar as mulheres para serem homens. Connel e Messerschmidt (2013) abordam o conceito de masculinidade hegemônica, começando pela sua origem, abordando diversos estudos, que emergiram a partir dos anos 1970, iniciando a abordagem acerca do “papel masculino”. Nessa mesma época, o conceito de homofobia foi tomando forma e já estava sendo atribuído ao papel masculino convencional. Nos anos de 1980, a continuidade dos estudos centralizou-se no grupo dominante. Os autores nos explicam que:

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria de homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação das mulheres aos homens (Connel; Messerschmidt; 2013, p. 245).

Sob um aspecto de cumplicidade masculina, a hegemonia não estava relacionada diretamente com o uso da força, embora essa pudesse ser utilizada, mas, sobretudo, com a ascendência alcançada por meio da cultura, das instituições e persuasão. De acordo com os autores, no final dos anos de 1980 e início dos anos 1990, assuntos relacionados a homens e masculinidade começaram a emergir no campo acadêmico. Nessa época, os estudos sobre a masculinidade envolviam, por exemplo, os seguintes temas: nos esportes, mesmo feridos, os participantes continuavam exercendo suas atividades; o confronto como reforço da masculinidade e como esse meio era repleto de violência e homofobia; na criminologia, quanto à propensão para homens praticarem certos crimes; a questão das instituições militares, em que padrões específicos de masculinidade hegemônica eram predominantes.

Os autores criticam o conceito, que pode possuir certa essencialização do caráter dos homens, podendo impor uma única forma a algo que, de fato, é fluido. Outra questão é que a masculinidade acaba se encontrando em um lugar binário de diferenciação entre macho e fêmea, se enquadrando em uma perspectiva heteronormativa, que desconsidera outras possíveis exclusões dentro das categorias de gênero. Além disso, desconsidera aspectos históricos e sociais, haja vista que a atuação dita masculina apresenta exigências diferenciadas, devendo-se considerar a interrelação com diversos outros fatores. Connel e Messerschmidt (2013) nos dizem que:

A masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular (*idem*, p. 250).

Talvez, o conceito de masculinidade hegemônica, no sentido de alguém de fato exercer ou possuir certos caracteres, não exista, mas sim de serem exigidos tipos de comportamentos de seus pares, tal como enlouquecer, se mostrar, dirigir bêbado, entrar em uma briga, defender seu próprio prestígio. Por outro lado, a masculinidade pode incorporar situações específicas, ou modos de se trajar de pessoas homossexuais, por exemplo e continuar se mantendo, apesar de não estar necessariamente sendo hegemônico. Em um nível “regional” mais amplo, são difundidos modelos de conduta admiráveis, que são ovacionados pelas igrejas, mídias de massa e Estado. O gênero permeia diversos locais em que sua produção se dá, por meio de um controle do espaço escolar, em que padrões de encontros afetivossexuais, discursos homofóbicos e assédio são difundidos. Assim, a masculinidade hegemônica pode ser constituída de forma que não corresponda de maneira verdadeira à vida de nenhum homem real. Ainda assim, esse

modelo se expressa em vários sentidos, ideais, fantasias e desejos muito disseminados. Eles oferecem modelos de relações com as mulheres e soluções aos problemas de relação de gênero (*idem*, p. 253).

Logo, como mesmo nos diz Butler (2021) quando alguma pessoa homossexual tenta se comportar como uma pessoa heterossexual, não está performando no sentido de repetir hábitos do “original”, mas sim da própria cópia. Ou seja, ele seria “cópia da cópia”, uma vez que nenhum homem conseguiria alcançar todos os requisitos necessários para cumprir a meta de sê-lo. “A repetição imitativa do ‘original’ (...) revela que o original nada mais é do que uma paródia da ideia do natural e do original” (Butler, 2021, pp. 66-67). Alex, após realizar a mudança do lugar em que vivia com sua mãe e em proximidade com familiares, uma vez que, anteriormente, morava em palafita em região repleta de pobreza e insalubridade no interior de Manaus, se sentira mais livre para ser ele mesmo. Morava com a sua avó, que conseguiu comprar uma casa. Deixou o cabelo crescer, limpou a sobrancelha, começou a se maquiar. A primeira coisa que ele comprou com seu salário foi um pó compacto: “queria ver a minha pele como uma porcelana”, ele conta. Entretanto, após um tempo, os tios e parentes começaram a mudar para lugares nos arredores da casa em que residia. Embora vivessem em casas diferentes, inclusive em bairros. No final de semana a “reunião” acontecia na casa de sua avó. Ao conviverem com Alex, começaram a pressionar sua mãe para que as coisas mudassem, cobrando que Alex tivesse uma namorada, para que ele fosse mais masculino, que parasse de ser “frouxo”, que parasse de ser “menininha”, que seus tios estavam falando, a cobrando e que ela não estava mais aguentando. Sua mãe, já saturada, pediu aos tios de Alex que falassem com ele e que mostrassem a ele como era “ser homem”. Ele conta que:

Meu tio mais errado de todos chegou comigo e disse: vou te levar no puteiro, vou te pagar a melhor puta, é uma puta top, não sei o quê, vamos tal dia. Eu: “meu Deus, o que eu faço?” Fui nesse puteiro. Peguei lá e sentei na mesa. Tava ele mais quatro amigos dele, e eu. E eu disse: “meu pai do céu, o que que eu tô fazendo aqui?” E lá vem puta, sobe na mesa e vai...um mete a boca, outro mete a boca e quando chegou a minha vez que ele falou “meu sobrinho, tua vez”, aí eu falei “eu não vou meter minha boca aí que vocês já meteram, vou tá sugando a baba que vocês sugaram, eu não vou”. Isso funcionou, porque ele disse “vou pagar o quarto, então, pra você ir lá, não sei o quê, com ela”. E aí lá ela se limpa, não sei o quê. E aí eu peguei e disse “meu Deus, o que eu vou fazer?”. E eu não queria, sabe. Mais uma vez, ter que passar por toda a violência (...), por toda...eu não queria viver de novo aquilo. E aí eu fui, quando ela chegou lá “você é tímido, tire a roupa” e eu peguei e disse “amiga, o negócio é o seguinte, senta aqui comigo e me conta como é ser puta, porque, qualquer coisa, se não funcionar nada na minha casa, eu venho pra cá”.

Esse momento foi de desabafo e acolhimento. “E o nome dela era Xuxa”, conta. “Xuxa” ainda disse “eu não vou contar nada, mas a gente tem que ir, porque costuma ser muito rápido”. Em algum momento anterior, quando Alex tentou mudar sua postura entre 15 e 17 anos, vestindo roupas “masculinas”, namorando uma menina, seus tios começaram a olhá-lo diferente; nas festas começavam a elogiá-lo, falar que ele era o “cara”; ouviu de seus tios que ele poderia ser o orgulho da família. Apesar disso, Alex conta que chorava muito e fazia um personagem. Seu rendimento escolar decaiu e, apesar de uma intervenção escolar, depois dele ter contato a situação a uma professora de Educação Física, sua mãe lhe bateu. Por outro lado, quando teve dinheiro suficiente, já na vida adulta, devido a seu interesse pelo conhecimento, se tornou gerente de um estabelecimento e seus tios vinham a Alex pedir-lhe dinheiro emprestado, apesar de sua orientação sexual. Em momento posterior, esse mesmo tio que o levou ao prostíbulo conheceu uma mulher e eles tiveram um filho. A moça disse que não poderia sustentá-lo. Esse tio falou que poderia ajudar quando pudesse, mas não queria assumir a responsabilidade por ele. Alex prontamente assumiu a responsabilidade pelo menino, que acabou sendo registrado em cartório. Seu tio ainda dissera que ele seria a melhor pessoa para cuidar de seu filho.

Essa concepção de “ser homem” está muito próxima do que Paglia (1992) definiu como “hombridade” em contato com a palavra “femealidade”. Diferente dos termos feminilidade e masculinidade, que possuem em si significados mais abrangentes, os primeiros são construções culturais pertinentes à gênero que se encaixam em uma construção ocidental. Assim, o caráter dominante da hombridade (masculinidade ocidental) faz com que sejam exigidas constantes afirmações e reafirmações, além de grande disciplina e autocontrole para manter o *status*, que impõe ao homem duras provas. Entretanto,

Há que se ter cuidado de não incorrer no erro de um determinismo das estruturas; olhar para aquilo que é ser homem, portanto, é lobrigar para as múltiplas determinações socioculturais que são vividas por pessoas reais. É focalizar as maneiras como se organizam hierarquicamente, atentar às múltiplas identidades, às expressões psíquicas e aos sentimentos vividos na interação cotidiana (Freitas, 2002, p. 33).

É possível verificar, portanto, que as múltiplas ideias do que é ser homem ou não, passam por constante processo de negociação, podendo ser questionadas, reforçadas. São oriundas de fluxos sociais e não são estanques.

1.3.2 O “permitido” e o “proibido”

Quando era mais jovem, percebia que havia alguns espaços reservados a homens e a mulheres. Eu mesmo, me colocando à disposição para lavar a louça, entrei em certo combate com a minha mãe, que retirava furtivamente – e até, de certo modo, agressiva – a panela das minhas mãos dizendo que eu não sabia fazer aquilo. O mesmo acontecia quando queria fazer pipoca nas panelas, ela continuava com o mesmo discurso de que eu não conhecia, não sabia. Minha avó paterna arrumava comida no prato do meu avô, respondia a tudo por ele, que nem se dava ao trabalho disso. Meu pai era responsável por certas atividades domésticas, como consertar algo, trocar o chuveiro, resolver problemas burocráticos que a minha mãe não tinha conhecimento e não fazia questão de aprender. Meu pai, após o início da minha adulta, ia com certa frequência ao bar, sozinho. Minha mãe se omitia a ir e não se sentia confortável. Assim, o que se mostrou durante a minha vivência era que certas práticas, atividades e comportamentos pareciam já designados a homens e mulheres.

Desde a infância, percebemos que existem espaços e hábitos que nos são permitidos, ora outros, proibidos. Vale de Almeida (1995) em sua etnografia *Senhores de Si*, em que trabalha em Pardais, uma pequena freguesia localizada na região de Alentejo, Portugal, nos mostra os espaços que são reservados para mulheres e homens. As mulheres ficam em casa preparando as refeições para seus maridos ou em cultos, enquanto os homens têm suas rotinas em bares, cafês. A igreja e a casa são lugares predominantes para as mulheres, aos quais os homens são avessos. Por outro lado, há a presença a mulher pura, casada, casta, tendo como antítese a mulher desviada, que atíça os homens e que tem um imenso desejo sexual. Essa observação do autor nesse local interiorano mostra como a mulher é vista referencialmente aos homens. Ou seja, tanto a mulher santa como a desviada só o são se estão casadas (matrimonialmente unidas ao homem) ou se o atíçam (não vinculadas matrimonialmente ao homem) não possuindo, aparentemente, características desatreladas dessa concepção. Roberto DaMatta (1997) nos faz entender a importância da casa e da rua em contexto simbólico no Brasil. Há, para o autor, um “espaço moral” fundamentado pela oposição entre as categorias “casa” e “rua”:

Quando (...) digo que “casa” e “rua” são categorias sociológicas para os brasileiros estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade (...) capazes de despertar emoções, reações, leis (Da Matta, 1997, p. 12).

Assim, o privado é entendido como “doméstico” e a “rua” entendida como espaço para homens. Para nós, homens homossexuais, ter uma postura para eles considerada feminina é

como uma ameaça. Alguns dos homens héteros se sentem desconfortáveis diante de qualquer exposição a uma possível “passividade”, colocando-se, em muitos momentos, nesses papéis de maneira jocosa ou risível. Vale de Almeida (1995) observa que além das histórias exageradas sobre proezas sexuais, existem também convites jocosos à homossexualidade, expressos estes no apalpar das nádegas, no acender de um isqueiro no traseiro do outro, convidar o outro a sentar-se no colo, dar beijos no ar, agarrar os testículos (Almeida, 1995, p. 41).

Em algum momento, Fabiano me conta que ele se “assumiu” durante o período da faculdade. Perguntei a ele se não era problema falar com seus colegas de classe sobre o assunto. Ele me respondeu negativamente. No entanto, no seu relato, me disse que:

A turminha era muito hétero (...) um colega meu, super amigo meu e a gente via que ele era gay e tudo, mas ele dividia apartamento com outros três moleques super héteros, assim, que pegavam no pé dele, então ele não se assumiu durante a faculdade, foi assumido depois, entendeu? (...) eles ficavam brincando, implicando com ele, “olha o jeito que você anda com essa sacola”, não sei o quê.

José, por outro lado, conta o medo que tinha de andar na rua por já ter sofrido, entre os 14 e 18 anos, quatro espancamentos: “Para mim era muito desconfortável tá na rua e qualquer ambiente, assim, muito social, com muita gente, era muito desconfortável, mas, ao mesmo tempo, eu sentia que eu não podia paralisar”. Entretanto, ele passou a ficar se regulando, no sentido do que usar na rua para não sofrer outros ataques gratuitos e espontâneos. Vale ressaltar que José nasceu e foi criado na cidade de Juiz de Fora.

Por outro lado, Alex me contou que ouvia durante sua adolescência as seguintes frases de seus familiares: “tu te ajeita porque senão eu te deixo aleijado na porrada”; “na minha família não vai ter não, ter monstro, eu mato”; “vou jogar água quente na tua cara e no dentro do teu... ‘aí falava a parte íntima”, relata. Mais tarde, quando um dos tios de Alex descobriu que ele estava se relacionando com homens, disse: “eu vou te falar só uma vez, se tu não mudar até amanhã, eu vou te matar e sua mãe nem vai saber. Eu sei a hora que tu sai, por onde tu passa, eu vou mandar te apagar, porque na minha família não tem”.

A violência que ocorre com o gay, em especial o afeminado, percorre a mais tenra infância, de modo a fazer com que ele se comporte de acordo com padrões comportamentais gerenciados por normas ditas apropriadas para pessoas heterossexuais. Com isso, a criança, desde cedo, já é sexualizada, não podendo experimentar de maneira verdadeira a sua infância, sendo categorizada e afunilada. Esse *modus operandi*, explicado por Colling (2012) não é ingênuo:

Assim, começamos a ser criados/educados e violentados para nos comportar ou como meninos ou como meninas. Caso não sigamos as normas, começamos a sofrer violências verbais e/ou físicas. Ou seja, a violência sofrida por aqueles que não seguem as normas comprova que a norma não é natural e normal. [...] A violência é modus operandi com o qual a heterossexualidade sobrevive inabalável. (Colling, 2012, p. 88).

O dispositivo da violência é extremamente importante para a manutenção dos corpos desviantes nos espaços em que eles – sociedade, família, instituições – desejam que permaneçamos.

1.4 Relacionamentos

1.4.1 Individualidade

A concepção de indivíduo é um conceito que tem sua conformação no ocidente, advinda da modernidade. O renascimento do humanismo classicista grego, em conjunto com adventos na astronomia, além de outras mudanças, como a representação do corpo, coloca um certo tipo de indivíduo como sujeito da sociedade. Hoje, a nossa Constituição considera que somos todos iguais, sob uma visão formal e que devemos ser desiguais em nossas desigualdades, sob uma perspectiva material. Heilborn (2004) demonstra como o indivíduo, antes identificado por laços e vínculos com a família, que se externalizavam por meio da proteção e da lealdade, são visualizados, em certa medida, como unidade. Por meio da ideia de Foucault, que coloca a sexualidade como um atributo para construção dos seres ou até mesmo para suas formas de existência, o indivíduo vai se colocando na centralidade do discurso e entendendo também seus desejos mais profundos e, com isso, vai delineando sua identidade desprendida do outro, para que com este possa interagir e para que com ele não se confunda completamente. Ao ego é dada a vida e esse possui características intrínsecas que faz o todo consciente, juntamente ao inconsciente, adquirirem certa pertinência e sentido. Weber também aborda a perspectiva da individualidade, por meio da questão do capitalismo, que tem como pressuposto a criação do sujeito normativo igual aos outros. Já Dumont (1992), principalmente no seu estudo referente às castas indianas, desnaturaliza a noção de indivíduo e hierarquia que nós temos. A noção de hierarquia, no mundo ocidental, se apresenta como “cadeia de comando”, cujo principal modelo é o exército. As castas se caracterizam por uma divisão de trabalho, casamentos permitidos e proibidos, podendo se dizer que existe uma certa “pureza”, que justifica o não contato entre duas castas – ou pessoas fora destas. A casta mais elevada não se envolveria em setores

políticos. Diferentemente do que apresenta a sociedade ocidental, os indivíduos não são iguais e vivem situações de ampla desigualdade. A hierarquia, portanto, nas castas, seria mais explícita, enquanto no Brasil, por exemplo, seria mais implícita ou até mesmo velada. A igualdade, portanto, seria uma exceção e não a regra, haja vista que a existência das castas impediria que certas pessoas tivessem alguma “ascensão”. Para Dumont, a maioria das sociedades são holistas – ou com essa impressão de totalidade – e hierárquicas. O Ocidente, no caso, é que seria a exceção. DaMatta (2000) nos diz que:

Meu ponto de vista é que esse problema diz respeito a uma *passagem* da *individualização* (e da *individualidade*), que – permitam-me a grande narrativa – são experiências da condição humana, para o *individualismo*, que é uma ideologia (um valor ou uma determinação social coercitiva e consciente) central apenas na chamada civilização ocidental. Assim se a *individualização* é uma experiência universal, destinada a ser culturalmente reconhecida, marcada, enfrentada ou levada em consideração por as sociedades humanas, o *individualismo* é uma sofisticada elaboração ideológica particular ao Ocidente, mas que, não obstante, é projetada em outras sociedades e culturas como um dado universal da experiência humana (DaMatta, 2000, pp. 9-10).

Essa forma ou construção de individualidade, para Dumont, não é a única, mas se apresenta como hegemônica. Em uma comparação com o tema que estamos abordando, o homem homossexual, em especial os homens afeminados, ao saírem do que é ensinado ou “moldado” para eles, no que tange à experiência de suas vidas, evidenciam sua individualidade. Mesmo sendo parte do todo, possuem suas características que os distinguem. Entretanto, embora haja um afastamento familiar, esse relacionamento é estreitado em determinado momento, ainda que existam certas tensões entre os indivíduos.

1.4.2 Dinâmicas de relacionamentos

Na cidade em que nasci, Nova Friburgo, sempre observei que os relacionamentos homossexuais eram monogâmicos. Eu não fugia à regra, idealizava também esse tipo de amor romântico. Não sei se por uma certa falta de repertório, advinda de uma criação que me desenvolveu a ter esse ponto de vista ou por não conviver com pessoas com outros tipos de pensamento, entendia que esse era o único tipo de relacionamento possível. Em meados de 2009, não me via tão inserido em nossas conversas assuntos como poliamor, relacionamento aberto, entre outros. Dos poucos namorados que tive, nenhum deles falava sobre abrir o relacionamento e entre os “ficantes”, ou seja, pessoas com relacionamento pouco duradouro, percebia uma certa empolgação em iniciar o relacionamento, mas pouco comprometimento verdadeiro com qualquer tipo de vínculo. Antes desse relacionamento, tive muitas dificuldades

para me relacionar com outras pessoas no que tange à vida sexual. Eu, por ser afeminado, mas uma bicha “ativa” (com essa preferência, em geral), via outros homens não se atraindo em mim como tal e, por isso, eram gerados vários constrangimentos, como o de outra pessoa querer performar ativo comigo em relações sexuais, o que fazia com que eu ficasse sem reação, “travado” e nada acontecia. Esta possível contradição entre ser “bicha” (afeminada) e ativa (penetradora) poderá ser entendida mais pormenorizadamente em uma das subdivisões do segundo capítulo “masculino e feminino?” bem como em outra denominada “a bicha”. O fato de ser um homem demissexual fez com que não me adequasse e me fez, por muitos anos, ter “medo” da atividade sexual em si. Era estranho e desconfortável. Isso também pode ser explicado pelo fato de possuir uma criação em que receio e sexo eram sinônimos. Durante muitos anos (e por diversos motivos que não exporei aqui), ouvi de familiares (mulheres)¹² que não gostavam de fazer sexo – devido a abusos sexuais que haviam sofrido, cometido pelo próprio pai – que casamento era uma instituição falida e se mostravam infelizes com sua sexualidade e seus parceiros, no geral. Eu descobri esse abuso por meio de minhas primas, que me levaram a um quarto e me contaram tudo. A imagem daquele familiar que cometera o abuso se dissolveu para sempre. Os desenhos, antes coloridos que lhe entregava, as balas doces que ele me dava, perderam a cor e o sabor. Após aquela descoberta, eu descobri todas as violências que aconteciam naquela casa. A partir daí, entendi o porquê de conviver com a depressão de alguém todos os dias, o porquê da personalidade tão volátil daquela mulher. Se brigássemos, em muitos momentos, eu, por estar falando mais alto, ela dizia que estava igual àquele chamado por ela de “velho”. Eu, por muitos anos, me culpei por cometer um estupro em um momento em que sequer havia nascido. Sempre quando minha avó ia a casa de meus pais, se trancava com minha mãe e conversavam sobre sexo. Eu, à época, não entendia bem o que acontecia e apenas batia na porta pedindo para entrar, curioso (e também um pouco revoltado com a situação). A minha referência sexual era de que a atividade sexual era um abuso, um assédio, algo que machuca e que nos fere das mais diversas maneiras (e experienciava esse sentimento, diretamente ou indiretamente, todos os dias). No meu primeiro relacionamento (se é que posso chamar assim) tive esse sentimento de não liberdade, vergonha. Para mim, nada era natural. Nas idas à boate via as pessoas perguntando quem era a mulher ou o homem. Eu, antes, que nas minhas conversas pela internet com outras pessoas, nunca havia pensado nisso, comecei a entender o que se passava. Passei a não querer que meu namorado me agarrasse por trás e fui

¹² Optei por fazer a descrição mais genérica possível nesta passagem para não identificar familiares, não expô-los e não trazer maior constrangimento, sofrimento, vergonha e culpa que já passaram em toda a sua vida, mesmo que, pela leitura, a identidade dessa mulher fique implícita ou praticamente explícita.

comprando outros tipos estranhos de hábitos que nunca havia imaginado. Lá, esse primeiro namorado, a quem chamo de Thiago, dizia para as pessoas que quem tinha o maior membro, era quem realizava a atividade de penetrar. E nós, ainda nem havíamos feito sexo. Nessa boate já tinha experimentado outra situação incômoda em que, ao beijar um rapaz, depois de alguns segundos, senti a mão dele em minha calça, perguntando “não vai ficar duro não?”. E todas as vezes que saíamos da boate, eu, Thiago, e nossos dois amigos, Wesley e Ricardo íamos a pé para casa de meu, à época, “ficante”. Eu os deixava em um ponto de ônibus próximo a casa dele e ia embora sozinho. Eu sentia medo. Após alguns episódios de resistência, eu resolvi ir com eles. Lá, eu conheci a família dele. Todos pareciam muito gentis. O pai, morava na mesma rua que a mãe de Thiago. Porém, eram separados. O irmão de Thiago, hoje falecido, era hétero. Era impossível não perceber como Thiago mudava o seu jeito quando estava próximo da família, como seguia certos modos diferentes de quando estava comigo. Além disso, quando cheguei à casa dele, que também era de seu pai, observei várias fotos dele com outro rapaz, Marcelo. Ele me relatou que foram casados por anos e que fora o amor de sua vida. Na época não vi problema, pois não via muita maldade nas coisas. Não me incomodei. Demoramos a nos relacionar sexualmente. Após muitas cobranças, fizemos sexo. Por não saber muitas coisas, não me sentir confortável, brochar, fui passivo. Isso ocorreu após termos ido a uma parada do orgulho, antes denominada “parada gay”. Ele inventou alguma discussão para nos dispersarmos e me traiu, achei que poderia “segurar” o namorado com a atividade sexual. Aquele momento que sempre sonhei como um momento especial foi bem diferente do que eu imaginava. Ele, sem preservativo e sem lubrificante, usou shampoo “de cachorro”. Ele trabalhava em um pet shop, na época, e vimos que era a única coisa que poderia servir como tal. Essa dinâmica se mostrava muito comum na minha cidade: presenciei por diversas Wesley indo para o Rio de Janeiro (capital) para encontrar outro rapaz, mesmo se relacionando com Ricardo; indo morar duas vezes com Matheus, que também já fora namorado de Ricardo. Com Thiago não foi diferente, algumas outras vezes certas coisas estranhas aconteciam: ao falar com seus amigos, Thiago os cumprimentava apalpando suas partes íntimas; certo dia, falou que ia comprar cigarro no posto de gasolina, me deu o celular dele e demorou por algumas horas. Mais tarde, descobri que ele havia ido transar nesse mesmo local. Em outra parada do orgulho em nossa cidade, o mesmo aconteceu, Thiago me dera seu telefone celular e foi com seu irmão de moto para o centro da cidade. Eu, que não era ciumento e nem havia pensado nisso, comecei a ficar hiper vigilante. Mas isso era em vão. Embora houvesse essa liberdade, havia pouco diálogo. Entre nós não conversávamos sobre as traições, tampouco sobre qualquer outra coisa. E percebia que assim que se mantinha com Wesley e Ricardo, ocorrendo, numa ocasião, de estarmos prontos para

sairmos para boate e Ricardo ficara na cama, chorando, dizendo que iria ficar, com medo de mais uma traição. Ricardo, com o tempo, atribuiu as traições de seu namorado a mim, dizendo o havia induzido, embora eu não tivesse mais contato com Wesley.

Tadeu me conta sobre os alguns relacionamentos que vivera. O primeiro rapaz que conheceu foi por meio de uma menina que ele já havia “ficado”. Na época, o rapaz era namorado de sua “amiga”. De acordo com Tadeu, ela acabou o vendo como amigo para contar sobre seu relacionamento. O namorado dela residia em outra cidade naquela época e, em um momento que eles não estavam mais namorando, se reencontraram e acabaram se envolvendo. Tadeu afirma que nunca imaginou que teria coragem de beijar um homem, haja vista como fora criado e no meio que crescera. “De ter sempre sido podado, até que, eu acho, de ser afeminado como eu era quando criança, por conta dessa estrutura social (...) da gente não poder fazer isso, não poder fazer aquilo, porque isso é coisa de menina, porque isso é jeito de ‘gayzinho’”, afirma. Para ele, isso era apenas um “tesão” dele, dentro do próprio quarto e ninguém nunca saberia. Ele ficava com meninas, normalmente, entretanto, apesar de gostar, disse não haver tesão, não aquele encontrado com outro homem, quando beijara esse rapaz. Disse que acabaram vivendo uma relação, com alguns amigos sabendo, mas porque eram muito próximos. Os amigos não criavam nenhum empecilho ou preconceito, só não gostavam das frequentes brigas que ocorriam entre eles, em decorrência de eles não se assumirem. Além disso, se alfinetavam e “ficavam” com meninas na frente um do outro para fazer raiva. No total, tiveram idas e vindas durante cinco anos. Contou que teve outro relacionamento, que seus pais aceitavam e esteve com ele por volta de três anos. Relata que hoje se relaciona com outro homem, entretanto, ele ainda não conhece sua família. Quanto à monogamia, ele falou que os dois demoraram um ano para se assumir porque, no caso dele, ele tinha certeza de que queria manter um relacionamento com o atual namorado, mas este tinha dúvidas em relação a se relacionar com outras pessoas. Tadeu conta ainda que:

Para fazer com que as relações deem certo, hoje eu não sei se eu acredito em monogamia. Mas eu não sei se eu também sei viver completamente não monogâmico, sabe. Eu acho que é o que a gente tem que realmente aprender na relação e eu acho que a relação com cada pessoa é diferente. Tipo, eu me sinto aberto a tentar coisas novas, sabe. Por exemplo, eu e meu namorado, atualmente, pensamos em fazer algo com outra pessoa, já tivemos experiência, mas não foi uma experiência que foi boa para ele (...) Porque ele teve ciúmes, porque era um menino que era amigo dele e o menino, querendo ou não, meio que quando ele ia no banheiro, tentava meio que fazer uma coisa só de me pegar, sabe. Para mim, na verdade, eu só vi aquele menino como um objeto naquele dia, que é o que a gente sempre conversa...A gente espera que a nossa experiência sejam pessoas para somar a nossa relação, não ser alguém diferente porque eu quero me relacionar com uma outra pessoa, sabe. Então,

assim, eu meio que tenho entendido dessa forma. Eu estou disposto a isso, mas eu acho que a gente só ainda não fez novamente porque eu sinto que ele tem um pouco de medo de não gostar de novo.

Fabiano conta que, atualmente, se relaciona com um rapaz e que o namoro deles é à distância. Ele nunca havia namorado antes e esse é o seu primeiro namorado. Veem-se regularmente de quinze em quinze dias. Fabiano conta que sente saudade desse contato mais próximo e pretende, no futuro, morar junto ao namorado. Pergunto a ele o que ele considera como um relacionamento “ideal”, ou seja, quais elementos que devem existir em um relacionamento. Fabiano me responde que:

Na minha visão, eu acho que ele tem que ser monogâmico, eu acho, assim, hoje em dia o pessoal tá muito...o pessoal conversando sobre outros relacionamentos que não são monogâmicos, que são com mais de um parceiro...para mim, tem que ser monogâmico, com cumplicidade, muita cumplicidade, muita conversa, alinhar sempre as questões que surgirem, qualquer probleminha que possa aparecer deve tá conversando, qualquer desejo, qualquer vontade, sabe. Eu acho que tem que ter muita conversa, muito diálogo. Sempre essa vontade de querer dividir com o outro as coisas. As pessoas que moram distantes e tudo, que é o meu caso, tirar um tempo pra conversar, como foi o dia, ter uma parceria.

Daniel conta que até os 21 anos namorou menina e somente nessa idade “caiu a ficha de que era gay”. Relata que teve uma namorada, Fabrícia, que, atualmente, é uma de suas melhores amigas. Conta que ele é habituado a fazer a esportes, como musculação. Na academia, havia um rapaz – a qual chamaremos de Leandro – e se aproximaram. Com o passar do tempo, eles começaram a se reunir para tomar suco nos pós treino e em uma dessas ocasiões, Leandro deu em Daniel uma chave de braço e, em seguida, deu-lhe um “selinho”. Após esse fato, Daniel conta que falou “para, cara, que nojento, você é um ‘viado’, seu escroto, bicha”. Acabou se afastando de Leandro e conta que foi o pior mês de sua vida. Ao invés de noivar com Fabrícia, Daniel contou a ela que era gay e, por isso, eles não poderiam se casar. Contou que chegava o horário da academia e ele começava a vomitar. Entretanto, posteriormente, percebeu que estava apaixonado por Leandro e que era gay sim. Após algum tempo, Daniel volta à academia e pede para conversar com Leandro e daí, namoraram durante dois anos. Durante um ano, Daniel não expôs para os seus pais que estava namorando Leandro, mas sim dizia que era amante de uma mulher casada. Durante a faculdade, Daniel conta que não namorou, apenas depois de certo tempo, em que conheceu Vander, que era judeu e ficaram três anos juntos. Ele fala que:

O Vander foi muito importante porque ele me apresentou essa questão da libertinagem sexual, da questão de transar eu com ele, de transar eu com ele mais alguém, né? A gente transava eu, ele e meninas; Eu, ele e outros casais. Entre brigas e situações, a gente acabou se entendendo e acho que foi o que ficou, o que eu pude trazer de positivo da relação, do namoro em si.

Depois ele se casou com Cássio, aos 33 anos. O Brasil havia autorizado em 2013 a união estável para casais homoafetivos e eles aproveitaram o ensejo. Permaneceram quase doze anos juntos. Daniel considera Cássio como responsável por muito do que ele é. Conta que o casamento foi importante para a sua própria aceitação, no que tange ao trabalho, uma vez que, quando se referia ao seu relacionamento com amigos desse local, citava seu namorado no feminino, como se estivesse namorando uma mulher.

José conta que nunca teve um relacionamento. Ele relata que dentro da própria comunidade sofreu preconceito. “Se você é afeminado demais, pintoso demais, tudo que remete ao feminino, você também não é bem visto”. Ele conta que:

Tinha a parte do fetiche. Comigo, particularmente, rolava muita fetichização do meu corpo. Eu sempre fiz esportes, eu sempre dancei, então, eu tinha um corpo, digamos, que ele não tava dentro do padrão, mas, ao mesmo tempo, ele era um corpo desejado, porque eu não sou alto, era magro, mas era um corpo definido, no quesito de músculos, por conta dos esportes e do ballet. Em contrapartida, ao mesmo tempo que eu era desejado eu não era alguém pra se estar em público. Então, eu era sempre a gay afeminada que serve ali, pro cara, pro **homem gay de respeito** fuder, mas não pega, por exemplo, pra tomar um café junto, ou um date, que seja, um jantar. Não é uma coisa que acontece (grifo nosso).

A questão que José comenta sobre o “gay de respeito” se assemelha muito aos homens como outros quaisquer de Lopes (2010) e até mesmo o gay “discreto” mencionado por Fabiano. Embora gays, homens querem manter certa “normalidade”, não se associando a características essencializadas de gênero femininas. Assim, fazendo uma tradução do que quis dizer José, nos termos Lopes (2010), a construção da “imagem de respeito” se constitui essencialmente por meio da associação de sua conjugalidade a ideias de fidelidade e não promiscuidade, pelo controle do segredo da homossexualidade no espaço público, bem como pela demonização do homossexual promíscuo que frequenta o “mundo gay” e pela utilização de uma performance de gênero coerente com a determinada para seu sexo biológico (Lopes, 2010, p. 27). Ele disse que já foi um problema por ter 31 anos e nunca ter tido algum tipo de relação afetiva, que fosse duradoura ou que a pessoa não tivesse uma questão com a aparência, na questão de suas vestimentas, tal como salto ou vestido – sem estar montado de *drag*. “Eu sabia muito bem porque que eu tinha essa privação, era pela forma da minha estética, como eu me vestia, como eu me comporto, como eu sou”, revela. Para não anular quem ele é, preferiu não mudar. Fala que quando tinha 20 e “poucos”, o Dia dos Namorados era um dia horrível, bem como casamento – “todo mundo se arranjava”. Ele parava para analisar e via que outros gays afeminados, igual a ele, que começavam a namorar, mudavam totalmente. “Eu dizer que ser

solteiro ou estar solteiro é opção, não é”, admite. Fala que não vê um homem dito padrão ficando com ele ou com alguém que seja parecido com ele, afeminado. Conta como algumas pessoas que se relacionou agiam e, em outros momentos, até falavam “só não namoro contigo porque você é pintosa demais, como que eu vou sair contigo em público?” ou “adoro sair contigo e transar com você, mas pena que não dá pra ser alguma coisa em público”. Ele me disse que:

Teve uma vez que eu tava ficando com um menino e aí começou a ficar meio sério, só que ele não era assumido. Eu era amigo da irmã dele, então a gente não saía junto. Quando ele ia na minha casa, a gente ficava junto, mas socialmente ou na rua, era como se a gente não se conhecesse, eu era só o amigo da irmã. Teve uma vez que eu tava com a irmã dele e aí ele passou com os amigos e aí os amigos dele começaram a tirar sarro de mim e ele começou a tirar sarro junto. Eu engoli a seco e logo em seguida, ele veio “ah, eu gosto muito de você, a gente podia namorar, mas ninguém pode saber e vai continuar essa coisa, escondido”. Eu, na época, já tinha ficado puto dele ter passado e xingado, mas aceitei. Mas não durou nem uma semana, por isso que eu não conto como namoro. Aí eu fui aceitei, mas quando eu fui ver ele ficava com outro menino, só que era em público e aí era um menino o quê? Que representava toda uma heteronormatividade¹³, só que era bicha. Só não era afeminado e pintoso feito eu.

Apesar de não ter namorado, José conta que não acredita na monogamia, sobretudo a monogamia cristã que conhecemos. Ele se considera não-cristão. Diz que vê a monogamia muito atrelada ao cristianismo. Conta que acredita nos territórios livres. Expõe que:

O primeiro território livre que eu tenho é o meu corpo. Então, é...a monogamia ela me situa como um lugar de posse. Então, uma coisa de “eu vou ser a fidelidade” que os outros têm, mas só que aí todo mundo acaba traindo todo mundo ou pulando a cerca. E eu acho que a não monogamia ela não é sobre essa questão de “ah, eu vou ficar com Deus e o mundo” ou que igual que tudo mundo fala que não monogâmico é surubeiro, umas coisas assim. Eu falo não. Quer dizer que eu posso me relacionar com alguém, mas também me relacionar com outro e continuar amando fulano ou amar fulano e ciclano. Então, assim, depende. Mas, a monogamia, pra mim (...) pra mim é meio difícil falar por não ter tido uma relação afetiva, mas pelo o que eu vejo das dos outros, eu acho que a monogamia, às vezes, ela entra num lugar de tipo prisão, como se o outro fosse o dono do outro e não é algo que eu concorde (...) Não necessariamente que dentro da relação porque é uma relação não monogâmica que vai ficar com outra pessoa, mas acho que tá pra mim mas a ver com a liberdade do que isso de ficou ou vai ficar com fulano ou ciclano. Acho que é mais da liberdade mesmo. De você ter com você mesmo e conseguir estar numa relação com o outro.

¹³ Berlant e Walzer *apud* Miskolci (2009, p. 554) definem a heteronormatividade sendo o “[...] conjunto de normas prescritas, mesmo que não explicitadas, que marcam toda a ordem social, e não apenas no que concerne à escolha de parceiro amoroso. Alude, também, ao conjunto de instituições, estruturas de compreensão e orientação prática que se apoiam na heterossexualidade”.

Alex, por outro lado, conta que seu último relacionamento foi quando saiu de casa em 2016. Conta que não se relacionou mais devido à frustração com o último relacionamento, o que lhe causou certo impedimento. Sobre o que ele considera como relacionamento “ideal” ou quais são as características importantes, ele diz que:

Eu considero relacionamento ideal a base, o respeito, a transparência e a cumplicidade. Creio que essas duas palavras têm que andar lado a lado. Porque dentro de um relacionamento tem que ter respeito mútuo, tem que ter transparência para que ambos confiem uns nos outros. Então, eu penso, eu, Alex, penso em toda essa minha trajetória, que são esses três pontos: respeito, transparência e cumplicidade. Porque, é, se a gente tem respeito, a gente vai ser transparente com o outro e nós vamos ser cúmplices. E essa cumplicidade vai fazer com que eu seja quem você quiser que eu seja naquele momento, assim como você vai ser pra mim. E aí a gente não vai precisar buscar para além de outras portas, a gente vai encontrar no nosso próprio local.

Lopes (2010) também fez uma análise de relacionamentos, em que teve contato com nativos de Buenos Aires e Brasília. Por meio de plataformas de relacionamentos, talvez não configuradas como as que vemos hoje, ele conseguiu encontrar alguns de seus nativos. Lá, alguns deles estavam cadastrados no site, mesmo que tivessem um relacionamento aberto, sem conhecimento de seus parceiros. Outros entenderam a pesquisa como uma forma de abordar o antropólogo para tentar um contato sexual ou íntimo, mas a questão é que, ao serem perguntados sobre relacionamentos, houve algumas respostas interessantes que podemos correlacionar com essa pesquisa. Embora houvesse, em sua minoria, pessoas que considerassem a monogamia como algo necessário e fundante para um relacionamento, a maior parte tem uma outra visão acerca do tema. Para eles, o prazer e satisfação individual não tem uma relação necessariamente direta com o amor. Embora pudessem se relacionar sexualmente com outras pessoas, o que mais importava era lealdade entre os parceiros, mantendo a verdade e o diálogo. Essa transição, sugere a passagem de um modelo heterossexual e, em muitos momentos, cristão, com uma concepção religiosa, de arrecadação de capital e até mesmo hipócrita para algo mais “livre”, em que é gerado um processo disruptivo na lógica do que é considerado aceitável ou “padrão”. Isso é interessante, principalmente para análises que se veem relacionadas com relatos de pessoas do interior. Aparentemente – e não cabe aqui ditar certezas, uma vez que o estudo não teve a profundidade de contato com os participantes, como em Lopes (2010) -, pessoas com mais contato com a religiosidade e criados no interior – e quando ali permanecem – tendem a ter uma impressão de relacionamento monogâmico como fundante. Entretanto, apesar dessa impressão, a individualidade também se mostrou importante, haja vista que, na maioria das falas, o que se mostrou é que o diálogo e as cessões mútuas são condicionantes para a construção

de um relacionamento maduro, sadio e, provavelmente, esse sentimento esteja também entremeado à lealdade. O autor releva que:

Além da tematização da individualidade, mesmo vivendo em uma relação de conjugalidade, há nas narrativas dos nativos e busca pela “afirmação da autenticidade” e pela “liberação das repressões”. Nelas os nativos buscam construir uma relação “moderna” em oposição aos “modelos tradicionais” em relação de vida a dois. Assim, em muitas dessas falas eles partem do desenvolvimento de uma análise comparativa de sua conjugalidade com a de homossexuais buscando fugir do modelo consagrado do matrimônio. (Lopes, 2010, p. 84)

Embora nenhuma relação possa ser naturalizada ou essencializada, a busca por esses casais tende a ganhar uma unidade. Mesmo admitindo a relação sexual com outras pessoas – e em um dos relatos foi possível perceber que a relação entre relacionamento aberto e liberdade sexual não possui um vínculo direto –, o diálogo e a conversa se mostraram como elementos intrínsecos que constroem o relacionamento. Embora elaborando seus argumentos mais especificamente relacionados ao casamento, Salem (2007) destrincha algumas características, principalmente em relação à individualidade e “igualdade” que podem ser propostas para o namoro ou outras configurações de relacionamento existentes: A autora conclui que:

O destaque conferido ao dispositivo do “desejo” aclara o porquê de o valor atribuído aos laços conjugais suplantar os de sangue. Daí também a ânsia de diferenciação simbólica em face das famílias de origem. Esse vínculo eletivo e afetivo pressupõe ainda algo mais do que amizade: o companheirismo é qualidade necessária, mas não suficiente, para a construção do casal. A expectativa de completude conferida à união marital impregna os casais ditos modernos, e sua maior propensão a desfazer casamentos (e a buscar outros, note-se bem) não contradita, pelo contrário reitera, a incessante busca por completude (Salem, 2007, p. 173).

A partir da leitura deste capítulo, algumas teorias se põem à prova, como aquelas que tentam criar um caminho mais generalizado no que tange as “fases” de vida do indivíduo homossexual. Embora haja, sim, uma maior estabilização de entendimento e aceitação de si, algumas questões nos levam a questionamentos, como relacionamentos familiares fraturados e que nos impedem de sermos quem somos, como veremos nos próximos capítulos. Relacionamentos afetivo-sexuais ainda emoldurados por um pensamento com base na monogamia precisam ser pensados. Não no sentido de julgamento ou juízo de valor, propriamente dito, mas em que medida a heteronormatividade ainda nos afeta enquanto homossexuais ou não-binários. A individualidade se mostra importante, bem como a condução do diálogo para a construção com o outro de novos caminhos, mas um estudo específico e regionalizado, no futuro, poderá evidenciar mais características acerca dos valores inculcados

e a influência para a construção subjetiva, o que, provavelmente, ainda, não será possível se delinear por meio desta dissertação.

CAPÍTULO 2 - ADOLESCÊNCIA

2.1 O “coming out”

O “coming out”, saída do armário ou, até mesmo, segredo revelado (Sedgwick, 2007) pode ser considerado como um momento importante na vivência da pessoa homossexual ou LGBTQIAPN+. O termo “coming out” é reduzido, já que a expressão em inglês completa se apresenta como “coming out of the closet” traduzida para o português como “sair do armário”. Há uma certa angústia que nos envolve por estarmos “escondendo” algo de quem a nós é próximo ou até mesmo de ser não sermos nós mesmos pode ser frequente. Como já foi mencionado brevemente sobre a homossexualidade e fases da vida, há autores que consideram sim esse momento presente na vivência dos corpos dissonantes. O modelo fomentado por Cass (1979), descrito em “Homosexual identity formation: a theoretical model”, envolvia os seguintes estágios: confusão da identidade; comparação da identidade; tolerância da identidade; aceitação da identidade; orgulho da identidade; e síntese da identidade. Para a autora, no primeiro há um reconhecimento de comportamentos ou pensamentos ditos homossexuais, considerados socialmente não aceitos; no segundo, haveria uma sensação de diferenciação em relação aos outros e algum isolamento; no terceiro, haveria um reconhecimento de suas necessidades enquanto homossexual; no quarto, há uma aceitação de si e maior contato com movimentos homossexuais em vez de heterossexuais; no quinto, haveria uma maior imersão na cultura gay, tendo como consequência uma confrontação com institutos heterossexuais; por fim, a identidade gay é aderida em outros aspectos da identidade do indivíduo. Outro modelo existente, foi defendido por Coleman (1982), por meio do texto “Developmental Stages of the Coming out Process”, em que existiam cinco estádios: *pré-coming out*; *coming out*; *exploração*; *primeiras relações*; *integração*. Basicamente, o primeiro estágio representa a solidão da criança ao sentir-se diferente, alienada e só; no segundo, existiria um reconhecimento dos desejos homossexuais, juntamente com a vontade de partilhar com outros; no terceiro, existe um maior contato com essa identidade social e sexual; no quarto, começam as relações a nível de intimidade, em que se unem a atração física e emocional; finalmente, no último estágio juntam-se as identidades pública e privada em uma única auto-imagem. Embora existam outros modelos também categorizantes para nortear a vivência do homossexual frente ao *coming out*, esses modelos são extremamente rígidos, normativos, suprimindo a diversidade existente na vida dessas pessoas. O *coming out*, por meio desses modelos clássicos, eram vistos como

desfecho praticamente cogente na vida ou trajetória da pessoa gay ou lésbica (Rasmussen, 2004). Além disso, a ideia do *coming out* reflete a experiência de pessoas brancas de classe média ou alta, segregando uma outra parte que representa as minorias.

O processo de *coming out* não precisa necessariamente ser enunciado, mas pode ter contornos de “trunfo” ou de violência. Retomando a estória de Tadeu, ele possuía uma “amiga” – na verdade, essa menina o conheceu e já o viu como amigo – e contava tudo sobre seu namorado. Embora houvesse boatos e burburinhos, na cidade em que morava, de que o rapaz era gay, Tadeu foi apenas confirmar essa especulação em momento posterior, quando ambos residiam em Juiz de Fora. Neste local, eles acabaram tendo um envolvimento, em que “ficaram”. Entretanto, após algumas situações, essa amiga descobrira que os dois ficaram, pois esse rapaz voltou a se relacionar também com ela. Pelo fato de Tadeu ter rejeitado o fato de o rapaz ficar com os dois ao mesmo tempo, ele disse que iria assumir Tadeu. Devido a isso, ela soube da situação e deu uma “surtada”, de acordo com o entrevistado. Posteriormente, em um momento em que Tadeu deixara o *facebook* aberto, ela fez a revelação para todos na rede, fazendo com que Tadeu saísse forçadamente do armário. Ele relata que:

Ela invadiu meu *facebook* (...) e sabendo que a gente ficava, ela tirou nós dois do armário e contou pra cidade toda. Foi um problema mental muito grande, tanto pra mim quanto pra ele. Eu tive vários pensamentos suicidas na época, nem pai, nem minha mãe sabiam. Eu fui contar para minha mãe só dois anos depois, porque eu fiquei sofrendo praticamente dois anos com o que as pessoas na cidade falavam sobre o ocorrido. Como eu falei, ninguém chegou a contar pro meu pai ou pra minha mãe alguma coisa, só que eu acabei contando de tão mal que eu fiquei. A minha mãe começou a ver que eu tava muito mal, que eu ficava no meu quarto, chorando, depressivo, ouvindo músicas depressivas e aí, um belo dia, ela me obrigou a contar pra ela “você vai me dizer o que tá acontecendo hoje”. E aí eu fui e contei tudo, ela dizia que não imaginava, que não esperava. E aí eu dei vários traços pra ela... de como não esperava. Uma criança que tinha todos os CDs de Sandy e Júnior, gostava de dança pra caramba, que dava show, coisas afetadas, assim, realmente.

Ele conta que depois dessa situação de ter sido tirado do armário e apesar de ter vivido todo esse problema sem ser com a família, o fato de ter contado para sua mãe tirou um peso das costas. Fala que, no início, é muito difícil, pois ela tentou podar em tudo o que ele fazia. Relata que qualquer lugar que ia, ela ligava, perguntava o que estava fazendo, onde estava. Qualquer amigo que ele tivesse, ela achava que ele estava “ficando”. Ele conta que acabou fazendo a sua família “aceitar” um namorado de quem todos gostaram muito e ele foi casado com ele durante três anos.

Olhando o tema sob outra perspectiva, diferente daqueles indivíduos que possuem características que são externas, tal como pessoas pretas e mulheres que têm a presença de algo

que os mostra como eles são – e sobre esse fato não há como se esconder, pessoas que professam cultos religiosos, como judeus, possuem certas peculiaridades semelhantes às nossas, entretanto não completamente. Nesse sentido, Sedgwick (2007), em a “Epistemologia do Armário” faz uma comparação interessante relacionada a esse assunto. Ao utilizar como base a peça teatral de Jean Racine, Esther, o autor nos mostra algumas situações que são passíveis de comparação e questionamento com a história da personagem, que é judia, mas seu esposo, com posicionamento e poder, é contra os judeus. Sua revelação pode não apenas trazer à tona algo que lhe é intrínseco, bem como salvar seu povo. O autor faz alguns apontamentos que seriam interessantes na abordagem e comparação com a tragédia: 1) diferente do que acontece conosco, homossexuais, a sugestão da identidade judaica de Esther não é colocada como algo discutível, poroso, mutável, a respeito dela; 2) Esther espera que Assuero (seu esposo) fique surpreso com a sua revelação – com os gays que estão no armário pode haver uma incerteza ou uma zona cinzenta se as pessoas sabem ou não, mesmo que provavelmente saibam; 3) Esther teme que sua revelação possa prejudicar a si ou a seu povo, mas não em relação a Assuero. Nesse ponto, o autor nos informa que:

Quando pessoas gays se assumem em uma sociedade homofóbica, por outro lado, talvez especialmente para os pais ou cônjuges, é com a consciência de um potencial de sério prejuízo provavelmente nas duas direções. O próprio segredo patogênico até pode circular contagiosamente como segredo: **uma mãe diz que a revelação de seu filho adulto para ela a mergulhou, por sua vez, no armário em sua comunidade conservadora.** Na fantasia, mas não só na fantasia, contra o medo de ser morto (ou desejado morto) pelos pais numa tal revelação, é provável que ocorra a possibilidade, muitas vezes imaginada com maior intensidade, de que a revelação os mate (Sedgwick, 2007, p. 39, grifo nosso).

Apesar de o autor citar mais argumentos relacionados a essa estória, os que abordamos já se mostra suficiente para falarmos do que nos consome quando estamos dentro do armário. A minha vivência mostrou que, talvez, não exista apenas um armário dentro da existência de pessoas LGBTQIAPN+, mas alguns que existem e vão se diluindo – tal como na infância, em que somos “descobertos” antes mesmo de entendermos a nós mesmos ou como nossa sexualidade funciona na prática – e quando, finalmente, chegamos à vida adulta nos despimos de outros armários e, em muitos momentos, em alguns temos que ficar, haja vista a existência de pessoas que não nos conhecem, não sabem de nossa sexualidade. Ao final, mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com outros que ela não sabe se sabem ou não. Sedgwick (2007) reflete que:

É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante. No nível mais básico, tampouco é

inexplicável que alguém que queira um emprego, a guarda dos filhos ou direitos de visita, proteção contra violência, contra “terapia”, contra estereótipos distorcidos, contra o escrutínio insultuoso, contra a interpretação forçada de seu produto corporal, possa escolher deliberadamente entre ficar ou voltar para o armário em algum ou em todos os segmentos de sua vida (*idem*, p. 22)

Embora o armário seja considerado uma maneira de nos oprimir, Eribon (2008) nos mostra outra perspectiva acerca do tema:

(...) o armário foi com tanta frequência denunciado pelos militantes homossexuais como o símbolo da ‘vergonha’ e da submissão à opressão que se acabou esquecendo ou negligenciando que ele também pode ser, e ao mesmo tempo, **um espaço de liberdade** e um meio – o único – de resistir e de não se submeter às injunções normativas (...) E é esse extraordinário sentimento de orgulho e de liberdade conquistada e mantida como um segredo partilhado com vários que os gays das gerações precedentes talvez não encontrem mais na liberdade e no orgulho ostentados à luz do dia e que lhes parecem fáceis demais, e, num certo sentido, um pouco insossos, uma vez que perderam o sabor do jogo com o interdito. (Eribon, 2008, pp. 67-68).

Estar ou não no armário não significa uma experiência unicamente para pessoas gays. No entanto, pode se demonstrar condicionante para a sua vida social. Mesmo que a pessoa seja alguém com uma rede de apoio, que assuma com coragem a sua identidade – ou como ela se vê –, o armário, em certa medida, acaba se mostrando como presença formadora em suas vidas. José me conta que tem formação como bailarino clássico. “Dentro do ballet é essa coisa muito binária, então eu tinha que representar uma masculinidade muito grande, mesmo, às vezes, até fora do palco”. Elu me conta que, se fosse a um evento de ballet com uma roupa que gostasse, bonita e elegante, que poderia ser um vestido ou algo do tipo, elu não iria ser bem visto. José teria que ir de maneira mais máscula e formal. E, em outros momentos, na rua, tinha que performar uma “masculinidade” sobre questão de segurança, tal como em lugares que poderia ser agredido ou alvo de chacota “das gays”, que ele não estava a fim de passar, ele performava. “Mas não era uma coisa genuína minha”, expõe.

Na entrevista que tive com Alex, foi muito esclarecedor como ele foi se construindo como indivíduo, ou seja, quais as características que ele gostaria de manter em si e quais não. Em seu relato, fala muito de seu cabelo. Seus cabelos longos são marca de quem é e que sua mãe também admirava e gostava muito. Entretanto, agora já sem ela, uma vez que a mãe falecera há pouco tempo, em alguns momentos ouvia questionamentos acerca de seu cabelo por parte de seu primo. As perguntas eram frequentes e ele dizia que seu cabelo era grande por que o cabelo de Jesus também era. Entretanto, em um dia, seu tio falou para que cortasse o cabelo, porque este seria um desejo de sua mãe em vida. No entanto, de acordo com Alex, isso não era

verdade, já que sua mãe amava seu cabelo. Embora seja pai e também more com seu filho na casa herdada de sua avó, a dúvida que surgiria era se Alex poderia realmente exercer a sua sexualidade, já que seu tio o circunda e ainda faz exigências – mesmo de Alex ter “saído do armário” – acerca de sua aparência ou modo de representação no mundo. Pergunto se ele consegue exercer a sexualidade dele de maneira plena. Ele me responde que:

Atualmente eu não consigo, porque tem vezes, que quando eu percebo que ele tá vindo pra cá e eu tenho que sair eu não me maquio. Entendeu? Quando eu me maquio aqui dentro e sei que eles estão ali na varanda da porta de casa, eu saio tipo, ou com a cabeça baixa, tomando bença (...) mas não por mim, porque eu me sinto bem, e não é por ele, é pelo meu priminho, por coisas que ele ouve, de que é de preconceituoso que ele ouve lá. Não é que esteja escondendo não. Eu tô levando a minha vida como eu quero, eu visto a roupa que eu quero. Atualmente, eu compro minhas roupas na sessão *plus size* feminina (...).

Por outro, Tadeu me disse que não sabe exatamente quando ele se tornou mais masculino, haja vista ter existido uma certa “transição” entre a criança “viada” e o adulto mais “masculino”. Fala de certas situações, que ele não sabe precisar especificamente uma situação, mas situações, de certa forma, o podaram e fizeram com que ele criasse esse jeito. Nossa colega que intermediou o nosso contato para que fizéssemos a entrevista conta que ele é meio que “foda-se”. Nesse sentido, ela explica a ele que não o acha padrão, mas se ele quiser, ele pode ser afeminado e afetado, caso ele não queira, ele não será. Ele me conta que se tiver com vários amigos gays, todos indo para parada gay, todos irão dar “pinta”. “Também não é meio que escolhido, é natural, ambiental”. “Eu não consigo pensar, acontece”, relata. Daniel, como já dito em algum momento da dissertação, disse que falava com seus colegas de trabalho acerca de seu cônjuge no “feminino”, como se ao invés de dizer “Manuel”, ele dissesse “Manuela”. Ele conta que o casamento foi importante para ele poder se assumir no ambiente de trabalho, uma vez que no seu convite de casamento haveria o nome dos dois, no “masculino”. Afirma que todos os seus colegas de trabalho já sabiam, entretanto, ele que era o “escroto”, o “babaca” que chamava Manuel de Manuela. “Eu meio que eu me aceitei e liguei um grande ‘foda-se’ gigante para quem quisesse saber ou quem se importasse com a minha sexualidade”. Fabiano, por outro lado, relatou que não se assumia na faculdade, entretanto, as pessoas, ao final do curso, souberam que ele ficou com outro menino em boate conhecida na cidade.

Dois temas que se colocam quando falamos da experiência do armário é fofoca ou rumores (Firth, 1956; Gluckman, 1963; Paine, 1967) e reputação (Bailey, 1971; Wilson, 1969). Os rumores não se apresentam necessariamente como algo maldoso, mas, sem dúvidas, instrumento para sociabilização e convivência. É a partir deles que os sujeitos, além de partilharem um assunto em comum, conseguem se manter em conexão, mesmo que essa forma

de comunicação esteja muito próxima de uma função fática. Entendendo que, a partir daí, cada sujeito, em especial em uma comunidade ou grupo específico (como uma faculdade ou rede social online) possui um papel e sobre ele recaem expectativas e intenções dos mais diversos atores que o cercam, ao ser descoberta alguma informação que desvia do esperado, deixa de preencher seu espaço a ordem antes estabelecida e passa a transgredir. Com isso, é gerada uma comoção, em função do choque de seus pares diante da informação. A reputação é uma espécie de “persona” para ocupar certos lugares de respeitabilidade. Quando essa imagem se dissolve, o indivíduo acaba sendo alvos de ataques ou desmerecimento, ficando vulnerável às pressões sociais e perde o “status” que antes a ela fora atribuído.

Eu, tive algumas camadas para me assumir e sair do “armário”. Um dia, estava conversando com a minha mãe sobre assuntos aleatórios, quando eu falei “todo mundo é bi”, fazendo alusão a pessoas bissexuais. E minha mãe perguntou se eu era. Eu respondi afirmativamente. A partir desse momento, tudo aconteceu de maneira muito complicada, pois meu pai conversou comigo de uma maneira bem indireta, perguntando o que eu considerava como liberdade, sem me perguntar de fato sobre a minha sexualidade, até que um determinado momento, após vários jogos confusos de palavras, que estavam me adoecendo, eu disse em alto e bom som “pai, eu gosto de pau”. Contudo, isso não significou uma libertação completa. Lembro-me que em vários momentos em que conversava com namorados ao telefone, meu pai pedia para que eu falasse baixo. Ao me ver na rua, fingia que não me conhecia ou quando me via, apenas fazia um “joinha” tímido. Minha mãe, no mesmo sentido, ao perceber que eu tinha a predileção a ser uma “bicha ativa”, perguntou o porquê de eu não me relacionar com mulheres, uma vez que eu não gostava muito de “ser penetrado”. Muitas explicações rodearam essa situação, inclusive várias indicações extremamente constrangedoras de meu pai, que ao marcar uma consulta com urologista, pediu para que a primeira coisa que eu falasse com o médico era sobre a minha orientação sexual. E eu falei. O médico, sem entender muito e sem resposta, me disse “é sério?”.

Logo, tendo em vista os relatos e literaturas utilizadas como base, é possível entender como a experiência da saída do armário impacta no âmbito familiar. Embora vejamos que existem, a princípio, duas facetas do armário: uma, enquanto lugar de segurança; outra, como uma informação – saber se o outro está ou não no armário – para retirá-lo como modo de vingança, chantagem ou até por meio de achincalhamento público, como modo de diminuição de uma reputação construída; essa se configura como uma experiência individual. Embora Tadeu tenha sido “obrigado” por sua mãe a falar o que estava ocorrendo, todos os sentimentos

que permearam a sua revelação se deram em ambiente interno, entre concessões e avanços rumo ao entendimento do local que representa o armário, bem como a necessidade ou não de permanecer nele. Por outro lado, a partir do momento em que a pessoa representa a iminência da revelação, ser gay “contamina” todos os familiares que estão ao redor. “Na minha família não tem”, disse o tio de Alex, como se, a partir desse movimento, todos na família iriam ser representados como gay ou não. Meu pai, ao perguntar o que eu considerava como liberdade, me dizia, implicitamente, que ser “livre” poderia acarretar consequências e repercussões também para ele. Muitos amigos, tentam fazer um *match* entre duas pessoas gays, nos reduzindo apenas a essa característica, como se outra não fosse necessária para se estabelecer um relacionamento afetivo-sexual. O fato de ser “ativo” ou “passivo” não faz de nós menos ou mais gays. Não é necessariamente por gostar de penetrar que serei hétero, pois não se trata apenas de uma lógica de orifícios que resumem e isolam nossa experiência (Butler, 2021), mas sim outros atributos que levam à atração e ao encontro dos mais diversos seres. Por fim, por mais que saíamos do armário uma vez, estaremos sempre condicionados a sairmos em tantos outros momentos de nossas vidas, como no trabalho, no *ballet*, como nos disse José. Tadeu disse que quando está com amigos se sente à vontade para ser afeminado, pois, além de uma zona de conforto, é um espaço de segurança, em que ele sabe que não sofrerá qualquer ingerência sobre sua subjetividade. Ou seja, a fase do armário é permanente em nossas vivências, como discutirei brevemente na próxima seção.

2.1.1 A “dança” do armário

Quando digo “dança” do armário, principalmente levando em conta os relatos anteriormente apresentados, é que, mesmo nos “assumindo” – embora seja bem questionável essa pretensa atividade de nos assumirmos, haja vista para os pares heterossexuais não existir essa dinâmica, mesmo que remotamente, essa exigência; sempre estaremos em algum lugar em que não assumimos, ou em que esse “jogo” mostra-se instável e repleto de negociações para que possamos existir em diversos ambientes: escola, trabalho, universidade, família, por exemplo.

Se vemos Alex, um homem adulto, que mantém a si e a seu filho, tendo que escutar de seu tio que deveria “cortar o cabelo”, podemos entender o quão frágil é a nossa autonomia diante não apenas de nossas vontades, bem como da forma que desejamos nos apresentar ao mundo. Essa demarcação existe em uma medida bem menos ampla para nós, que temos que fazer um esforço diário em pensar o que será “menos gay” ou qual roupa deveremos vestir para que não sejamos atacados na rua, ou gratuitamente, ouvir um “viadinho” na rua, enquanto fazia

meu trajeto a pé para a uma aula do curso de pós-graduação. Embora nem consideremos mais pertinente, seja por quaisquer fatores, nos esconder, temos ainda que nos vestir de uma maneira mais “masculina”, seja para evitar violências, seja para adotar uma performance adequada, como demonstrado por José. O que foi dito, em especial no último período, aciona o conceito trazido por Mason (2002) de “mapas da segurança” em que há uma percepção subjetiva de risco e a construção de “mapas da segurança” que façam com que os indivíduos possam transitar pelos diversos espaços da esfera social. Nesse sentido, fica o indivíduo na dualidade entre se “assumir” não se “assumir”, uma vez que deveria observar diversos riscos e benefícios dessa escolha. Esses mapas da segurança, seriam, na verdade atributos e relações em constante mutação, utilizados pelo indivíduo para permitir a sua circulação em vários espaços, tanto públicos quanto privados. Assim, conhecer as características presentes nesses “mapas”, poderia indicar maior ou menor a vulnerabilidade sob determinado contexto ou até mesmo diante de alguma troca afetiva, quando possível. Outros, já, mesmo que naturalmente, modelarão a sua “personalidade” diante do contexto, em ambientes mais confortáveis, como nos disse Tadeu. Sobre isso, Eribon (2008) nos mostra que:

(...) os homossexuais costumam ser levados a desenvolver repertórios de comportamentos (...) em função dos diferentes públicos diante dos quais se encontram, passando de um tipo de gestualidade ou de atitude de outro, conforme as exigências da situação: por exemplo, os mesmos que “soltarão a franga” diante de um grupinho de outros gays confinarão o vocabulário, as expressões e as entonações à mais estrita normalidade profissional. (Eribon, 2008, p. 66)

Assim, o indivíduo sempre ficaria, de algum modo, dentro do “armário”, tendo que se submeter e fazer múltiplas cessões para continuar existindo em segurança. Na verdade, a pessoa nunca sairia do armário e, se saísse, manteria sempre essa “dança”. Nesse sentido, Sedgwick (2007) nos explica esse aspecto:

Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays, há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas (...) Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas pelo sigilo de exposição (...) O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora (Sedgwick, 2007, p. 22).

Portanto, sob um ponto de vista interacionista (Goffman, 1985; Velho, 1994) pode se dizer que sair do armário não envolve unicamente uma questão psicológica ou individual. Além disso, esbarra em outros fatores que nos interpelam. As consequências que emergem dessa situação não se apresentam de maneira previsível e não estão sob controle de uma pessoa específica. Por isso, talvez, a experiência do armário – como já mencionado anteriormente – se mostre de maneira permanente. Mesmo que tenhamos um certo relaxamento em ambientes aprazíveis, a necessidade de realizar a “dança” pode se apresentar das mais diferentes formas. A identidade, portanto, não é estanque. Ela depende de vários contextos situacionais, mostrando-se inviável sermos todas as nossas “versões” em um único momento. As situações interativas representam um fenômeno social mais amplo e, por isso, o armário se apresenta como um fenômeno complexo e com diversas nuances. Assim, o que se percebeu aqui foi como cada indivíduo se utilizou de cada enquadramento¹⁴ (Goffman, 2006) que a ele foi submetido, dado por sua inserção no mundo. Ou seja, diante de uma dada situação, os indivíduos lançaram mão de seus repertórios para construir suas explicações, dando a seleção de um aspecto em particular em detrimento de outros. Ou seja, a visão que predominou foi o envolvimento que cada indivíduo possuiu e não a organização da estrutura social que ali se estabeleceu.

2.2 Família e homofobia

A relação com a família tende a ser, na maioria dos casos, a primeira experimentação com o mundo e no seio privado, em que já podemos observar os possíveis desafios de uma convivência que pode encontrar embates devidos à diferença. A experiência do armário, como já relatamos, pode possuir sentimentos múltiplos, muitos relacionados à culpa e angústia. Entretanto, a partir do momento em que possuímos uma rede de apoio, por meio do acolhimento familiar, é possível enfrentar o mundo com um pouco mais de autoestima e dignidade. Ninguém está imune a ser homofóbico, nem nós mesmos, homossexuais. A homofobia familiar foi um termo trazido por Schulman (2010) para começar a falar sobre os preconceitos que pessoas gays poderiam sofrer. Pela experiência que tenho e pelas entrevistas que fiz, eu e a maioria dos entrevistados foram criados em uma estrutura social em que predominava o viés heteronormativo. Três dos cinco entrevistados relatam que, ao se assumirem, a primeira coisa que escutaram dos familiares é “você não vai se vestir de mulher não, né, meu filho?” ou algo

¹⁴ Parto do princípio de que as definições de uma situação são construídas de acordo com princípios de organização que governam eventos – pelo menos os sociais – e o nosso envolvimento subjetivo neles; enquadramento é a palavra que eu uso para referir-se a um destes elementos básicos, tais como sou capaz de identificar. Esta é minha definição de enquadramento. Minha expressão análise do enquadramento é um slogan para referir-me, nesses termos, ao exame da organização da experiência. (GOFFMAN, 2006, p. 11).

bem parecido com esse tipo de discurso. Tadeu contou a mim, como já mencionado, que não sabe o momento em que fez uma transição para a “masculinidade”, embora tenha sido sempre uma criança “viada”. A mãe de Daniel, por outro lado, precisou de um tempo para entender a sexualidade de seu filho, inclusive ocorrendo à intervenção de psiquiatra para lidar com o ocorrido. Daniel me conta que seu pai comunicou que um psiquiatra iria conversar com sua mãe, mas, para que ela aceitasse a intervenção, diria que aquele profissional iria ver Daniel. A família toda se reuniu e, em cada momento, uma pessoa foi saindo do cômodo, para que ela ficasse sozinha com o médico. Ele me conta que sua mãe ficou por um tempo utilizando medicamentos e que, certo dia, convidou seus amigos para jantar em sua casa. Ela perguntou acerca de diversos assuntos, inclusive as perguntas mais “inconvenientes” foram feitas, como questões de “ativo” e “passivo”, mas eles acabaram contornando a situação com bom-humor. Logo depois, sua mãe, segundo ele, se tornou a “bicha das bichas” e andava mais com seus amigos do que ele mesmo. Tadeu me conta que, apesar de aceitarem seu primeiro namorado, nunca o chamaram por essa denominação, sendo apenas o “amigo” do Tadeu, mesmo o pai dele fazendo certos esforços para buscar seu namorado de carro em outra cidade. Sob outro aspecto, Alex me conta que sua vida foi um pouco mais difícil com sua família, uma vez que seus tios eram bastante preconceituosos e não poderia ser quem realmente era. Até hoje, como já mencionado, ele possui dificuldades para vivenciar a sua sexualidade no seio familiar. Após ser ameaçado de morte, ter ouvido as coisas mais absurdas e que preferiam ver ele morto a ser gay, faz sentido todas as dificuldades ao se resistir diante dessa violência diária. O impacto das experiências que vivenciamos no espaço público é relativo, uma vez que será necessário averiguar quais foram os sistemas de apoio acessados pelo indivíduo, bem como quão a família é comprometida no reforço da homofobia e com os tipos de intervenção realizados por terceiros (Schulman, 2010, p. 70). Na escolha de um “bode expiatório” familiar, todos aqueles que não se insurgem contra essa situação acabam sendo coniventes. No exemplo dado por Schulman, quando o irmão, heterossexual, que irá se casar, deixa de avisar acerca de seu casamento a sua irmã lésbica, deixando-a isolada, unicamente para compactuar com o desejo familiar de apagamento dessa pessoa, ocorre o que a autora denomina de “evitação”. “Evitação é quando as pessoas são cortadas, excluídas de participarem em conversações, comunidades, estruturas sociais; a elas não é permitida qualquer voz sobre como elas mesmas são tratadas, não podendo falar ou retrucar” (Schulman, p. 74, 2010).

Esse apagamento pode ocorrer de variadas maneiras, inclusive quando a família finge que aquela pessoa não existe. “É a remoção de pessoas que respiram e vivem do reconhecimento

e representação no dia a dia. É uma recusa em se comprometer, reconhecer, negociar e comunicar. É uma exclusão da conversa” (*idem*, p. 75). Para a autora, a evitação é uma forma ativa de assédio. Além disso, a evitação também pode ser considerada uma forma de distinção social (Elias, 2000; Becker, 2008). Em nossos relatos, podemos perceber o quanto se incomoda Tadeu por seus familiares não “curtirem” ou “comentarem” suas fotos com seu namorado postadas nas redes sociais virtuais. Fala ainda que alguns parentes mais distantes e não esperados, comentam, mesmo sendo bolsonaristas. Ele expressa que:

É bem estranho (...) ainda serem pessoas que parece que ignoram que eu sou gay, que ignoram que eu gosto de falar abertamente, parece que ainda sentem vergonha de alguma forma em ter um parente onde é assumido e que vai bater na tecla e que vai gritar pro mundo inteiro foda-se e é isso mesmo, sabe.

Ele considera isso muito estranho, uma vez que seu pai sabia que ele estava conversando com seu namorado no quarto, mas não intervinha ou julgava. Considerou que havia mais homofobia por parte da sua mãe e das suas irmãs. Se ele fizesse algo mais feminino, deveria ser por prazo curto, porque aquilo não era “para menino”. Por esse sentimento de invisibilidade, Tadeu voltou a deixar de morar com seus pais. Na pandemia, houve um momento em que morou novamente com eles. Houve uma sensação ambígua: ao mesmo tempo que todos queriam estar juntos, devido a esse momento, Tadeu percebeu que assim que a pandemia acabasse, ele não queria estar perto de novo. Ele considera o convívio “até bom” durante esse momento, de muito amor, mas por ideias muito diferentes e por uns quererem controlar as vidas dos outros, também no sentido de julgamento, fizeram com que ele pensasse que nunca gostaria de morar perto. Uma discussão que ocorreu acalorada foi na família de Daniel, que, quando criança, costumava fazer seus “shows”, danças e as pessoas observavam. Pois, um dia, resolveu dançar a música do “Ursinho Pimpão”, momento em que seu pai pediu para desligar aquela música e colocar outra coisa. A mãe de Daniel começou a discutir com o marido, pedindo para que seu filho continuasse a dançar e a se expressar. Daniel também tinha vontade de brincar com um ursinho de pelúcia “pequeno pônei”, mas seus familiares não o deixavam porque era “para menina”. Um dia sua mãe comprou o pônei e o deixou brincar com o urso de pelúcia por um dia inteiro, para que ele tivesse a experiência e, depois, dariam para uma menina.

Entendemos que certos valores heteronormativos são enraizados em todos nós e, por isso, a homofobia se coloca em maior ou menor medida na maioria das famílias. No meu caso, ao pedirem para não andar rebolando, abaixar a mão, não lavar a louça, não brincar com boneca diziam claramente, embora de maneira que eu não conseguiria interpretar na infância, que algo em mim deveria ser modificado. Mais tarde, ao tentarem sabotar meus namoros, fingindo não

ver/cumprimentar ex-namorados em espaços comuns, não os deixar circular pelo prédio em que moravam, a não falar sobre sexualidade, geraram em mim essa dita “evitação”. Para Tadeu, ainda sobre as postagens nas redes sociais, era como se eles “não tivessem visto”, mesmo as visualizando. Era como se não existisse. Mas ninguém acaba por intervir nesse ambiente privado e, de acordo com Schulman, entre a sociedade e família, bem como vice-versa, não há intervenção. “É uma relação dialógica da opressão” (*idem*, 2009, p. 76). E essa relação tem diversas implicações. Como no caso de Alex, houve diversas tensões entre a família e ele. Para falar dessa situação em específico, necessito mencionar um texto interessantíssimo de Duarte (2009) abordando, o que o autor denomina de “tensões contrastivas”. Essas tensões acabam por ocorrer entre um embate entre o “moderno” e o “tradicional”. De acordo com o autor, uma dinâmica social no Brasil ocorreu a partir da efetiva ruptura da hegemonia da Igreja Católica sobre a massa de segmentos populares. Entretanto, algumas famílias ainda mantêm seus “valores” religiosos e acabam entrando em conflito com outro pensamento. Duarte (2009) nos diz que:

Ser “moderno” para esses segmentos é ser favorável à experimentação sexual pré-conjugal, à indiferença ética quanto ao gênero do/a parceiro/a, à não-estagnação da vida sexual nos limites da vida conjugal, à exploração das múltiplas vias do prazer sensorial para além do conúbio reprodutivo estrito; é ainda considerar os processos de reprodução como desentranhados da moralidade interna do casal heterossexual (Duarte, 2009, p. 21).

O autor ainda traz o conceito de Bateson (1958) “cismogênese” que seria o processo de diferenciação nas normas de comportamento dos indivíduos que resulta das interações cumulativas entre eles. Na convivência entre os indivíduos de “pólos” opinativos diferentes, ocorreria uma verdadeira “batalha”: a partir do momento em que um indivíduo toma uma atitude no sentido de se “libertar”, o outro tem posturas com o fulcro de limitá-lo. Processo que também ocorre é uma crise de consciência, a culpa, pois, ao se reconhecer e optar por continuar sendo, as consequências podem ser avassaladoras. Exemplo que nos fica claro é o de Alex, que dos 15 aos 17 anos tentou ser um “ex-gay” para mediar e gerar uma solução para esse dilaceramento familiar. Apesar do sofrimento constante, do alerta escolar, nada importava, a não ser que ele fosse um “orgulho para família”, de acordo com os seus tios.

A violência direcionada a pessoas do mesmo sexo, a homofobia, quando advinda da família, pode ocorrer de maneira sutil. Fabiano me conta que se pai já falava para ele, desde pequeno, falar mais baixo e parar de gesticular. Embora, hoje, “aceitando” o relacionamento do filho, não conversam sobre o assunto. Sob um outro viés, José teve uma família que lhe dera todo o suporte para ser quem é. A família lhe empoderava acerca de seu corpo e ele diz que um

dos motivos para ter conseguido enfrentar o mundo com mais coragem foi devido a esse empoderamento familiar. Conta uma estória interessante que, no colégio, quando mais novo, ele estava com suas bonecas brincando, na hora do recreio. Na ocasião, um colega de turma veio e pegou sua boneca pela cabeça, estragando-a. José brigou com o menino, indo para as vias de fato. Em momento posterior, José começou a chorar, não porque havia batido no garoto, mas sim porque ele havia estragado sua boneca. Sua mãe, chamada à escola, disse que ele estava chorando de arrependimento. Logo que depois de saírem, ela disse que muitos não entenderiam seu jeito, mas que não havia nada errado em ser quem era. Na vida de Alex, em um momento de calma, ele e a mãe começaram a ter um relacionamento mais afetuoso, ela afoagava seus cabelos, conversava, pedia desculpas todos os dias por tê-lo tratado de uma maneira que o machucara. Eles aproveitaram o tempo, mas ela acabou falecendo recentemente, quando tudo estava, finalmente, se acertando. Atualmente, Alex, ao cuidar de seu filho, está tendo a oportunidade de enraizar outros valores, dizendo para ele que, se não sabe quem “a pessoa é”, que pergunte a ela como gostaria de ser chamada. Ele pode humanizar o filho e também se humanizar. Isso também é muito importante para exercer a sociabilidade nos termos de Simmel (2006). Para o autor, a sociedade surge em meio a uma complexa rede de interação dos indivíduos, impulsionada por variadas motivações. Apesar de haver um conflito existente nos conteúdos das manifestações sociais, essa dinâmica é importante, pois evidenciaria a necessidade de cessões entre os atores, representando a sofisticação da consciência do indivíduo, inserido em uma unidade coletiva. Logo, a sociedade se funda por meio das manifestações de contato social, já que há uma influência recíproca entre os sujeitos. A sua configuração plena se desenvolve nas mútuas ações e reações entre os seres humanos, considerando sua existência física em um momento e um território. Reconhecer que certos conteúdos da vida social se modificam e, portanto, se servem de maneira distinta da originária, tornando-se autônomos, com valor em si mesmos “e não em função da legitimação de outra instância superior e extrínseca que ditaria como se deve formar a matéria da vida” (Simmel, 2006, p. 62) faz com que a linguagem seja tão importante instrumento para se conferir uma sociabilidade adequada nesses recentes momentos. Ou seja, por mediar o contato entre os indivíduos, a maneira como esse se dá é de suma importância para que se respeitem os limites intersubjetivos, buscando a intenção de “estar juntos” ou estabelecer a troca entre os conviventes. Para o autor:

O que é autenticamente “social” nessa existência é aquele ser com, para e contra os quais os conteúdos ou interesses materiais experimentam uma forma ou um fomento por meio de impulsos ou finalidades. Essas formas adquirem

então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade (Simmel, 2006, p. 64).

Conceitos trazidos por outros autores permitem ser feitas conexões com a modernidade¹⁵, haja vista o impacto das Revoluções Industrial e Francesa. Embora alguns desses esbocem um recorte temporal, como em Durkheim (1977), ao falar sobre sociabilidade voltada à divisão do trabalho social, Tönnies permite aplicarmos o conceito de comunidade a diferentes espaços e épocas. Durkheim (2001), além de possuir uma importante análise sobre o suicídio, elabora também o conceito de fato social, que além de ser considerado coisa, é coercitivo e geral, exercendo imposição sobre as individualidades. Por estar imerso no fenômeno da Revolução Industrial, elabora, como já mencionado, uma argumentação no sentido a solidariedade coletiva. Para o autor, existiriam dois tipos de solidariedade: a orgânica e a mecânica. Associada às comunidades simples, com baixo teor da divisão do trabalho, essa é produzida por indivíduos homogêneos, que possuem os mesmos valores, crenças e sentimentos. Nesse sentido, a solidariedade se assemelharia à sociabilidade, uma vez que a consciência coletiva (conjunto de crenças, ideias, práticas morais, opiniões e sentimentos comuns à média dos membros de uma sociedade) exerceria certo apagamento das consciências individuais. Por outro lado, na solidariedade orgânica, a referência é feita às sociedades modernas com alta especialização, em que partes são elementares para que o todo funcione. Por sua vez, Tönnies (1995), nos direciona ao entendimento de que o que fundamenta a vida social é a relação social, em que existem interdependências, bem como o encontro de duas ou mais vontades. O autor elabora o conceito de dois tipos de vontade: a reflexiva e racional (*kurwille*) e a natural ou espontânea (*wesenwille*). A primeira baseada no conceito, na própria reflexão e na conveniência racional; a segunda no prazer, na memória e no hábito. Desses conceitos são visualizadas relações com um maior nível de equidade e cálculo; outra fundada em acréscimos dos indivíduos com fins comuns. Diante dessas, de acordo com o autor, dois tipos de agrupamentos humanos são possíveis: comunidade (*gemeinschaft*) e sociedade (*gesellschaft*). Representando também formas de relações sociais, na comunidade as relações sociais são mediadas por um estatuto, em que há um maior nível de intimidade; os indivíduos possuiriam coesão social, afetividade, a personalidade, espaços compartilhados e a informalidade. As comunidades se dividiriam em: de sangue (parentesco), de lugar (vizinhança) e de espírito (amizade); por outro lado, na sociedade, os indivíduos realizariam avaliações mais racionais

¹⁵ Giddens (1991) nos diz que a modernidade é caracterizada como um estilo, costume de vida ou organização social com gênese na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se torna mundial em sua influência.

nas interações, já que nela estariam inseridos indivíduos autônomos em busca de seus próprios interesses.

Observando as teorias dos autores, além da influência de seu tempo ser mais evidente em algumas dessas elaborações, pode se perceber que há, em algum ponto, uma procura maior por felicidade nas relações ditas modernas. Em vez de atuarem apenas direcionados a interesses pessoais, há a preocupação, como externada pelo filho de Alex, de se referir adequadamente a uma outra pessoa. Hoje, talvez, preocupamo-nos mais no que fazer com o que nos foi dado e não apenas tomar atitudes com vistas ao benefício coletivo. Sem dúvidas, conceitos como individualidade foram importantes para esboçar as preocupações que possuem os atores em sua trajetória, mas a racionalidade permeada nessas inter-relações deve ser vista com bastante cautela. Sob outra perspectiva, provavelmente, alguns dos agrupamentos aqui estudados, tal como “homens afeminados”, “homens gays” e “pessoas não-binárias” podem não se constituir como comunidade, nos termos de Tönnies (1995). Considerando de pronto a ausência, em sua maioria, de laços de parentesco consanguíneos, tampouco existe o sentimento de vizinhança (ou até mesmo a proximidade física) e o espírito de amizade. É necessário evidenciar que, em muitos casos, as ditas comunidades, em verdade, estão embasadas no conceito de sociedade, em que a racionalidade e a busca de interesses individuais são mais predominantes do que a defesa de ou a identificação com seus pares. Logo, o mais importante é evitar as generalizações exacerbadas, mas sim, procurar entender a trajetória de cada indivíduo e o comportamento deste diante das circunstâncias/repertório, numa interpretação mais voltada para Simmel (2006). Em contraponto, no que tange às relações familiares, mesmo possuindo uma das características mencionadas para se haver o pertencimento e aceitação à comunidade, o indivíduo visto como destoante é distanciado do convívio, de certos ritos e níveis de “aceitação”. Portanto, não se trata apenas de uma evitação, mas um apagamento, um modo de esquecimento que aquele indivíduo existe. A sociabilidade, portanto, é prejudicada, uma vez que os indivíduos passam a ser racionais com o “estranho”, buscando o objetivo que mais se adegue às expectativas do grupo e não à felicidade daquele com quem convivem; não conseguem se comunicar; tampouco fazem cessões diante de distintas subjetividades.

A violência que se dá por meio da homofobia é cruel. Pascoe (2013) evidencia em seu estudo que:

Estar sujeito ao assédio homofóbico tem tanto a ver com falhar nas provas de competência da masculinidade, proeza heterossexual ou revelar fraqueza quanto à identidade sexual. Os meninos me contaram que parecer “muito feliz ou alegre”, “girar a chave inglesa no sentido errado”, ou fazer uma serenata

para a namorada, tudo isso poderia torná-los vulneráveis a xingamentos homofóbicos (Pascoe, 2013, p. 294).

Sofremos imposições impostas por um policiamento de gênero (Preciado, 2017), em que somos educados como se fôssemos presumidamente heterossexuais. São naturalizados hábitos, maneiras, modos de ser e agir em sociedade, para que nós nos adequemos. Caso não sigamos estas instruções, devemos ser extirpados. No mundo, ser homossexual pode gerar a pena de morte em até 11 países. Além disso, a proibição de relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo chega a 68 países¹⁶. Embora comparada com outras situações, a homofobia possui suas peculiaridades. Longe de nos determos ao tema do estupro quanto debate teórico, encontro nos relatos de Alex e José essa narrativa. Alex me disse que sofria abusos sexuais de um primo de sua mãe. À época, ele romantizava a situação. Em Manaus, no lugar precário em que morou parte da sua infância, percebeu que, em vez das meninas ou mulheres serem assediadas, eram as crianças afeminadas que sofriam esse tipo de situação. Um dia, ao sair da Igreja, Alex foi pedido por um rapaz para que “lhe ajudasse”. Depois de muito insistir, ele acabou cedendo. Após isso, o abusador contou a todos o que havia acontecido e que Alex é que havia investido para que a situação se deslindasse. Ele revela que isso era proposital, para deixar crianças mais vulneráveis e, em consequência, mais expostas a abusos sexuais dessas pessoas. José não explorou em profundidade o assunto, mas disse que deve se ter muita cautela com as crianças, em especial porque as pessoas que cometem essa violência se aproveitam de todas as circunstâncias que a cercam, inclusive sua própria ingenuidade. Ao merecer apanhar, ao ser obrigado e constrangido a ir em lugar onde não se quer, para ter relações sexuais com quem não deseja, mostram a forma difusa que a homofobia dilacera o sujeito. Quando é revelado, seja na infância – quando é “descoberto” – ou na vida adulta – quando é retirado forçadamente do armário – o indivíduo perde seu direito de escolha, de decidir, como se ser gay fosse uma “metonímia”, que suprime todas as características advindas da multiplicidade do ser para dar espaço à orientação sexual. Eu, quando saí da boate e recebi um tapa na cabeça, vi um carro de polícia passando. Eu era mais novo, entre 18 e 21 anos, então chamei meus amigos e paramos a viatura. Contamos a situação que ocorrera. O homem nos disse que nada acontecera e que éramos para seguir nossas vidas. Fizera uma pergunta que até hoje não tive resposta “se acontecer algo conosco, o senhor irá se responsabilizar?”. Seguimos. Mais à frente, resolvemos nos abrigar na casa de um amigo e da sacada, observamos o homem passando com um pedaço de madeira para nos atacar. Nas interações sociais, vivemos constantemente um sentimento de

¹⁶ ROSAS, Paula. Os países que punem a homossexualidade com pena de morte. BBC News Mundo, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-64252532>, acesso em 15/12/2023.

constrangimento, de esconder algo. Quando contamos, achamos que iremos ser recepcionados, mas somos apartados. Meu pai julgou minha mãe e a atribuiu culpa. Já não bastava ser olhado de soslaio pelos colegas no colégio, ser o último escolhido para as atividades escolares, observar a estranheza com que futuros parceiros – que acabaram não sendo futuros, pois desistiram – viam trejeitos, modos, andares, falas e me controlavam. Perceber que para nos socializar, criamos barreiras intransponíveis de acesso ao “eu”, às nossas características específicas, como falado por Tadeu e José. A necessidade, mesmo que inconsciente, de adequar ao “feminino” ao nome de seu parceiro, por medo, como relatou Daniel. A banalidade do mal, trabalhada por Hannah Arendt (1999), faz com que se perca a consciência, o que leva a espancamentos, como os constantes feitos pela família de Alex, homicídios e estupros. A homofobia pode parecer com diversos outros fenômenos da sociedade, mas ataca de maneira específica cada célula afeminada, cada sistema mais bicha. Nos escondermos se faz muitas vezes necessário, uma vez que a todo tempo são emanadas ordens simbólicas do sistema¹⁷ heteronormativo.

Na literatura, na obra “Os Miseráveis” de Victor Hugo, podemos ver a estória de Jean Valjean. Após cometer um crime, qual seja, tentar furtar um pedaço de pão para alimentar sua família, ele foi condenado eternamente por aquela atitude. Ao entrar sem documentos na cidade, todos o julgavam e conseguiu apenas asilo na casa do clérigo que atuava na região. Mesmo depois de reerguendo em outro local para o qual fugiu, lá se instalando e se tornando o “Pai Madelaine”, ao ser descoberta sua identidade, tudo desmoronou. As suas benfeitorias foram sumariamente destituídas e apagadas. Ele já não era mais um homem confiável. Javert, o policial, o perseguia, cumprindo o ávido intento policial burocrático, mas nem mesmo ele sabia o porquê Valjean era considerado um criminoso. A pena de trabalhos forçados, para o personagem principal, era eterna, mesmo que tenha fugido em diversas passagens da obra, pois precisava se esconder durante toda a vida. Mesmo auxiliando Fantine. Apesar de salvar a vida de Cosette. Ainda falando de crimes, em “O Processo” de Kafka, Josef K. se vê sendo acusado por um crime que não cometera e, se assim o fez, não sabe o que fizera para ser acusado. Após passar por diversos lugares truncados, burocráticos e até mesmo sem sentido, a narrativa do autor faz beirar à loucura. Entretanto, a lucidez trazida pelo autor é que, apesar de apelar diversas vezes para a justiça inquisitória, não havia escapatória e, mesmo sem sentença, Josef, vencido pelo cansaço, se entregou ao algoz. Em seus olhos, no último brilho de vida lhe escapou a esperança, que deu lugar à resignação. Mesmo sem ter cometido crimes, nos descobrem muito

¹⁷ O uso do sistema é uma crítica a um sistema hegemônico voltado para desejos, vontades e querereres de homens brancos, héteros, sexistas, machistas, preconceituosos, racistas, misóginos, LBTQIA+fóbicos com dinheiro suficiente para possuir poder e disseminar atitudes e ideias contra todos os sujeitos que não pactuam com as suas.

mesmo antes de sabermos dessa informação. Somos constantemente perseguidos e utilizamos de “armas” e estratégias cada vez mais complexas para nos adaptarmos a um certo tipo de performance ou padrão. E isso se espraia também para pessoas não-binárias e, provavelmente, para outros indivíduos pertencentes à sigla LGBTQIA+. O problema não é “ser gay”, é vestir roupas de mulher. Saggese (2009), em sua dissertação, nos mostra o quão é valorizado o “casal” gay e de acordo com um de seus nativos, eram tratados de modo diferenciado pela família quando se apresentavam como casal. A discussão que se coloca é que, ao se sair do armário, imensos riscos são postos ao indivíduo, inclusive e principalmente de se desmembrar da família. O assunto, muitas vezes, é incômodo e não possível de se digerir.

Apesar de não sabermos responder essas perguntas com exatidão, talvez, passos interessantes sejam dados pela bibliografia anteriormente exposta e pelos relatos de nossos nativos. Quando se viola a norma, esse pacto da heteronormatividade se dissolve e isso não pode acontecer. Essa norma heterossexual nos mostra que há uma racionalidade que dá conta de normas, valores e princípios de conduta e dispositivos, em que a heterossexualidade é instituída como a única possibilidade legítima e natural de expressão identitária e sexual (Warner, 1993), carrega, assim, no ato sexual homoafetivo “excesso de significado” (RUBIN, 1984, p. 279). Butler (2003) nos revela ainda que:

(...) os ritos de passagem, que governam os vários orifícios corporais pressupõem uma construção heterossexual da troca, das posições e das possibilidades eróticas marcadas pelo gênero. A desregulação dessas trocas rompe, conseqüentemente, as próprias fronteiras que determinam o que deve ser corpo (Butler, 2003, p. 190)

É essencial para a construção da pesquisa a consideração das subjetividades da pessoa LGBTQIAPN+. Alex que apresenta a mãe como uma “princesa dos contos de fadas”, narra que se via fazendo carinho em seu corpo, imitando a ocasião em que a sua mãe se cuidava, ao passar creme nos braços. Entretanto, quando não acolhedora, a família produz uma série de obstáculos à autolibertação, uma vez que o homossexual:

(...) nasce para impossibilidade de ser e nasce para cumprir um projecto de subjetificação enquanto heterossexual. A garantia de sucesso de projecto, ao nível das representações aprendidas no processo de socialização, é dada por aquilo que Éribon chamou de “insulto”: para o futuro homossexual não existem homossexuais à sua volta, mas existe um fantasma – a homossexualidade – apresentada como figura condenável e condenada. O processo de subjetificação é, pois, também um projeto de sujeição (Vale de Almeida, 2007, p. 292).

Por isso, as determinações que enfrentamos se referem a um estereótipo que nos faz ser reflexo de um indivíduo heterossexual. Os estratagemas para nos padronizar beira à ideia de

um projeto político, arquitetado propositalmente para que sejamos violentados das mais variadas formas. Isso se relaciona com algo que advém de um binarismo sexual, sobretudo de uma essencialização de gênero, que nos diz o que mulheres e homens devem fazer. A seguir, discutiremos sobre essa naturalização, mostrando algumas das contribuições para este assunto.

2.3 Masculino e feminino?

Mitos envolvem a mulher durante tempos e foram difundidos na sociedade moderna. Desde a caixa de Pandora, o pecado original atribuído a Eva; na literatura, vemos a sensualidade perigosa representada pela ambiguidade dos comportamentos de Capitu, que poderiam sugerir uma traição. Na lógica dos espaços, comentei anteriormente acerca daqueles que, aparentemente, são reservados a homens e mulheres. Vale de Almeida (1995) em “Senhores de Si” pesquisou sobre a masculinidade e nos mostrou interessantes dados etnográficos. No discurso médico, Rohden (2001) expõe que a mulher era vista como um “homem sem pênis” e que estudos não se preocupavam em pesquisar acerca da presença de zonas de erógenas na mulher, mas, inicialmente, com fulcro em identificar possíveis patologias, entendendo o corpo feminino como provedor. A lógica dos espaços segmentados também aparece por meio da seguinte fala da autora:

E é com base nos papéis diferenciados na reprodução que se prescrevem papéis sociais muito distintos para homens e mulheres. Os primeiros seriam mais apropriados para as atividades no mundo público, do trabalho, política, comércio, enquanto as segundas se prestariam às atividades na esfera privada da família, como mães e esposas (Rohden, 2001, p. 73).

Em outro aspecto, o feminino – e não necessariamente as mulheres – possuiria uma perspectiva essencializada e generalista com algumas marcas específicas, a exemplo do atributo “não heroico”. Whitmont (1991), nos mostra o suposto papel atribuído à mulher, nos dizendo sobre o que não se interessaria o feminino:

[...] O feminino não se interessa pelo obter, pelo pensar. Não é o heróico, nem rebelde, não tem inclinações para lutar contra oposições. Em vez disso, existe no aqui e no agora e no fluxo infinito [...] Expressa a vontade da natureza e das forças instintivas, e não a atitude voluntariosa de uma pessoa em particular. A forma da consciência feminina é global e orientada para os processos. É funcional e não abstrata e conceitual. Está isenta da dicotomia do dentro-fora ou corpo-mente (Whitmont, 1991, p. 61).

Na sociedade ocidental, a luta das mulheres permeou a liberdade sexual, com a possibilidade de utilização da pílula anticoncepcional, o que permitiu, de certa maneira, a

dissociação entre sexo e procriação (McRae, 1990). Embora com alguns avanços, ainda são discutidas algumas questões, como a possibilidade do aborto e a autonomia das mulheres diante de seus corpos, paternidade responsável, bem como políticas públicas que façam com que a mulher tenha meios suficientes para exercer a dupla jornada, sem, com isso, acarretar o detrimento de sua trajetória profissional. De acordo com Biroli (2018), a maternidade é atribuída à mulher, como se fosse algo naturalmente pré-determinado – e sem qualquer possibilidade de reordenamento das funções.

Dados representam algumas das questões que poderiam demonstrar as desigualdades que existem entre mulheres e homens: segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública¹⁸, no primeiro semestre de 2022, 699 mulheres foram vítimas de feminicídio, média de 4 mulheres por dia. Este número é 3,2% mais elevado que o total de mortes registrado no primeiro semestre de 2021, quando 677 mulheres foram assassinadas. Além disso, o relatório da OIT¹⁹ nos revela que as mulheres, globalmente, ainda recebem quantias salariais inferiores em 20% quando comparadas com a dos homens. De acordo com Relatório Global sobre Tráfico de Pessoas²⁰, do total de mulheres traficadas, ainda a maioria é vítima desse crime com finalidade sexual. No Brasil, por meio do levantamento²¹ da Clínica de Trabalho Escravo e Tráfico de Pessoas da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (CTETP/UFGM), com base em dados referentes a 144 processos, foram identificadas que das 714 vítimas, 688 são do sexo feminino (96,36%). Rubin (1975) nos dá outras nuances sobre o tráfico, utilizando algumas referências – tal como os estudos de Marx, Engels, Freud e Lacan, Levi-Strauss – para nos abrir caminho para reflexão. Primeiramente, a autora reflete como a localização e contexto são relevantes para transformar o indivíduo. Fazendo uma analogia com uma fala de Marx, que dizia que o homem negro escravo só o era devido a determinadas relações, ela relaciona essa frase às mulheres que são colocadas como criadas, esposas, prostitutas, escravas, coelhinhas da Playboy, prostitutas em um contexto específico. Ao analisar o que estuda Marx, a autora é

¹⁸ Violência contra meninas e mulheres no 1º semestre de 2022. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/12/violencia-contra-meninas-mulheres-2022-1sem.pdf>. Acesso em 01/02/2023.

¹⁹ Relatório da OIT aponta que mulheres recebem 20% a menos do que homens. Nações Unidas Brasil, 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/199919-relat%C3%B3rio-da-oit-aponta-que-mulheres-recebem-20-menos-do-que-homens>. Acesso em 18/03/2023.

²⁰ UNODC, Global Report on Trafficking in Persons 2020 (United Nations publication, Sales No. E.20.IV.3). Disponível em: https://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/tip/2021/GLOTiP_2020_15jan_web.pdf. Acesso em 20/03/2023.

²¹ Miraglia, livia... [et al.]. Tráfico internacional de pessoas: crime em movimento, justiça em espera (livro eletrônico): relatório de avaliação de necessidades sobre o tráfico internacional de pessoas e crimes correlatos. 1. ed. Brasília, DF: OIM, 2022. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2022/12/trafico-internacional-de-pessoas-crime-em-movimento-justica-em-espera.pdf>. Acesso em 18/03/2023.

cirúrgica e nos mostra que as mulheres se inserem no sistema capitalista, que se baseia na fabricação e extensão de capital, por meio da reprodução da força de trabalho no circuito da mais-valia. Ela nos diz que os autores analisados não foram capazes de identificar algo além do que antes propuseram identificar. Na verdade, Marx, sob o olhar de empregadores e proletariados, se esqueceu de enxergar que havia, além dessa realidade, mulheres e homens, que sofrem diferentes interferências do sistema de produção capitalista. Engels, por outro lado, afirmou que as relações de sexualidade devem se separar das relações de produção, que são tão importantes quanto e estão relacionadas a alimentar-se, vestir-se e aquecer-se. Estas são necessidades básicas e vitais. Isso é rechaçado pela autora, nos informando que o sexo é intermediado pela cultura e produto social. A sociedade se utiliza de fatores biológicos para naturalizar relações sociais, permeando o sistema de sexo gênero. De acordo com a autora, um “sistema de sexo/gênero” é uma série de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas (Rubin, 1975, p. 3). Essa sociedade tem, portanto:

[...] Também um sistema de sexo/gênero – uma série de arranjos pelos quais a matéria-prima biológica do sexo humano e da procriação é moldada pela intervenção humana, social e satisfeita de um modo convencional, por mais bizarras que algumas dessas convenções sejam (Rubin, *idem*, pp. 10-11).

Os termos utilizados não são inocentes, uma vez que são colocados de maneira diferenciada e até mesmo pejorativa, a exemplo de “modo de reprodução” que é utilizado para se contrapor ao modo de produção, colocando este como mais importante. A ideia de Rubin (1975) reflete o papel da mulher como moeda de troca, por meio do casamento, auxiliado pelo tabu do incesto. Foucault (1926-1984) esclarece que o poder se estabelece não apenas nas relações costumeiras, mas também por meio da divisão do trabalho. Esses argumentos que foram demonstrados por Rubin, podem ser considerados típicos de uma forma de engendrar comportamentos e atitudes específicas nas mulheres, fazendo, portanto, parte de, além da construção de uma subjetividade, um processo civilizatório. Segundo Elias (1998):

O arcabouço de normas e controles, o código ou cânone de comportamento e sentimento em nossas sociedades (e talvez em todas as sociedades) não consiste num todo unificado. Em toda e qualquer sociedade existe um gradiente específico entre a relativa formalidade e a relativa informalidade, o qual pode ser apurado com grande precisão e ser mais ou menos elevado. A estrutura desse gradiente muda no decorrer do desenvolvimento de um Estado-sociedade. O seu desenvolvimento numa direção específica é um aspecto do processo civilizador (Elias, 1998, p. 41).

Logo, os fenômenos são incorporados na sociedade gradativamente no seio social. As adaptações acontecem durante a história, mas o processo civilizador, para ganhar força e forma,

necessita se desenvolver. A forma de comportamento e de acreditar, moldada por uma visão preconceituosa e que subjuga minorias, faz com que a dominação se sirva como aparato para descredibilizar, desorientar e desumanizar as pessoas. Colocar indivíduos dentro de uma hierarquia, apoiando-se nas condições de sexo e raça, de acordo com Gonzalez (2020), suprime a humanidade justamente porque nega o direito a eles de serem sujeitos não só de seus discursos, mas também de suas próprias histórias (Gonzalez, 2020, p. 128).

Para Bordieu (1997), em “A Dominação Masculina”, existiram forças simbólicas, permeadas por um contexto de violência simbólica, em que os atores compartilhariam tais valores, mesmo que inconscientemente. As relações de gênero, portanto, se dariam em um nível de “trocas simbólicas”, em que a mulher passaria a ser objeto de troca – ponto de contato com Rubin (1975) -, sendo, assim, o capital simbólico pertencente aos homens. Kimmel (1998) abordou a formação de uma masculinidade hegemônica nos Estados Unidos e a criação de masculinidades subalternas. O autor nos diz sobre a existência, no final do século XVIII, de dois modelos, quais sejam: o Patriarca Gentil, que seria aquele que possuía propriedades rurais, cordial, educado e dado a uma certa sensualidade, sendo pai devotado; o Artesão Heroico, que incorporava a força física e a virtude republicana do fazendeiro, do artesão urbano independente, o dono do pequeno negócio. Esses se transformaram em, respectivamente, “bichinha” e trabalhador comum, a mão-de-obra, uma peça da máquina. Eles deram lugar ao que eclodiu, na primeira parte do século XIX, como sendo o *Self-Made Man*. Acordando-se à lógica capitalista, tal homem deveria demonstrar a sua masculinidade e aplicá-la no mercado. Este seria um homem de negócios, que deveria se provar a todo tempo, por meio de suas aquisições e sucesso. Fry (1982), em estudo da homossexualidade no Brasil, identifica os estereótipos atribuídos a “bicha” e ao homem. Sendo colocados como antíteses, a “bicha” seria aquele homem afeminado, que performaria passivo (penetrado) nas relações sexuais, enquanto o homem seria aquele “macho” e penetrador. Essa lógica, de acordo com Fry, nesse paradigma de comer *versus* ser comido, representaria o ganhar/perder similar a um jogo de xadrez. Connel (1995), em momento posterior, realiza uma crítica sobre o termo “papel masculino”. Uma das reflexões realizadas é a seguinte:

(...) o conceito de “papel masculino” tem vários pontos fracos, tanto em termos científicos quanto práticos. Ele não nos permite compreender questões relacionadas ao poder, à violência ou à desigualdade material. Trata-se de um conceito que não nos permite ver as complexidades no interior da masculinidade e as múltiplas formas de masculinidade. Além disso, ele oferece estratégias muito limitadas de mudança. Os pontos fracos da teoria do papel sexual são agora bastante claros e o conceito deveria ser dado como obsoleto (Connel, 1995, p. 188).

Preciado (2017) nos diz a existência da linearidade entre sexo, gênero e orientação sexual. Estes são elementos importantes para constituir o que é denominado como heterossexualidade compulsória, uma vez que a expressão do corpo por meio da sexualidade não é inerente à biologia, inato ou pré-existente biologicamente para os indivíduos (Willians, 2012). Federici (2017), em “O Calibã e a Bruxa” exemplifica essa situação, nos mostrando como a prostituição foi instituída pelo Estado como forma de abrandar a homossexualidade, que era pujante na sociedade francesa. Por meio dos bordéis, denominados Grande *Maison* – amplamente apoiados socialmente – havia a tentativa de extirpar o denominado “desvio sexual” ou práticas hereges. A homossexualidade era tão escancarada que até mesmo as prostitutas mulheres se vestiam de homens para atrair seus clientes. Entre 1350 e 1450, a prostituição foi institucionalizada em aldeias da Itália e França, serviço esse gerido por meio dos impostos. Até mesmo a Igreja chegou a ver a prostituição como atividade legítima (Federici, 2017, p. 106).

Haraway (2009), discute gênero por meio da “Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano”, nos informa que já não somos mais humanos. Por meio de órteses e próteses, em contato com a internet das coisas ou, até mesmo, por meio de um simples contato com a tecnologia já poderíamos nos considerar ciborgues, classificação em que a autora se inclui. Essa forma de definição seria um modo de libertação, pois retiraria toda a pré-formatação natural dos papéis elencados para homens e para mulheres. Ser um ciborgue seria uma forma útil de se encontrar um remanejamento para as funções ou uma forma de construir novas categorias e definições. Dessa forma, podemos concluir que:

Se as mulheres (e os homens) não são naturais, mas construídos, tal como um ciborgue, então, dados os instrumentos adequados, todos nós podemos ser reconstruídos. Tudo pode ser escolhido, desde lavar os pratos até legislar sobre a Constituição. Pressupostos básicos como, por exemplo, decidir se é natural ter uma sociedade baseada na violência e na dominação de um grupo sobre outro tornam-se repentinamente questionados. Talvez os humanos estejam biologicamente destinados a fazer guerras e a poluir o ambiente. Talvez não. (Haraway, 2009, pp. 25-26).

É certo que as mulheres – e bem outros indivíduos que partilham características desviantes do dito padrão branco, heterossexual, heteronormativo – possuem inúmeras barreiras e obstáculos no trato social. Entretanto, é importante discutirmos alguns assuntos. Primeiramente, a lógica de que resultam esses estudos é sugerir uma subordinação global das mulheres aos homens, bem uma perspectiva que binariza ou polos, o que pode nos levar a entender que isso não ocorre em relações homoafetivas. Lopes (2010) ao realizar pesquisa com casais de Brasília e Buenos Aires, colheu algumas informações importantes. Ao perguntar a eles o que consideravam ser “homem”, eles agiram como se tivessem chegado a veredito, afirmando que os homens diferiam diametralmente da mulher por possuírem mais “impulso”,

especialmente quando se referiam a sexo. Para eles, “naturalmente”, o homem está “mais próximo do animal” do que da mulher. O “desejo sexual”, para esses homens, é algo muito mais intenso e difícil de controlar do que para a mulher (Lopes, 2010, p. 91). Eles rejeitam sinais ou quaisquer traços e características do feminino em seus corpos, mostrando sua “autenticidade”, ao afirmarem a “naturalidade” existente. Ou seja:

A “autenticidade” dos nativos entrevistados reside justamente na capacidade que eles têm de performar “sua natureza”, sua “masculinidade”, sem sentir desejo de fazer alterações em seu corpo, mas também rejeitando qualquer traço por menor que seja de feminino. Assim, esses nativos se identificam como “homens como quaisquer outros”, apesar de ambigualmente “atenuarem” a sexualidade masculina enfatizando a camaradagem e a afetividade nas relações de parceria sexual e, ao mesmo tempo, recuperar a hierarquia de gênero que é central para masculinidade hegemônica ao desvalorizarem e rejeitarem sinais de feminilidade (*idem*, pp. 93-94).

Embora digam que existe um espaço amplo, em que coexistiriam todas as homossexualidades, inclusive a de homens afeminados, segregam esse “outro”, “diferente”. Isso se mostra mais evidente quando falamos da produção de filmes pornográficos “gays”, que podem ser considerados como formas de construtos da subjetividade, dado o seu amplo acesso a menores de idade (Díaz-Benítez, 2013). Ocorre nesta indústria um movimento denominado “*gay for pay*”, em tradução literal *gay* por pagamento. Muitos atores, sendo alguns elencados pela revista *trip*²², tal como Clay Maverick, Mike Branson, Wolf Hudson, Peter North, Christian Wians, Leo Giamani, Brent Diggs, Rod Daily, Paddy O’Brian, Chris Rockway, Sebastian Kross, Jeremy Walker, Castro Supreme iniciam suas carreiras ou fazem a transição para ela. Isso nos faz pensar sobre o que é ensinado ou inculcado na mente do sujeito. Mesmo que essa seja só mais uma fonte de trabalho, me questiono a quem a grande indústria ensina o homem homossexual a amar ou sentir atração, se sobre o seu semelhante ou em relação a alguém inatingível, inalcançável. Ao pensarmos um pouco nessa questão do homem homossexual enquanto uma pessoa afeminada e destituída de um espaço relevante para outros participantes da própria comunidade, infere-se que o homem homossexual que apresenta essas características contraria a própria noção de uma substância permanente que se mostra fictícia. A viabilidade de homem e mulher como substantivos, se vê questionado pelo jogo dissonante de atributos que não se conformam aos modelos sequenciais ou causais de inteligibilidade (Butler, 2021, p. 55). Nessa lógica binarista, portanto, a “bicha” estaria encaixada em um modelo *sui generis*, como

²² BELLÉ, Jr. Os atores héteros que fazem pornô gay por dinheiro. *Trip*, 2016. Disponível em <https://revistatrip.uol.com.br/trip/os-atores-heteros-que-fazem-porno-gay-por-dinheiro>, acesso em 18/03/2023.

– com as suas devidas adaptações – *outsider-within* elaborado por Collins (2016). Nesse ponto, a bicha estaria em um não lugar, em uma espécie de limbo.

Por fim, é interessante perceber que talvez os limites que envolvem o que ser é feminino e masculino permeiam concepções de uma cultura ocidental. Quando é dito puramente que há uma divisão entre público e privado relacionadas a concepções de gênero, estamos sim a assumir um posicionamento binarista tal qual o que critico aqui. Nesse momento, ao perceber tudo o que foi esboçado, talvez eu mesmo tenha tido uma visão equivocada acerca dos espaços proibidos e permitidos quando vivenciei aquelas situações. Isso ocorre porque as definições de masculino e feminino devem ser devidamente localizadas, não estáticas, são móveis, até mesmo voláteis, diante das diversas dinâmicas e pontos vista existentes mundo afora. O *Self-Made Man* é um homem que está associado à cultura estadunidense, podendo, em consequência, não se aplicar a homens brasileiros. Logicamente, percebemos que existem sim certas “opressões” que se dão entre os gêneros, mas isso deve ser visto com cautela. Strathern (1997) estuda especificidades acerca das comunidades Papua Nova Guiné e nos alerta para como os estudos que são realizados sobre o “outro”. A subjugação feminina, por exemplo, representada por ficar em casa exercendo o trabalho doméstico só é assim porque o dinheiro, para nós, está diretamente ligado a um estatuto, a relações de poder (Strathern, 2014, p. 10). Marcada por uma antinomia entre sujeito e objeto, antropólogos ocidentais têm certo desconforto em fazer uma associação entre mulher e riqueza. Entretanto, para os Hagen, um dos grupos estudados, em que as mulheres têm nomes que se referem a valores, os conceitos não são equivalentes à conceitualização das mulheres como objeto (*idem*, p. 118). Portanto, a tentativa de estabelecer um universalismo de opressões e até mesmo de grupos desprivilegiados exige um recorte cuidadoso – bem como as devidas ressalvas. Oliveira (1998), ao falar sobre os discursos da masculinidade, nos revela a existência de uma argumentação que coloca os homens como vítimas, em decorrência de uma série fatores sociais e psíquicos, o que acaba por gerar uma desresponsabilização no que tange às práticas cotidianas, já que o homem estaria sendo um mero joguete de um “sistema demoníaco”. Por outro lado, a discussão que propõe Ortner (1979), questiona uma suposta associação entre mulher e homem, natureza e cultura faz com que nos questionemos ainda mais as definições acerca do feminino, como a feita por Whitmont (1991) e a sua atual aplicação. Ortner (1979) nos mostra que, em certos aspectos, a argumentação de que há uma subordinação global das mulheres pode se demonstrar falha, haja vista a presença de sociedades em que a dinâmica se mostra diferente. Beauvoir (1980) em “Fatos e Mitos”, já havia discorrido sobre uma série de afirmações, entre elas as existentes da

biologia e materialismo histórico-dialético, baseadas em um posicionamento enviesado e até mesmo bem naturalizado, à serviço de um determinado grupo específico, com uma série de outros aspectos interrelacionados. Mead (1969), ao estudar três tipos de povos ditos “primitivos” (Arapesh, Mundugumor e Tchambuli), já havia nos mostrado que os comportamentos associados, por nossa sociedade, a mulheres e homens, não eram determinantes, tampouco necessários para essas sociedades, representando-se em uma configuração diferenciada para cada grupo.

Logo, é interessante ressaltar que, como pesquisador, estou inserido em um âmbito próprio de vivência e de experiências que possui seus meandros. Discutiremos ao final sobre as escolhas feitas, mas é justo compreendermos o recorte, ressaltando, porém, alguns aspectos. Ser gay não é sinônimo de não estarmos envolvidos aos preconceitos que fazem parte de nossas criações e concepções. “Ser homem” e “ser mulher” – divisão essa bem discutível – são representações que nos sugerem disputa e, por isso, a discussão se apresenta. Considero que existe sim, uma masculinidade engendrada e, por meio dela, nos vemos obrigados a seguir um caminho essencializado rumo à unicidade. Talvez, por isso, seja tão estranho eu falar anteriormente “bicha ativa”. Isso porque, diante desse contexto, ser bicha (afeminada) e penetradora seriam definições que contraporiam. A próxima reflexão que se apresenta é relacionada à bicha que, em muitos momentos, foge ao que nos é ensinado como “masculino” e anda rumo ao feminino descompassadamente. Nesse ponto de vista em que todos se encontram naturalizados e rotulados, a bicha se apresenta como uma fracassada diante do modelo heteronormativo.

2.3.1 A bicha

A bicha tem em sua terminologia diferentes possíveis acepções e se entende aqui que seria impossível trazê-las todas em sua completude e complexidade que merecem. A bicha “pão com ovo”, intelectual, do interior, ativa, entre outras. Entretanto, ao falar de gays afeminados já não estamos mais a falar acerca da bicha da década de 1980, trazida por Fry (1982). Em sua pesquisa, ele analisa a figura da bicha como contraposição ao “homem”. Nesse entremeio de argumentos o autor expõe que a bicha seria aquela passiva no sentido sexual, ou seja, seria penetrada e o homem seria aquele que penetra, que possui aspectos viris, correspondendo, mais ou menos, a um estereótipo do “macho”. Apesar de diversos contributos para os estudos de gênero, à época, o autor apresentou uma representação que tende a se referir a heterossexualidade e também a uma certa análise elitista, já que infere que gays de classe média seriam mais aptos a causar a quebra nos padrões de gênero, enquanto as massas, pessoas de

uma classe social mais baixa, estariam utilizando com mais frequência termos equivocados e aparentemente corroborariam para uma categorização generalizante. Longe de anacronismos, mas, por meio desse olhar binário e reducionista, estaríamos considerando a bicha num não lugar, alguém *sui generis*. E dizer bicha não significa dizermos homem gay. Essa tensão se mostra muito intensa, ao vermos, posteriormente, não só em um relato na entrevista que realizei, mas também na pesquisa feita por Lopes (2010) que identificou a existência de um discurso referente a homens de respeito, como já mencionado anteriormente, que se alinhavam bem distantes da bicha afeminada.

Mesmo tendo uma acepção variada e hoje saindo em muito da lógica binária determinante, a bicha, enquanto gay afeminado possui um aspecto de desvalor, em que o corpo se apresenta como abjeto, e sob em leitura de Butler (2003), abjeto seria o indivíduo que não teria o direito de convivência, de permanecer e de estar. Deve se deixar à margem, excluído. Embora as bichas encontrem maneiras de resistência, como expostas por Belarmino, Dimenstein e Leite (2023), que mostram que as “bichas” passam a se maquiar, colocar “unhas” a se “feminilizar” cada vez mais com intuito de reivindicar seu espaço e lugar na cidade, as pessoas afeminadas (e não só as bichas) são submetidas a inúmeras violências. José me conta sobre sua lembrança acerca de um dos primeiros episódios de violência que sofrera:

Na primeira vez eu tava voltando de um cursinho de inglês (...), mas eu tinha 14 anos, eu tava de short curtinho, camiseta, com uma mochila da minney e eu recebi um soco na nuca. E aí eu caí no chão, e aí o que eu lembro é dos caras falando “viado tem que morrer, bate nele”, falando assim, coisas do tipo, esse não foi nessa primeira vez, mas uma das outras vezes que eu fui agredido [e eles falaram] “pegar um cabo de vassoura e enfiar nele”, coisas desse tipo (...) As primeiras vezes foi meio que um choque, depois, eu entendi por que que eu apanhava, fui obrigado a ter que entender. Então, às vezes, eu me policiava, como eu me vestia, como eu agia, por medo. E isso pra mim era, de certa forma, horrível, de ter que, tipo assim...Eu sempre tive uma boa autoestima física, meus pais sempre me trabalharam isso, então quando eu me olhava no espelho, não gostava do que eu via, por tá com uma roupa muito...que não era um estilo que eu gostava, pra mim era ruim e o pior ainda era o porquê que eu tava usando aquela roupa. Que era pra eu não apanhar. Então, isso, pra mim, era pior ainda.

O relato de José pode demonstrar algo ainda mais perverso que a exigência de uma heterossexualidade compulsória pode fazer com seus pares homossexuais ou que destoam em algum aspecto desse comportamento: quanto mais “feminino”, menos valor se tem numa pirâmide “hierárquica”. As considerações de Bernardino de Jesus e Martelli (2017) revelam claramente o que aqui foi demonstrado: “Vestindo a roupa que mais lhe agrada o sujeito *queer* sofre o julgo externo e até mesmo pode ser violentado por esta escolha, ao vestir o que a

sociedade impõe, o sofrimento também acontece, uma vez que nega a identidade que ele criou para si” (Bernardino de Jesus; Martelli, 2007, p. 31). Ou seja, um mero ato de vestir a roupa, trajar-se, pode ser um momento de grande tristeza e angústia. Além disso, quando se fala de exclusão devido a possuir um corpo não encaixado dentro dos padrões socialmente aceitos (magro, branco, cis, másculo, viril), tem-se uma segregação dentro do próprio ambiente homossexual ou LGBTQIAPN+. José já nos contou que muitas pessoas com as quais ele teve algum tipo de relacionamento disseram a ele que adoravam se relacionar sexualmente com ele, entretanto, não era possível que aquela situação pudesse acontecer em público (relacionamento afetivo). Alex me conta que um dia conheceu um rapaz, ao qual se refere como “padrão”, ou seja, musculoso e gay. Esse rapaz vestia roupas ditas femininas, entretanto, possuía o corpo “de academia”. Ao ser convidado para uma festa com esse rapaz, resolveu aceitar. Vale aceitar que, atualmente, de acordo com o próprio relato do entrevistado, Alex é obeso. O nosso entrevistado me contou a seguinte situação que ocorrera com ele:

Teve uma festa que a gente foi (...) e aí é tipo assim, a gayzarada mesmo do “A ao Z”, tudo junto e misturado. E aí eu digo “nossa, que roupa vai pra lá?” (...) Caramba, que bacana, todo musculoso, com barba e tudo mais, mas com uma roupa feminina (...) aí eu fui na rede social dele, hoje em dia a gente tem amizade sincera, né? E aí a gente foi conversando e construímos essa amizade. E aí eu digo “então vou à vontade”. Eu fui com um microshort, né? Cores da floresta, uma blusa também solta, aberta, uma blusa de paetê. Eu acho que era porque eu era gordo. E aí meu cabelo solto, maquiado e tal...e ele tava bem maior assim. E quando eu cheguei todo mundo passava, olhava pra mim. E aí, tipo, como eu sou gordo, eu tenho mama (...) e como a blusa de paetê juntava não sei se eles imaginaram assim “ah, é uma trans”, o short era curto, tava de tênis. E eles olhavam muito pra mim, primeiro olhavam pro rosto, depois pro corpo. Por isso que eu te falei que eu acho que era porque tipo, “ah, ele é obeso, tá aqui”. E naquela noite eu percebi que era o único obeso ali (...) Toda vez que alguém passava, fazia cara de susto, assim, quando me via. E teve uma pessoa que se aproximou e disse “nossa, teu cabelo é lindo!”. Poxa, tinha a minha face que tava incrível, a minha make, tinha o meu look que tava impecável, que inclusive veste muito bem no meu corpo (...).

Isso é tão forte na vida de Alex que ele me relatou que não consegue flertar com outras pessoas, porque ele não sente que as pessoas estão se interessando por ele, mas sim por um “corpo gordo”. Ele contou que quando fora às boates, na juventude, nunca havia acontecido isso. Indaga-se se isso não ocorreu porque ele estava em uma festa de “padrão”. Alex disse que, em sua visão, são os gays mais com estereótipo masculinizado, o corpo, músculo, pelo, trincados, tipo “ratos” de academia, mas que podem usar conjuntos de calção e “camisinha” mais delicada. “Ele pode andar, assim, quase que rebolando, mas que, no final, ele vai falar ‘e aí mano’ (voz grossa)”, explica. Disse que, na ocasião da festa, ainda comentou com seu amigo: “amigo, tu me trouxe num local que parecem vários robôs iguaizinhos, cadê as gordas, cadê as

obesas, cadê as sapatonas caminhoneiras? Só tem o pessoal (...) parece um molde de massinha, que tu tira da máquina e só põe uma roupinha (...)”. Ainda comentou que em Manaus não se vê as gays afeminadas “gordinhas” tampouco pessoas trans com esse tipo de corpo.

Em uma perspectiva que alia o corpo da gay afeminada à cidade, são percebidos vários mecanismos de exclusão existentes desses corpos. A inferioridade presente na existência dessas pessoas pode nos fazer gerar uma correlação ao fenômeno da misoginia, expressos pelo ódio, aversão e diminuição das mulheres/do feminino. E infelizmente isso não ocorre apenas quando se naturaliza essa binaridade, reconhecendo a existência de homens e mulheres. A heteronormatividade também pode se apresentar de modo a estigmatizar aqueles que não se encaixam nesse panorama, mesmo no ambiente homossexual (Miskolci, 2016, p. 15). José faz uma crítica a essa situação. Fala-me que existem sim gays afeminados e pintosas, bem como pessoas discretas e reservadas, entretanto, o problema estaria quando é feita uma espécie de escada pirâmide. “O que estaria no topo é o que representa uma masculinidade, porque o homem gay gosta de homem, só porque, não sei porque eles enfiam na cabeça que a referência de homem é de homem hétero cis (...) acho que o padrão é esse: quanto mais heteronormatividade você representa, quanto mais másculo (...) é esse padrão que eles querem”. Elu me conta que já fez um “teste” em um dessas plataformas de encontro sexual casual. O entrevistado me relata que:

Eu botei uma foto naquele aplicativo, que eu acho que você sabe qual, bem fofa, com meu cabelão, de peruca (...) aí os que vinham chamar era no lugar de fetichização e aí me objetifica, e eu não aceito. E aí quando eu botei um muito normativo, fazendo força até pro músculo e uma cara de “bravo”, bolado, choveu de gente chamando, né? A diferença tá aí. É tipo assim, **tem a parte física também, mas vai muito mais além do corpo, é o que você performa do cara másculo** (...) E é esse o padrão dos gays “sou macho discreto e fora do meio que quero outro macho discreto e fora do meio”. (grifo nosso)

Reflexões pertinentes ao tema são dadas por uma pesquisa feita por Teixeira Tavares (2021) acerca dos discursos existentes sobre a “bicha afeminada” no *Grindr*. Em artigo explica basicamente o teor de sua pesquisa, feita na cidade de Campos dos Goytacazes, em 2018. De acordo com Giddens (1993), a partir do surgimento de certas modernidades, tal como advento do carro, cinema e contracepções, foi possível dar ao sexo um caráter de prazer e não apenas com intenção de reprodução, gerando, assim, uma maior autonomia sobre esse. A cultura ocidental tem apresentado uma mentalidade diferente, com o passar do tempo, em relação ao sexo, entretanto, ainda existem saberes que colocam algumas situações como aceitáveis ou não, por meio de discursos biomédicos, religiosos e midiáticos. A pesquisa do autor reflete como,

nessas redes, são refletidos espaços de gênero fixos, com identificações performáticas que tendem a ser fixas ou binárias. Falas como “Não sou, nem curto afeminado”, “Discreto e fora do meio”, “Macho e busco semelhantes” são bem frequentes. Tavares Teixeira (2021) nos explica que:

Dos doze (12) perfis selecionados aleatoriamente durante (4) dias seguidos em diferentes turnos do dia, quatro (4) deles diziam em sua descrição não curtiam afeminados abertamente, como pré-requisito para iniciar interação. Outros sete (7) perfis buscavam enfatizar que são discretos, sigilosos e machos, o que na prática significa explícito afastamento da figura do afeminado.

Fala muito interessante foi a de Fabiano durante nossa entrevista. Ele se denomina uma pessoa discreta. Conta-me que acha “bicha” pejorativo e “gay” não. “Bicha parece que pega mal, quer ofender mesmo”, disse. Fala que gay é um termo mais correto, que qualifica, mas não fere. Comenta que temos ganhado bastante espaço, que está cada vez melhor, que mais artistas estão se assumindo, que está mais fácil de as pessoas entenderem, de tratarem a gente como normal, como se a gente não fosse um problema. Ao ser perguntado como ele se sente quando as pessoas lhe falavam que ele “nem parece gay”, ele me conta que:

Então, talvez eu fique um pouco incomodado. Tem que parecer. Por um lado, eu acho que, que bom, porque eu não gostaria de ser uma pessoa, como que se diz que apareça de qualquer forma ridícula. Sei lá, porque talvez a pessoa queira dizer isso, que o gay para parecer gay tem que ser exagerado, tem que ter alguma coisa que chame a atenção. Eu nunca gostei de chamar a atenção, então eu prefiro ser uma pessoa discreta em todos os aspectos, não só no aspecto de ser gay ou não. Mas, eu fico assim, **eu estranho porque as pessoas têm um pensamento muito fechado sobre ser gay** (grifo nosso).

Comenta que na sua faculdade havia alguns outros meninos gays, mas que eram “chatos”; que os mais assumidos já ficavam mais falados, que eram assumidos demais e não o atraíam, não fazia seu “tipo”. Ao ser perguntado sobre esse tipo, ele nos relata que eram muito afeminados e estereotipados. “Não a serem gays mesmo, eles não tinham um papo legal, entendeu?”. Já que os afeminados, aparentemente, não eram seu “tipo”, perguntei a ele o que considerava como o tipo adequado para ele. Ele me respondeu que:

Tenho preferência por moreno, não gosto de pessoas loiras, assim como eu ou branquinhas assim como eu. Prefiro mais moreno, com barba, altura tanto faz, idade, também, depende. Mais ou menos da minha idade, um pouco pra menos um pouco pra mais (...) Depende, que goste das mesmas coisas que eu. Que seja discreto, apesar que meu namorado nem era tão discreto assim (...) Não precisa ser necessariamente discreto, **eu não gosto de gays afeminados. Não é que não gosto, não gosto pra me relacionar, as amizades eu adoro.** Mas, assim, pra me relacionar eu gosto de um cara que talvez seja mais certinho, entendeu? (...) É inevitável uma pessoa, um gay também não gesticular, não fazer certas coisas, eu acho isso até legal. Mas meu namorado, ele sempre foi

um pouco mais...menos discreto que eu e eu nunca me incomodei com isso (grifo nosso).

Por ter mencionado discreto, pergunto a ele o que significaria ser discreto. Ele me responde que é o oposto do afeminado. “Sei lá, no estilo, no jeito de vestir, no jeito de falar, alguns que usam maquiagem, eu não acho legal, né? Que usam roupa colorida, conjuntinho...”. Fala que não acha tão interessante gays que se montam, ou seja, se vestem com roupas ditas femininas em algumas ocasiões. Pergunto a ele se existe algum padrão e qual seria esse. Ele me responde afirmativamente, dizendo que existe a *barbie*, que é o gay “marombado”, que há vários nichos e preconceito entre eles.

As afirmativas de Fabiano podem ter alguma similitude com o que foi encontrado por Lopes (2010) em relação aos homens homossexuais construindo uma certa “imagem de respeito”. Como já mencionado, essas idealizações associam a conjugalidade, ideais de fidelidade e não promiscuidade, por um controle do segredo da homossexualidade no espaço público, pela demonização do homossexual promíscuo que frequenta o “mundo gay” e pela utilização de uma performance de gênero coerente com a determinada para seu sexo biológico (Lopes, 2010, p. 27). Mesmo que nem todas essas características sejam possíveis de se inferir no relato de Fabiano, ao se utilizar de certos termos como “chatos”, “estereotipados”, “ser considerado como normal” demonstra que há, pelo menos, algum nível de comparação para haver tal narrativa. Seria, portanto, “natural” ser algo e adquirir certa característica feminina, tal como gesticular – algo que não é necessariamente definidor de qualquer característica de sexo ou gênero -, menos atrativo ou menos próximo do desejado “discreto”. Esse discurso, em várias camadas, tende a mostrar que estamos, em alguma medida, sendo comparados a nossos pares heterossexuais e, de certo modo, é esperado que mantenhamos postura igual a deles, na forma de vestimentas, estilo e comportamento, aspecto também ressaltado pelo entrevistado. Lopes (2010) evidenciou algo sobre seus nativos que pode ser colocado, com suas devidas adaptações, aqui:

Assim, apesar de dizerem que existe espaço para todos os tipos de homossexualidades, inclusive a de homens afeminados, rejeitam um contato mais próximo com esses outros “diferentes”, rotulando-os em seu dia-a-dia como seres “escandalosos”, “mal-resolvidos”, “estranhos”, “anti-naturais”. (Lopes, 2010, p. 94)

O padrão de corpo mencionado anteriormente, citado por José e também mencionado como importante na pesquisa de Teixeira Tavares (2021), é performativo e acaba criando um “tipo ideal” de homem, segregando aqueles que estão fora desse lugar. Ao permitir que essa classificação se engendre em relação aos sujeitos, a sociedade estabelece divisões, atribuindo

rótulos que tem fulcro de fixar as identidades. Ela define, separa, e de formas sutis ou violentas, também distingue e discrimina (Louro, 2000, p. 9). Tadeu, como já exposto anteriormente, disse que não era afeminado. Entretanto, durante a sua entrevista, me explicou que era considerado padrão por exercer certos hábitos, como gostar de frequentar a academia. Ele me conta que:

Na real, não é o que eu realmente me considero. É porque se eu falo que não sou padrão os outros vêm querer me bater. Porque eu treino, eu gosto de ter um corpo legal, gosto de ir para academia, realmente. Eu acho que hoje a sociedade visualiza isso como ser padrão. Mas, pra mim, mesmo, **o padrão é a pessoa que, além do corpo, ela age também como a sociedade quer que ela seja**. Sabe, tipo assim, eu não posso demonstrar que eu sou gay feminino, por exemplo. Não seria só assim também. Eu entendo que existem **padrões afeminados**, sabe. Que seriam padrão de corpo, de estereótipo. **E tem o padrão do que é ser masculino (...)** Eu falo que eu não sou padrão, mas eu acabo me enquadrando porque lugares que eu frequento são muito de padrões assim, tipo “ah, eu sou uma bicha ‘the week’”. É o tipo de balada que eu gosto de ir. Eu prefiro ir pruma balada de eletrônico, onde tão as padrões, embora eu ache elas um saco e chatas, do que eu ir pruma balada pop de padrão. As padrão pop que só enche a cara e elas querem brigar com outros porque elas estão bêbadas (grifo nosso).

Percebe-se que o padrão não é simplesmente algo fixo, mas, sim, dinâmico e que reflete também os hábitos dos participantes no contexto situacional. Entretanto, por meio da fala de nossos nativos, é possível identificar que algumas características têm se demonstrado fundantes para a caracterização daquilo que chamamos de padrão: um tipo específico de corpo, bem como uma forma de agir, se portar e falar. Eu, quantas vezes ouvia que minha risada era estranha – e, em muitos casos, fui preterido de relacionamentos afetivos por conta dessa não performance. Augusto (2003) nos mostra que: “Ser bicha é ser metade gente,/ a outra metade, o povo,/ gargalha garganta a dentro ri e galhofeiro.//É Ter parte com o demônio,/aprendiz de feiticeiro,/É estar entre, no meio, ser meta-de/Outros homens.” (Augusto, 2003, pp. 43-44). Com o aprofundamento da pesquisa, percebi que não apenas a bicha está nesse local: também estão presentes nesse discurso aqueles que são afeminados e que não correspondem a uma performance considerada ideal para “ser homem”. Esta da vazão a denominação de nós como caricatos, risíveis, é interessante para o discurso hegemônico. Não por não existirem pessoas que são afeminadas, que não dão pinta, mas “mancha”, isso está tudo bem. Mas quando vistos apenas como objetos de entretenimento, perdemos nossa credibilidade e ficamos sem poder político para reivindicarmos nos estratos mais altos do poder. Na mídia e nas novelas, somos as bichas desesperadas pelos homens heterossexuais, rejeitadas e sozinhas. Isso me lembra um debate feito há muito tempo no grupo “Somos”, em São Paulo, expoente na militância no que tange à organização do movimento homossexual no Brasil. Lá, uma participante do evento nos afirma que:

Se os homossexuais tivessem os mesmos direitos que os heterossexuais, acredito que acabaria o homossexual “folclórico”, quero dizer, “a bicha louca”. Para mim, o comportamento da “bicha louca” não é deboche, é muito mais uma agressão à sociedade que o reprime, por isso essa sociedade lhe impõe um papel “folclórico” [...] (MANTEGA, 1979, p. 143).

Esse caráter folclórico se apresenta como útil para retirada de nós de algum lugar possível e plausível. Se Patricia Hill Collins discute perfeitamente o lugar de *outsider-within* dentro do movimento feminista, parece ser intencional colocar a bicha em um lugar *sui generis* ou ousando até mesmo nas analogias, com as suas devidas adaptações, à ideia de Patricia Hill Collins como outsiders, dentro de um movimento em que existem pessoas que, muitas vezes, essencializam o “masculino” como natural e esperado. Essa é uma forma de aniquilação sutil, mas não simples. A “bicha pão com ovo” choca ao ter uma estética e uma expressão divergentes. “Sem medo de usar um shortinho curto, uma blusinha apertada, um adereço no cabelo, um lápis de sombra nos olhos, uma boca marcada, ela é transgressora e perturba em sua performance” (Cavalcante, 2015, p. 42). Logo, é possível entender que há sim uma certa interseccionalidade nos movimentos mencionados, como as das mulheres pretas e bichas, por exemplo. Como já mencionado anteriormente, Conceição Evaristo nos coloca em confronto com sua narrativa e admite sua proximidade de sentimentos com outros corpos, uma vez que eles podem ter experiências similares. Como nos esclarece Gonzalez (2020), a experiência de nossos corpos, sejam eles acumulados de caracteres marginais ou “apenas” com um desses, é permeada de uma total repulsa social durante nossas fases da vida.

Perlongher (1987) ao pesquisar sobre Michês em São Paulo nos mostrou algumas importantes situações. Primeiramente, é necessário dizer que os michês, objeto de estudo do pesquisador, seriam aqueles homens que mantêm não apenas o corpo, mas certas posturas que são associadas a representação masculina. Um dos aspectos mais interessantes mostrados por Perlongher (1987), que seria a que mais se coaduna com o tema, é o fato de a masculinidade viril exaltada, exalada e demonstrada pelos michês é ensaiada e performada. Ou seja, essa masculinidade para atração dos clientes seria algo não só exercido conscientemente por eles, mas também bem-quisito por aqueles que pagam pelo serviço. Inclusive, entre os michês, aqueles que são descobertos “dando” perdem a sua valorização na “praça” e são estigmatizados. Inclusive, mesmo aqueles que são heterossexuais e praticam o sexo com outros homens simplesmente como trabalho, têm de se exercitar para se encaixar ao que o cliente gostaria que o michê representasse. Algo mais curioso, é que se o cliente descobre que o “macho” está sentindo prazer verdadeiro, se recusa a pagar. Entre vários esquemas que são exercidos por eles para se manterem eretos – inclusive, há relatos de alguns rapazes que, mesmo fazendo sexo

com quem queiram, já não conseguem sentir prazer, o que os frustra -, bem como para não ejacular – inclusive urinando no ânus do parceiro -, há também outras relações que se dão em meio a esse grupo, tal como relação entre michê e michê, às escondidas. Vale ressaltar que há a possibilidade de alguns michês fazerem o papel de “passivo”, ou seja, serem penetrados durante suas relações sexuais com os clientes. Contudo, não são todos os que fazem isso e o preço por “comer” um michê é o mais caro da “tabela”; além disso, essa tratativa fica entre quatro paredes, inclusive, os michês não desejam saber das relações dos seus pares de trabalho; outros, porém, poderiam considerar a vontade do cliente como afronta e qualquer gesto ou atitude fora do estabelecido poderia gerar violência por parte do michê. Similar aos esquemas de masculinidade hierárquicos das prisões, muitas vezes os michês se entregam ao que era denominado “malandro”, homens mais “machos” do que os michês. Embora transem com homens, suas conversas orbitam em falar com uma mulher é “gostosa”, mesmo que, em muitos casos, os próprios michês tenham que se “esforçar” para ter relações sexuais com mulheres que procuram pelo serviço – se não o fizerem, são malvistas -, mesmo algumas se mostrando apaixonadas e com certo poder aquisitivo. O medo ao se relacionar com a “bicha” e nesse sentido digo quando eles moram com elas por questão de sustento ou dinheiro, é se tornarem bichas e, em muitos casos, com o dinheiro que recebem, esbanjam em boates, mostrando que não perderam seu poder. Pois essa relação em que o ato sexual se “monetariza” mostra um aspecto importantíssimo do poder. Por um lado, a “bicha” possui o poder aquisitivo suficiente para exigir do michê aquilo que bem deseja; em contrapartida, o “macho” a possui e, a qualquer deslize, pode violentar a “bicha”, roubá-la ou até mesmo matá-la, existindo nessa relação um perigo constante e até mesmo necessário. Aos que moram com “bichas” legais ou caras legais se dá uma relação tio/sobrinho e pagamento/recompensa, em que eles ganham dinheiro como modo de retribuição, o que não exclui os michês, em alguns casos, de se relacionarem com outras pessoas, inclusive mulheres, para não deixar de “ser macho”. Essas articulações de “relações monetarizadas” manifestam a compra por uma masculinidade que não existe. Os michês fazem esforço quase atlético para permanecerem com suas imagens intactas, mantendo, de acordo com um dos entrevistados de Perlongher (1987), a “mente vazia” para poder observar o que o seu cliente deseja e como pode se adaptar a essa fantasia.

O “fracasso da bicha” de que falo no tópico anterior, é inspirado no texto de Judith Halberstam (2011) “The Queer Art of Failure”. O texto é abrangente, falando acerca do que foi denominado, nos Estados Unidos, de “sujeito queer” que, breve e simplificada, significa ser aquele que não se encaixa nos padrões da heteronormatividade. No Brasil, esse termo foi

modelado pelos sujeitos LGBTQIAPN+ com certas adaptações. Ao sermos associados com o que é caricato, promíscuo, risível, somos retirados de cenário do poder diante do que é considerado normativo. Ao sermos associados com a pedofilia, somos monstruosos aos olhos “conservadores”. Entretanto, a ideia principal para esses indivíduos, nas suas devidas proporções, é a mesma. Por meio de alguns sentidos comuns, a nós são aderidos certos falsos estereótipos que se aliam à memória coletiva como forma de nos categorizar e segregar. Falhamos quando não coadunamos com aquilo que é esperado por um sistema binário e heterossexual. Lembro-me que, em certo momento da minha vida, chegava à casa, e uma menina, todos os dias, me chamava de “bichinha”. No meu trajeto até adentrar o apartamento em que morava minha família, era isso o que acontecia. Em outro episódio, quando participava da banda marcial do colégio e tocava lira – era o único menino nesse instrumento -, fomos participar de um evento em Resende, no Rio de Janeiro. Meu pai não me deixara ir sozinho com o grupo do colégio e todos fomos de ônibus. Lá, a minha voz, o jeito que eu andava com minhas amigas – de braços dados – foi questionado. Inclusive, em um momento que dormia, uma amiga comentou que o jeito que eu dormia era “bonito” e meu pai achou que aquilo seria algum indicador para eu investir afetivo-sexualmente em minha colega. Para meu pai, eu era um fracassado. A consideração de identidades múltiplas, como nos diz Butler (2021, p. 120), pode construir uma configuração não hierárquica das identidades mutáveis que questionam a primazia de quaisquer atribuições unívocas de gênero. Assumir a existência, sequer virtual, da fluidez e da possibilidade de sermos distintos durante o tempo ou assumirmos diferentes posturas em distintas circunstâncias, que não estejam inseridas em uma binaridade faz dissolver a heteronormatividade e põe em xeque o que nos é ensinado e, de certa forma determinado. E, não sendo assim, seremos, portanto, uma multidão de fracassados.

CAPÍTULO 3 – INFÂNCIA

3.1 Quem tem medo do “viadinho”?

No início de nossas vidas, estamos sujeitos a várias referências que nos são implantadas por aqueles que nos cercam, que consideram o que estão ensinando como adequado para nosso crescimento. Em meio a isso, há a emergência de um certo “pânico moral” quando nossas vivências se mostram destoantes ou mesmo surge alguma alusão a expressões de corpos divergentes nas artes, nas redes sociais ou em algum meio atinge a popularidade, o *mainstream*. De acordo com o sociólogo Richard Miskolci, tal pânico pode ser definido como “o consenso, compartilhado por um número substancial de membros de uma sociedade, de que determinada categoria de indivíduos ameaça a sociedade e a ordem moral” (Miskolci, 2007, p. 112).

Com o objetivo de resgatar a memória dos indivíduos e de suas infâncias, surgiu, na rede social Tumblr a página “Criança Viada”, criada por Iran Giusti, hoje não mais existente na plataforma. Por meio do sítio, pessoas enviavam fotos de suas infâncias, em que possuíam expressões “viadas”, a exemplo de meninos com mão na cintura, roupas coladas, etc. As fotos possuíam legendas com toque de humor.



Figura 1 – Postagem do Tumblr Criança Viada (Fonte: Artigo de Ettore Stefani de Medeiros – cópia visual)²³

Medeiros (2020) compreende “viados/as como pessoas que não se encaixam nos ideais de heterossexualidade ou cisgeneridade, tendo orientações sexuais, identidade de gênero e/ou práticas comportamentais vistas como desviantes”. A partir do momento em que aqueles que possuem corpos eleitos como masculinos demonstram, de alguma maneira, algum sinal de delicadeza, meiguice e os trejeitos (Oliveira, 2020), esses são entendidos como homossexuais, bichas, “crianças viadas”. De acordo com Santos e Silva (2021):

²³ Devido a não existência da página no momento atual, uma das poucas reproduções existentes são as existentes no artigo “Disputas ideológicas de passados, conflitos políticos em torno da tradição: a emergência da identidade criança viada na contemporaneidade brasileira” de Ettore Stefani de Medeiros. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/wp-content/uploads/2023/06/Experiencias-culturais-do-tempo-Selo-PPGCOM-UFGM.pdf>, acesso em 05/11/2023.

A “criança viada” é como um sintoma e a expressão de que o gênero e a sexualidade são compreendidos como parte do mesmo processo, em que o feminino e as feminilidades estão colocados a partir da associação com performances meigas, delicadas e sexualmente passivas, enquanto que o masculino e as masculinidades representam a força, a brutalidade e a posição sexualmente ativa (como aquelas que são capazes de penetrar o corpo alheio – feminilizado e feminilizando-o) (Santos; Silva, 2021, p 113).

Com essa iniciativa, a partir da apresentação da possibilidade de existência dessa infância, é possível desmobilizar as categorias que essencializam ou normatizam sexo e gênero. Ela acaba representando uma descontinuidade desse contrato que indica que todas as crianças e pessoas são, de modo inerente, heterossexuais. Essa exposição traz à tona a contradição: “Se o pressuposto é que todos/as sejamos heterossexuais, por que há crianças com expressões viadas?” (*op. Cit.*, p. 59). Na esteira desse movimento, foi criado o *Queermuseu – Cartografia da Diferença na Arte Brasileira* e exibido no Santander Cultural de Porto Alegre em 2017. As imagens expostas no *Tumblr* serviram de arsenal criativo para Bia Leite. Junto às artes, havia termos como “criança viada travesti de lambada”, “criança viada deusa das águas”, bem como “Adriano criança viada bafônica <3” e “Luiz criança viada She-Ra da TVE <3”. As artes e os escritos são explicitados nas figuras 2 e 3. As obras nessa exposição, de Leite e de outros artistas, geraram uma série de críticas e revoltas nas mídias sociais. Pessoas que defendem a família nuclear tradicional, a criança (heterossexual cisgênera) e a infância (operada pelo dualismo de gênero) iniciaram um boicote à exposição liderado pelo Movimento Livre do Brasil (MBL), que se identifica a um conservadorismo de direita e ao neoliberalismo econômico. O MBL acusou os artistas de fazer alusão à pedofilia e estimular a sexualização infantil (Costa, 2018). Em decorrência do ataque que sofreu, o *Queermuseu* acabou sendo cancelado na capital gaúcha.



Figura 2 – “Criança Viada Travesti da Lambada <3” e “Criança “Viada Deusa das Águas”, obra de Bia Leite (Fonte: Claudia²⁴)



Figura 3 – “Adriano criança viada bafônica <3” e “Luiz criança viada She-Ra da TVE <3”, obra de Bia Leite. (Fonte: Claudia²⁵)

Outra censura que ocorreu na 19ª edição da Bienal do Livro do Rio de Janeiro, em setembro de 2019, em que o então prefeito da cidade Marcelo Crivella determinou o recolhimento de revistas em quadrinhos “Vingadores, a cruzada das crianças” (Salvat), por haver a imagem de dois homens se beijando. Vale ressaltar que essa medida foi por meio de uma liminar do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, que permitia o recolhimento de livros com temática LGBTQ. Entretanto, essa foi derrubada, posteriormente, pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

²⁴ Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/cultura/crianca-viada-o-que-esta-por-tras-da-obra-que-gerou-revolta> acesso em 12/12/2023.

²⁵ Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/cultura/crianca-viada-o-que-esta-por-tras-da-obra-que-gerou-revolta>, acesso em 12/12/2023.



Figura 4 – Revista em Quadrinhos Censurada na Bienal. (Fonte: Diário do Rio²⁶)

Pode-se perceber que essa não é uma disputa apenas por questões imagéticas ou artísticas, mas ideológicas. De um lado, encontram-se os conservadores que estão ao lado de uma família construída em laboratório e que não reflete as dinâmicas existentes na constituição das famílias hoje existentes; de outro, a resistência a essas censuras às diversas expressões, principalmente aquelas que possam atingir repercussão coletiva. Corpos destoantes, geralmente, são compulsoriamente eliminados do sistema²⁷. Casos não raros viram exemplos em noticiários, como o caso do menino de 8 anos, Alex Medeiros, que em 2014 foi espancado até a morte por seu pai porque não “andava como homem” e gostava de “dança do ventre” (Alves, 2014). Outro episódio ocorreu com um jovem em São José dos Campos em 2016, agredido a pauladas por colegas de sua escola até ficar inconsciente (Schiavoni, 2016). Estranho é como foram reverberadas pelo antigo presidente de nosso país, dizendo que “Ter filho gay é falta de porrada”. Possuir uma identidade viada é, além de resistência, uma total transgressão, uma vez que mostra que não deve ser apenas tolerada, mas respeitada (Butler, 2015). Seguindo

²⁶ Disponível em: <https://diariodorio.com/censura-crivella-manda-recolher-quadrinhos-do-vingadores/>, acesso em 12/12/2023.

²⁷ Uso sistema com c fazendo alusão a opressão sofrida por corpos destoantes diante de um sistema cis hétero branco, privilegiando homens brancos, hétero, cis e com certo poder aquisitivo, preconceituosos e totalmente avessos às “diferenças”.

uma linearidade, a heteronormatividade enquanto tradição, possui vínculo direto com o sexo biológico, orientação sexual, identidade de gênero e expressão de gênero (Preciado, 2017).

Ao nascermos com um pênis, estamos quase que predestinados a nos comportarmos como mandam os olhares e as expectativas de pessoas que nem imaginam o que passa por dentro de nós e talvez não tenham a sensibilidade para tal. O pânico moral, anteriormente mencionado, pode se expressar, por exemplo, na Escola Sem Homofobia, que, em 2011, não foi concretizada devido à pressão feita por uma série de frentes. Além disso, estas inferiam que os materiais eram prejudiciais, promovendo a homossexualidade, a promiscuidade e a pornografia. Além disso, Judith Butler e Wendy Brown foram recebidas no aeroporto por um grupo de manifestantes, que as colocaram como “assassinas de crianças”, “corruptora de menores” e “pedófilas”, além de serem vítimas de violência física e verbal.

O sociólogo peruano, Giancarlo Cornejo, descreve em autoetnografia sua experiência escolar em Lima, Peru, nos anos 1990, sendo chamado pela primeira vez de “maricón” por uma colega de classe, fato esse que ocorreu entre 4 e 5 anos de idade. O autor nos revela que:

a homofobia depende do enorme poder de ferir das palavras. A injúria marca o corpo e define as identidades. Neste caso, a injúria marca um corpo muito antes que ele tenha consciência da referida marca. A injúria “marica” me interpelou antes mesmo que eu me desse conta que eu era uma. (Cornejo, 2011, p. 82, tradução de Santos e Silva).

Didier Eribon (2008, p. 28) nos fala que a injúria “me faz saber que sou alguém que não é como os outros, que não está na norma”. Movimentos como o *Tumblr*, a exposição no *Queermuseu* e até mesmo a utilização hoje, por nós, do termo “crianças viadas” faz com que sejamos possuidores deste e não mais definidos por este. Podemos, assim, ressignificá-lo, não invisibilizando essa identidade como outros tentaram fazê-lo; podemos marcar uma existência não reconhecida (Preciado, 2017). Essa solidão que nos interpela e nos deixa à parte, é bem traduzida pela música “Solo” da cantora “Lous and The Yakuza”. Em francês, ela nos diz frases, como “O que quer que dissermos ficaremos sozinhos/O que quer que façamos, ficaremos sozinhos”; “A quem pedir ajuda além do Pai Eterno?”, “Sempre tendo que debater, sempre tem que se defender, lutar até a morte” e, por fim “Fala, vem me dizer o que está te incomodando, eu sinto seu olhar e seu coração congelando”. Embora, inicialmente, com a temática principal da luta de pessoas pretas, a própria cantora revelou em alguns momentos que essa música serve para todos aqueles que sentem à margem da sociedade. E essas são algumas perguntas “a quem pedir ajuda?”, “por que essa solidão?”. Em algum momento, pensamos que fizemos algo de errado. Embora tentem nos destruir, de alguma forma, mostrar que nossa existência enquanto

crianças “viadas” não é possível, eu me questiono se a sociedade que tem medo do “viadinho” ou nós que devemos ter medo do que nos espera “lá fora”.

3.1.1 Bullying homofóbico

Durante a nossa trajetória de vida enquanto corpos destoantes, sejam os trabalhados aqui como gays, “bichas” e não-binários, recebemos falas, xingamentos, entre diversos outros abusos. Especialmente no ambiente no escolar, isso ocorre entre crianças e adolescentes. Quando existe escuta ativa dos docentes e percepção aguçada da escola, talvez isso possa ser de alguma maneira amenizado. Apesar disso, esse ambiente, na maioria das vezes, traz no bojo de suas matrizes curriculares uma maneira de civilização que não dá aos sujeitos a possibilidade de pensar seus desejos e suas performatividades de acordo com as suas sensações e convicções (Miskolci, 2012). Nesse espaço, as pessoas são ensinadas, aprovadas, categorizadas, coagidas e o corpo, nesse ambiente, é periciado e objeto de punição quando não se amolda no entendimento do que é “civilizado” (Foucault, 2005). A escola, ainda, é um ambiente de formação pedagógica e social, em que o ser, gradativamente, compreende sua identidade de gênero (Louro, 2016). Logo, o que é hoje chamado de *bullying* traz graves consequências para quem é destinatário dessa violência.

De acordo com Lisiane de Oliveira-Menegotto, Audri Pasini e Gabriel Levandowski (2013), o fenômeno da violência escolar começou a ser estudado na Suécia, na década de 1970. Olweus (1993) evidenciou o termo *bullying*, que advém de *bully* que, em inglês, significa valentão, brigão, ou seja, representa uma pessoa intimidadora. Especialmente o evento ocorrido em 1999, nos Estados Unidos, a tragédia na Columbine High School, fez com que se atentasse para o fenômeno do *school shooting* associado ao *bullying*, com pesquisas acerca do fenômeno, a exemplo do estudo de Vieira *et al.* (2009). Na ocasião, dois alunos mataram 12 estudantes e um professor. No Brasil, o *bullying* começou a ser mais debatido a partir de 1990, mas com produções acadêmicas mais vultosas a partir de 2005.

No Brasil, mais de 20 por cento dos adolescentes escolares já sofreram *bullying* verbal, com tendência de crescimento em todo país, sendo o tipo de violência que mais vitimiza sujeitos nessa faixa etária (Silva *et al.*, 2019). Outro importante estudo é de Cristovam *et al.* (2010). Nessa pesquisa, foram utilizados questionários com alunos do ensino fundamental para verificar com que frequência, os locais de maior ocorrência, os motivos que levaram, a aceitação e os pedidos de ajuda e a consciência acerca da punição; todos estes fatores vinculados ao *bullying*. Os resultados indicaram que 78,8% dos estudantes que participaram da pesquisa

estiveram relacionados a atos de *bullying* e quatro das vítimas dessa violência apresentam mais problemas de saúde e uma tendência quatro vezes maior para o suicídio em comparação a outros escolares. No mundo, de acordo com a Organização das Nações Unidas (UN, 2016), metade dos adolescentes e crianças já passou por algum tipo de *bullying* em decorrência da sua aparência física, orientação sexual, gênero, etnia ou país de origem. No Brasil, o percentual alcança a marca de 43%.

De acordo com Medeiros (2012) podemos dizer que:

(...) o bullying no Brasil deveria ser entendido como conjunto de atitudes hostis e agressivas que ocorrem de maneira direta ou indireta, intencionais e repetitivas e sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s) no ambiente escolar, sem distinção de gênero ou de idade, que apresenta a diferença de poder entre os envolvidos, causando dor, angústia e sofrimento para a vítima e o sentimento de satisfação para o agressor (Medeiros, 2012, p. 108).

Vale ressaltar que existem várias formas da prática dessa violência, Silva (2009) as classifica em: 1) Forma Verbal: insultar, ofender, xingar, fazer gozações, colocar apelidos pejorativos; 2) Forma física e material: bater, chutar, espancar, empurrar, ferir; 3) Forma psicológica e moral: irritar, humilhar, ridicularizar, ignorar, excluir, desprezar; 4) Forma Sexual: abusar, violentar, insinuar e assediar; 5) Forma Virtual: usar a internet para realizar algumas das formas anteriores com o próximo (Silva, 2009, p. 22-24). Como exemplo de ataques sexuais, havia, dentro de internatos – e não somente dentro desse ambiente -, o que é chamado de “curras”. As curras, de acordo com Figari (2007) eram um tipo de ritual feito com objetivo de reforço da masculinidade, em que acontecia de um homem mais forte ou com certa posição de poder, abusar do mais frágil, geralmente um menino. Voltando à passagem de Medeiros (2012), destaco acima o termo “sem motivo aparente”. Isso é discutível, uma vez que destoar do que é dito como padrão pode ser, sim, considerado um marcador interessante para identificarmos a origem dessa violência. Se é por um nariz que não corresponde ao formato adequado até o gênero e a sexualidade, a motivação residiria exatamente na “estranheza” em alguma característica ou performance apresentada pelo indivíduo. Curioso seria ouvirmos a notícia de alguém que foi violentado de alguma forma por ser excessivamente heteronormativo. De acordo com Smith (2002), se o *bullying* é entendido como atitudes de violência escolar, com o fulcro de humilhar, agredir, excluir e isolar, de maneira contínua, repetindo-se ao longo do tempo, como forma de imposição do poder de um determinado grupo sob o outro, é bem possível que as vítimas dessa violência sejam estudantes com certas características físicas, socioeconômicas, de etnia, e de orientação sexual específicas. Logo, seja por incrustada

ideologia da branquitude ou heterossexualidade compulsória, o fenômeno deve ser olhado por uma perspectiva interseccional (Passos, 2018). Ou seja, ao falarmos de *bullying* estamos a falar, diretamente, indiretamente ou tangencialmente, de outras violências, como a racial e de gênero, por exemplo. De acordo com o proposto por Crenshaw (2002), deve-se olhar para a interseccionalidade como uma categoria analítica, como um conceito que possibilitará compreender como a associação de sistemas múltiplos de subordinação têm sido descritos na vida das mulheres racializadas. Em suma, a interseccionalidade é:

(...) uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação; ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (Crenshaw, 2002, p. 177).

O *bullying* pode ser levado como brincadeira entre crianças ou como um comportamento existente e próprio da idade. Essa visão faz que se perca o caráter criminal dessa prática. Ademais, isso é muito grave, pois legitima e serve como suporte aos comportamentos abusivos do “valentão”. Entretanto,

(...) o brincar também pode ser definido a partir da observação de suas consequências, ou, por assim dizer, dos comportamentos que sucedem a atividade, por exemplo, uma brincadeira de luta só pode ser classificada como tal se, após o embate, as crianças permanecerem juntas e em harmonia. É possível perceber que a competição é a própria alma do sistema capitalista e, muitas vezes, podem servir de estímulo para o (pré)conceito-bullying (Furley; Pinel; Cosmo, 2021, p. 13).

Sobre um ponto de vista mais aprofundado sobre o *bullying homofóbico* propriamente dito, Pascoe (2013) discute sobre a socialização entre meninos. Independente de se considerarem homossexuais ou heterossexuais (Kimmel; Mahler, 2003), algumas pessoas acabam tirando a própria vida, como menciona os autores. A National Mental Health Association, em 2002, já constatava que 93% dos jovens escutavam insultos homofóbicos ocasionalmente e 51% ouviam isso diariamente. Para Pascoe, esse tipo de violência específica é uma forma como os indivíduos aprendem a “ser um menino” e, como já bem alertado, não está vinculada unicamente à pessoa ser ou não *queer*, mas sim decorrente da socialização de gênero de meninos, expressos por comportamentos, atitudes ou disposições que sugerem que o indivíduo é “masculino”. Por isso, a atenção do autor para essa categoria específica de *bullying*. De acordo ele:

Conceber o comportamento agressivo de meninos apenas como “*bullying*” pode elidir o modo complexo como suas interações agressivas são parte central de um processo de socialização de gênero que mantém e reproduz a

desigualdade de gênero e sexual. Vendo o *bullying* como reprodução interacional de desigualdades estruturais mais amplas indica que os discursos popular e acadêmico correntes sobre o *bullying* perde elementos importantes, resultando em reações amplamente individualizadas e simbólicas, ao invés de estruturais e sistêmicas (Pascoe, 2013, p. 291).

Dentro dessa prática, existe o que é chamado de “*fag discourse*” (“discurso viado” ou “discurso bichinha”) em que a violência se estrutura por meio de piadas, vaias, imitações e ameaças que representam uma certa repulsa ao que é não-masculino. Ou seja, esse tipo de assédio está relacionado tanto às definições do que é masculinidade quanto à ojeriza a homens gays. Logo, é importante entendermos que o *bullying* homofóbico deve ser olhado com atenção, uma vez que, ao apresentar qualquer característica destoante ao que é normativo, esperado, o indivíduo, principalmente durante a infância e a adolescência, sofre duras constrições. Lembro-me claramente de chegar na sala de aula, durante o ensino médio e um dos estudantes fazia um cumprimento diferente – a meu ver – com seus colegas. Ao entrar no espaço, ele batia no “saco” dos meninos e gritava “olha o carro do leite”. Ele, logicamente, não fazia isso comigo. Aquilo era, de acordo com o meu entendimento, um toque daqueles que participam de uma mesma “tribo”. Quanto a mim, recebia alguns palavreados e comentários, deboches, quanto ao meu jeito de me vestir, de ser e de me conceber no mundo. Delimitar o grupo, no caso deles, era muito importante, pois dizia quem seria protegido das zoações preconceituosas ou não. Por isso, dedico uma subseção unicamente para as experiências, tanto minhas quanto dos nossos entrevistados, nessa fase tão importante da vida.

3.1.2 *Bullying* homofóbico em nossas vivências

Como já dito, o *bullying* homofóbico possui características específicas e um *modus operandi* um pouco diferente do *bullying* – dito de uma forma genérica – porque está associado à masculinidade, ao que naturalizadamente é visto como “ser homem” e aos comportamentos inculcados nos indivíduos durante os anos iniciais de suas vidas. Eu percebi que desde muito novo, por possuir trejeitos afeminados, algumas questões já ocorriam na escola comigo. Mas dois episódios que marcaram muito minha infância e adolescência, dentro deste ambiente, foi, mais ou menos, no atual nono ano do ensino fundamental e no primeiro ano do ensino médio. Eu estudei em um colégio público municipal durante todo o ensino fundamental. Sempre fui muito quieto e tinha muitas dificuldades de me comunicar, motivo pelo qual fui encaminhado para um lugar subvencionado pelo governo local, em que havia a possibilidade de fazer terapia em grupo. Mesmo assim, me mantive bem taciturno na maior parte dos anos subsequentes e no nono ano um novo estudante entrara no Ensino Médio: Mário, era seu nome (fictício), mas seu

apelido era *Pesquete*. Esse rapaz, assim que me viu, começou a fazer xingamentos em relação a minha “afetação” ou performance afeminada. Dizia que iria me “pegar lá fora”, ou seja, me bater. A todo tempo, fazia um terror psicológico, o que me causou durante muito tempo um certo pânico não diagnosticado. Eu, na ocasião de uma festa junina no centro da cidade, olhava para todos os lados, com o coração saltitante, achando que ele estaria lá. Comecei a ter muitos problemas no ambiente escolar, meu gosto por estudar foi se perdendo, em especial porque sou uma pessoa TDAH e possuía muitas dificuldades de concentração para manter a frequência nos estudos. *Pesquete* também era péssimo nas salas de aula, mas por afrontar os professores. Até que um dia ocorreu algo: ele fora expulso do colégio. Nesse momento, chamaram todas as pessoas para o delatarem, para falarem sobre suas experiências com ele, para servirem como testemunhas. Senti-me muito injuriado, pois meus colegas, todos os gestores sabiam da minha situação, porém, todos se omitiram e no momento na responsabilização, eu teria que arcar com essa responsabilidade? Eu estava naquela sala, mas nada dizia, acho que não consegui, me omiti como os outros fizeram comigo. Lembro que comecei a faltar as aulas, quase repeti por faltas. Se não tivesse a cobrança dos meus pais, teria desistido de frequentar as aulas. Pensei em muitos momentos em retirar a minha própria vida. Era uma repetição tão constante e assídua, uma humilhação tão grande, que eu me sentia sozinho. Todos viam aquilo e se calaram. Para mim, durante muito tempo, senti que eles compactuavam com a situação. De certa forma, senti que eles abusavam de mim, mesmo que indiretamente. Esse sentimento de solidão ocupou lugar por muito tempo em minha vida.

Em outro caso, que ocorreu um pouco depois, no Ensino Médio, precisei mudar de escola. Todos os meus colegas iam para um certo tipo de colégio público, mas meus pais decidiram que iriam tentar me matricular em uma instituição particular, haja vista a concessão de bolsa parcial. Por ser um lugar pago e muito diferente do que vivenciei durante toda a minha vida, ali era claramente um espaço de poder. Essa concepção foi se adensando a cada dia, uma vez que eu via como se portavam no ambiente escolar, tendo condição financeira ou não. Eu não conheci ninguém, não possuía muito repertório de músicas, de uma cultura formal e informal que existia ali. Isso, por si só, já causava um afastamento. Todos pareciam mais desenvolvidos, os rapazes frequentavam academia, muitos já fumavam maconha e cigarro, bebiam. O meu antigo colégio era muito pequeno, bem murado e quase impossível de ver o espaço lá fora. Chamávamos a estrutura recém-feita de “Carandiru”, porque houve diversos roubos na escola devido aos muros baixos. No novo colégio, os jardins eram lindos, havia uma maior disciplina, um certo “quê” de requinte que eu não possuía. Eu morava na periferia da cidade, na época, saía bem cedo de

casa para descer as escadas até o ponto de ônibus, que nem sempre chegava a contento, enquanto muitos – ou a maioria – chegavam em seus carros *chiques*, com seus palavreados e concepções arrojadas. Na primeira semana, eu estava conhecendo a escola e no momento dos intervalos eu ficava sozinho. A recepção que tive por um tempo foi um grupo de meninos, fazendo uma espécie de “corredor polonês”. Uso esse nome porque, geralmente, essa formatação é feita com o objetivo de chegar às vias de fatos com quem passa por esse corredor, ou seja, a pessoa leva bofetões, chutes, entre outras agressões físicas. Entretanto, comigo, todos os dias, os meninos faziam diferente: me xingavam de todos os nomes possíveis, associados à minha feminilidade. Não sei se há alguma relação, mas, pelo fato de o colégio ser católico, as inspetoras fingiam que não viam ou faziam vista grossa. Aparentemente, eu que estava errado por estar ali. Era como se dissessem “o que essa bicha faz aqui?”, “quem deu a ela esse direito?”.

Tadeu, embora não se considere – ou não o considerem – como afeminado, me relatou que também viveu, em algum momento, a experiência pertinente à criança ou ao adolescente “viada/viado”. O primeiro choque ocorreu na quarta série, quando ele tinha entre nove e dez anos. Ele teve que fazer uma mudança de escola e, nesse novo espaço, sentiu algo que não havia conhecido anteriormente: o *bullying*. Os meninos mais velhos, que tinham entre dez e doze anos o zoavam. Ele não entendia exatamente o porquê isso acontecia, uma vez que ele considerava não possuir trejeitos. Conta que seu desempenho escolar caiu em determinadas disciplinas, pois não conseguia estudar. Não gostava de ir para escola. Ao falar para sua mãe que não tinha mais interesse de estudar no colégio, não explicou o motivo para sua genitora, apenas falou que não queria estudar mais ali. Ele conta que:

Eu nunca falei o porquê. Não falei que eu sofria *bullying*, até porque eu acho que a gente nem conhecia isso na época, essa palavra. Mas em nenhum momento eu falei também que eu era zoadado, que tiravam sarro de mim e coisas desse tipo. Eu só falei que não gostava da escola. E minha mãe entendeu isso como algo que eu realmente não gostava, por eu ter meio que quase repetido a quarta série, sabe. Eu fiz recuperação e eu nunca tinha pegado uma recuperação na vida. E pra mim era absurdo, sabe.

Ao voltar para escola anterior, na quinta série, conta que tudo mudou, uma vez que entraram outras pessoas, saíram algumas. Ou seja, a turma estava misturada, a configuração antiga havia se modificado. Ele conta que sofreu, mas não tanto porque havia outros meninos mais afeminados do que ele. Tadeu conta que, parando para pensar hoje, na vida adulta, ele contribuía com o *bullying*. “É meio bizarro pensar isso, porque parece que a gente nem se ajuda muito na escola. Quando tem um mais afeminado, a gente acaba deixando ele ser zoadado sem

falar nada”, conta. Outra ocasião em que Tadeu se sentiu desconfortável era nas aulas de Educação Física. Ele relata que:

Apesar também de não achar que eu tinha mais trejeitos, todos os meninos que eram héteros, jogador de futebol, queriam zoar todos os meninos que não faziam Educação Física, por exemplo. Aí era só o fato de não fazer Educação Física, por ser emo, gostar de rock, né? Essas coisas assim. Aí todos os emos da sala eram zoados. Aí era um casal emo. Eu e meu amigo que éramos emos, que não olhávamos na cara deles, que achávamos eles escrotos (...), não dava atenção...aí a gente era zoadado por eles.

Em relação ao esporte, ele comentou que o colocaram para fazer essa atividade, na escolinha de futebol, mesmo sem ele querer. “É uma coisa ‘é menino, põe na escolinha de futebol pra aprender a jogar’. Ninguém nunca me perguntou se queria ou talvez eu falasse que queria porque é uma pressão social de que a gente tem que querer também, sabe”. Complementa que esse caçoar foi diminuindo ou desaparecendo, na 7ª série, quando ingressou em colégio público. Disse que por ter criado trejeitos mais “machos”, ele era visto como um menino hétero que “pegava” meninas. “Tipo, as menininhas, inclusive, tinham vontade de ficar comigo, sabe. Eu acabava nunca ficando, acabava ficando meio retraído. A primeira menina que eu beijei eu tinha 13 anos”, ressalta.

Daniel comenta que por volta dos 14 anos ele sofreu um “apagão” no colégio. Ele estava em uma aula de ciências. “(...) era aquela aula de ciências, cada um com seu microscópio, um grupo de alunos com a torrezinha, com as lâminas lá analisando”, relata. Comenta que não sabe bem qual foi o contexto, mas que cometeu alguma “bichice”, que dera alguma “viadada”. Nesse momento, começaram a lhe xingar na turma com palavras como “ah, viadinho”, “boiola”, entre outros. Ele contou que, a partir dali, não se lembra de mais nada, que teve um grande apagão na memória, que somente depois de adulto, em análise, foi conversar com os pais. Eles lhe contaram que ele se abaixou na sala de aula, de vergonha, agachado. Relata que:

A professora quis fechar a sala, eu não quis embora, de vergonha. Meus pais tiveram que vir na sala pra me buscar, pra poder ir com eles, essas coisas eu não lembrava e em análise (...) meus pais me disseram o que aconteceu, eu saí quebrando tudo o que estava ao redor, até na professora eu bati, aí a professora cancelou a aula. Aí eu, cansado, batendo em todo mundo, dei uma desmaiada (...) Daquele dia, três meses depois, eu fiquei grisalho.

José conta que desde criança sempre fora uma criança muito afeminada. Sempre gostou de brincar de *barbie*, usava vestido, quando elu queria. Fazia *ballet* e acabava se caracterizando como uma criança, digamos, “fora da norma”, que é o que se espera socialmente de um menino. Revela que sempre teve a liberdade de ser quem era, de brincar com quem queria. Sua infância fora tranquila dentro de casa, pois tanto seu pai quanto sua mãe apoiavam elu ser da maneira

como se apresentava, sem qualquer tipo de proibição. Conta que tinha várias bonequinhas, que por ser a pessoa mais nova da família, por parte de pai e mãe, herdara muitas bonecas *barbie* de suas primas. No colégio, havia a possibilidade de em um dia poder levar os brinquedos e ele levou suas bonecas, que eram os brinquedos que tinha. Constantemente, os meninos ficavam gritando com ele “ai, isso é coisa de bicha”, essas coisas que a criança escuta e reproduz. Só que ele realmente não ligava e falava “que entrava aqui e saía aqui”. Entretanto, ele me conta que:

Aí eu tinha uma amiguinha na escola que também sofria muito *bullying* porque era a única negra na escola (...) Teve uma vez que o menino ficou falando, ele falava e eu nem ligava, aí ele jogou um bolo de terra em mim, aí eu olhei já assim, mandei parar, aí ele veio de novo, no que ele veio na terceira vez, ele pegou minha boneca e eu era daquelas crianças “não pega no meu brinquedo, se eu não te emprestei”. Pegou minha boneca e puxou. Aí eu voei em cima dele e aí ele falou “o viadinho ficou nervoso porque pegou a boneca dele”. Aí eu joguei ele no chão, bati nele e aí eu quebrei a boneca nele, batendo. Aí depois disso pararam de mexer comigo. Eu tive que usar de violência, que aí eu quebrei a *barbie* no menino. Eu chorando na diretoria, arrasado, aí minha mãe chegou na escola, aí ela “viu, tá chorando de arrependimento de ter batido no menino”. Eu já ia abrir a boca e falar e aí minha mãe falou “fica quieto”. Eu lembro que assim que eu saí da escola, quando minha mãe olhou pra mim e falou assim “meu filho, muita gente vai ser agressivo, vai fazer coisa, vai querer te tirar do sério, só porque você não é igual a eles, mas não escuta, porque você é pra ter motivo de orgulho, não é pra ter vergonha”.

Alex, apesar de se considerar e se enxergar com um homem afeminado, nunca sofrera *bullying* na escola porque, pelo fato de ser uma pessoa inteligente, seus colegas ficavam mais próximos e, de certa forma, o protegiam. Havia uma brincadeira que os meninos enfiavam o dedo no ânus das meninas e ele disse que ficava esperando que os meninos fizessem com ele, mas acabam não realizando essa prática. No mesmo sentido, Fabiano também não teve experiências escolares homofóbicas, uma vez que era muito tímido. Relatou que possuía uma questão labial, que necessitou de algumas operações e, em decorrência disso, acabava se retraindo. Nem por essa retração era alvo de algum tipo de chacota ou zação.

A partir desses relatos, é possível tirar algumas conclusões. A primeira, que é avaliada a partir do entendimento de uma vida repleta de subjetividades e fluidez, é que não podemos generalizar nenhuma situação como pré-formatada, em decorrência de alguma circunstância. Vemos, aqui, que Alex, mesmo sendo afeminado, não sofreu com a questão de *bullying* escolar, enquanto Tadeu, que é hoje considerado um homem padrão, foi afetado por questões relacionadas a essa violência. Em segundo lugar, o *bullying* pode sim ser considerado, de acordo com a bibliografias mencionadas no primeiro tópico, uma forma de manutenção do *status quo* de uma masculinidade adequada. Eu passei – e ainda passo – por isso durante todos esses anos

e vejo, por meio de casos mais extremos como o de José, que destoar do padrão pode indicar sim os destinatários desse tipo de assédio. Em terceiro lugar, o apoio familiar é essencial para enfrentar os preconceitos. Tadeu contou em alguns momentos que sofreu muito preconceito pelas mulheres de sua casa, enquanto José recebera todo suporte que o tornou mais empoderado e consciente de si, apesar das mazelas existentes externamente. O *bullying* deve ser olhado por uma perspectiva interseccional, ainda mais perceptível pela fala de José quando diz que era amigo da única menina negra da sala, ou seja, partilhavam, de certa forma, a segregação. Por fim, é importante entender que mesmo que alguém seja afeminado hoje, pode ser considerado padrão depois ou mesmo em outro lugar, em outro contexto ou época. Repiso que é importantíssimo averiguarmos qual é a masculinidade considerada adequada ou bem quista, pois ela pode se modificar e os requisitos intrínsecos de exigência poderão ser severamente modificados e quem estava na redoma da proteção pode, amanhã, sofrer violências devido ao não cumprimento daquilo que é esperado.

3.2 Controle e Vigilância

- Não sei bem o que o senhor entende por “glória” -, disse Alice. Humpty Dumpty sorriu com desdém – Claro que você não sabe, até eu lhe dizer. O que eu quero dizer é: “eis aí um argumento arrasador para você”. – Mas “glória” não significa “um argumento arrasador” -, objetou Alice. – Quando eu uso uma palavra -, disse Humpty Dumpty em tom escarinho – ela significa exatamente aquilo que quero que ela signifique...nem mais nem menos. – A questão é, ponderou Alice – é saber se o senhor pode fazer as palavras dizerem coisas diferentes. – A questão -, replicou Humpty Dumpty – é saber quem é que manda. É só isso. (Carrol, 1980, p. 196).

O trecho acima, retirado do livro “Alice através do espelho e o que ela encontrou por lá” nos mostra uma discussão que nos remete à área da linguística, acerca do signo linguístico. Basicamente, Saussure nos traz a ideia de que o signo é a junção de significado e significante. Ao ouvirmos uma palavra, ao menos lê-la, algo nos vêm à mente e assim somos direcionados àquilo que foi convencionado. Embora haja, principalmente em nosso idioma, uma gama de apreensões para diferentes palavras ou expressões, é sabido que existe uma arbitrariedade presente nas palavras, que repousam em um acordo coletivo entre os falantes. Por meio, basicamente, da palavra, acrescida do som – que não é necessariamente falado, denominado por Saussure como “imagem acústica” – temos a formação deste signo. A comunicação, portanto, com seu trato verbal e não verbal possuem uma poderosa fonte de poder, porque dominar as palavras e principalmente o uso delas é de essencial valia. Sem o domínio do código, ou seja, da língua, a comunicação pode acontecer de maneira truncada. Ou como acontece com Alice, não é possível que uma pessoa crie, ao seu bel prazer, significados inexistentes para as

palavras já existentes, sem comunicação aos outros participantes ou sem uma convenção acerca do assunto.

O trabalho que aqui se propõe não é um estudo da linguística, mas entender a força das palavras – e a convenção a que elas é atribuída – é muito importante para abordarmos a vigilância. Em nossa literatura, vemos um exemplo claro do idioma como uma forma de domínio. Na obra 1984, de George Orwell, os indivíduos são submetidos a “novalíngua”, ou seja, uma língua com um léxico bem mais reduzido em que significados são produzidos apenas por meio dessas palavras de origem, com acréscimo ou supressão de afixos. A teletela, uma espécie de televisão que deve ficar ligada durante o dia inteiro, os escuta e os ordena. As atividades são milimetricamente planejadas e quem disser algo contra o regime pode sofrer punições. A possibilidade de mudança ali é praticamente impossível, sendo que o regime modifica as memórias dos participantes a todo tempo, por meio de invenções, queima de arquivo, notícias deturpadas, similares ao que vemos hoje como *Fake News*.

Na educação da criança “viada” também podemos perceber a vigilância sobre a qual estamos nos referindo. De maneira diferente e com as devidas adaptações, as imagens de gosto e predileção são definidas, selecionadas pelos tutores e adultos. Daniel, em algum momento de nossa conversa, conta-me uma experiência em que a palavra que utilizara o levou a uma situação constrangedora. Entre a infância e a adolescência, ele me conta que, em algum momento, de maneira ingênua e nada sexualizada, comentou que achou um de seus amigos bonitos – isso ocorreu numa roda de amigos. Ele me conta que disse que “fulaninho” era lindo demais. Só isso fora suficiente para ocorrer uma confusão. Para ele, Daniel estava apenas na frente do amigo e resolveu elogiá-lo. Entretanto, em seguida, todos os homens na rua começaram a xingá-lo de “viadinho”. “Foi a primeira vez que tive contato com essa palavra”, conta. O irmão de Daniel, que estava na ocasião, começou a defendê-lo, dizendo que seu irmão não era “viado”. O irmão sabia, mas Daniel não sabia o que significava esta palavra. “Esse foi o meu primeiro contato em si, com a palavra, com o estereótipo da palavra gay, viado”, disse.

É possível perceber que, embora a palavra veado seja, na verdade, referente a um animal, a palavra partilhada pelas figuras – principalmente masculinas – que conviveram comigo e com os entrevistados é diferente. “Viado” ou “viadinho” significa que o homem é gay, fica com os outros homens e, em sua maioria, é afeminado. Há muito tempo eu estava brincando de queimado com outras crianças e quando o jogo ficou mais “quente” uma das meninas me chamou de “viado”. Eu não entendi o porquê e perguntei. E ela me disse “é porque você beija na boca de outros homens”. Sendo que os únicos beijos que partilhava era com o meu braço ou

longos treinos com maçãs ou em copos. Em relação a esse termo, nos diz Faria, Gomes e Modena (2022) nos explicam que a palavra é “substantivo diminutivo de veado – insulto muito comum no Brasil, variação de desviado e, ao mesmo tempo, sinonímico do animal veado (também associado ao personagem do filmes Bambi, que na verdade é um cervo”. Logo, essa variação utilizada para caçar dos homens gays é uma tentativa de aproximar pessoas de animais, desumanizando-os, para facilitar a legitimação de práticas violentas (Silva, 2014).

Existe outra faceta do controle, que está diretamente vinculado ao corpo. Mauss (2018) nos explica, a partir do nado, como essa prática mudou durante o tempo. Antes, havia uma performance em que o indivíduo deveria engolir certa quantidade de água e soltá-la. Diz também que os polinésios não nadam como nós, por exemplo – e as marchas militares que para cada período histórico, contexto, ambiente e cultura havia algum tipo de comportamento predominante. Em outros momentos de nossa vida somos orientados como devemos nos comportar, do que devemos gostar, desde o pai de Fabiano o atentando para quantidade de gestos que seu filho fazia até as diversas falas como “te ajeita” enunciadas pelos membros familiares de Alex. Daniel me conta que na sua infância ele gostaria de ganhar um brinquedo: o pequeno pônei. Seus pais estranharam, dizendo que aquilo não era “para meninos” e se ele quisesse receber algo, deveria ser um carro de brinquedo, pois homens têm que gostar disso. Não foi à toa que meu pai dissera para colocar meus braços em certa posição na viagem com a banda no colégio, tampouco para que não andasse rebolando ou não tivesse as mãos penduradas enquanto falasse. Mauss (2018) acerca disso, ressalta que:

A posição dos braços e das mãos enquanto se anda é uma idiossincrasia social, e não simplesmente um produto de não sei que arranjos e mecanismo puramente individuais, quase inteiramente psíquicos (...). Portanto, existe igualmente uma educação no andar (...). Outro exemplo: há posições da mão, em repouso, **convenientes ou inconvenientes** (Mauss, 2018, p. 7, grifo nosso).

Portanto, estamos sendo educados para algum comportamento, seja esse por nós percebido ou não. Assim, reverberamos pensamentos sem percebemos que isso pode ser oriundo de nossa criação ou circunstâncias às quais estamos submetidos. Fabiano, ao dizer que não gosta de homens afeminados, diz que não gosta daqueles que gesticulam muito, aparentemente do mesmo modo que seu pai lhe dizia para não se comportar. Trazendo à lume o que expôs Mauss (2018) e Bordieu (1980), ousa a dizer que a heterossexualidade compulsória enunciada por Preciado pode se constituir em um *habitus*. Isso porquê:

Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis e

transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins de domínio expreso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente “reguladas” e “regulares” sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro (Bourdieu, 1980, p. 87).

Ou seja, se olharmos com atenção para o conceito dado por Bourdieu (1980) podemos identificar a durabilidade dessa exigência de uma masculinidade, que ocorre dentro de um sistema binário e agressivo, principalmente se retomarmos algumas falas de Alex, que indicaram que desde pequeno seus familiares já o agrediam de formas múltiplas, para que mantivesse a masculinidade; e quando a manteve, mesmo sem estar feliz, com péssimo desempenho na escola e até mesmo questionando-se acerca da validade de sua vida, nada importava, pois ele era o “cara” e agora a família sentiria orgulho dele. Em segundo lugar, mesmo que não tenhamos uma percepção aguçada ou olhos atentos, o modelo heterossexual perpassa as estruturas que estão diante de nós, seja na escola, na família, no trabalho ou em outros ambientes. Quando os nossos entrevistados se “assumiram”, a sua maioria disse que a preocupação de seus familiares era que eles mudassem ou começassem a se vestir de mulher. Embora haja sim a preocupação de seus entes queridos com a violência existente contra grupos minoritários, não se vestir de mulher é, por outro lado, manter a caracterização, que nos é própria quando somos homem ou mulher. Ninguém nos elenca todas as características do que é ser homem, mas é possível haver a compreensão comportamental e contextual de quem intenta nos controlar. Alex diz:

“Te ajeita como homem”, essa era frase que eu mais ouvia na minha infância, “te ajeita como homem, te comporta como homem”. E eu ficava me olhando eu dizia “o que que eu tô fazendo de diferente de um homem?”, “Eu estou andando, eu estou falando?”. **Mas era a maneira de eu sentar, a maneira de eu ficar parado, a maneira de eu girar o pescoço.** Foi meu exemplo, meu adulto modelo foi a minha mãe, eu aspirei o que eu vi, o que eu desejei. Então eu me portava como ela, sentava como ela, era, assim...eles não entendiam, sabe? (grifo nosso)

Ao estudar em 1990, na Austrália, a experiência e as perspectivas de mulheres lésbicas acerca da violência sobre diversas vertentes relacionada à orientação sexual das participantes, Mason (2002) coloca-se em contato com a discussão foucaultiana sobre o panoptismo²⁸, refletindo sobre a exposição a qual passa o indivíduo, sob constante vigilância e quais são as

²⁸ O Panóptico é um modelo arquitetônico ideal de prisão formulado por Jeremy Bentham no final do século XVIII, constituído por uma torre central ao redor da qual haveria um anel, dividido em celas individuais com uma abertura para o interior e outra para o exterior. Dessa forma, a luz as atravessaria por completo, proporcionando um eficaz sistema de vigilância (Mason, 2002).

implicações que esse sistema pode trazer no que tange ao seu próprio comportamento e subjetividade. Por meio desse modelo, é possível perceber que, mesmo se o indivíduo não esteja sendo “vigiado”, a intenção é que ele sinta como tal, permanecendo em estado de alerta. No âmbito da sexualidade, o indivíduo verificaria, previamente, quais são os benefícios ou malefícios de se assumir ou se “revelar”, uma vez que sentiria constantemente vigiado. É nesse viés que atua o que o autor chama de “mapas de segurança”. Este seria, em resumo, uma série de atributos, compartilhados ou não, utilizados pelas pessoas para conseguirem transitar entre os espaços público e privado. O medo ou receio de se apresentar em diversos espaços começa na família. O seio familiar nos molda a fazer escolhas ou as não fazer. Não é por acaso que meu pai, assim que me assumi, perguntou o que eu considerava como liberdade e sem, até hoje, mencionar qualquer palavra “gay”, “homossexual”; ao omitir a palavra “genro”, gera certo apagamento do relacionamento que possuo. À propósito, meu pai sempre falou de meus namorados com certo desdém, inclusive de meus amigos, sempre se referindo a eles com adjetivos pejorativos.

Há por muitas crianças – e adultos -, de acordo com Mauss (2018), uma imitação dos atos que foram bem-sucedidos e a ela foram expostos, uma vez terem sido executados por pessoas nas quais ela confia e que têm autoridade sobre ela. É essa a noção de prestígio que coloca em outro patamar aquele que faz o ato ordenado, autorizado e provado. Talvez, hoje o que acreditamos ser “natural” no adulto tenha sido naturalizado, assim como os sapatos que foram em nossos pés colocados, mudando a nossa forma de pisar da que teríamos caso nos habituássemos a andar descalços. No momento da infância estamos sujeitos a um processo civilizatório. De acordo com Elias (1994):

(...) nenhum ser humano chega civilizado ao mundo (...) o processo civilizador individual que ele obrigatoriamente sofre é uma função do processo civilizador social. Por conseguinte, a estrutura dos sentimentos e consciência da criança guarda sem dúvida certa semelhança com a de pessoas “incivis”. O mesmo se aplica ao estrato psicológico em adultos que, com o progresso da civilização, é submetido com maior ou menor rigor a uma censura e, em consequência, encontra nos sonhos uma válvula de escape. Mas, desde que, em nossa sociedade, todo ser humano está exposto desde o primeiro momento de vida à influência e à intervenção modeladora de adultos civilizados, ele deve de fato passar por um processo civilizador para atingir o padrão alcançado por sua sociedade no curso da história (...) (ELIAS, 1994, p. 15).

De acordo com Louro (2000), existe uma pedagogia corporal e essa está intrinsecamente relacionada aos papéis de sexo e gênero. Bordieu (1980) exemplifica o aspecto sexual, biologicamente pré-construído, da ginástica de penetrar ou ser penetrado, ganhar ou perder

como uma forma de inculcar o sentido das equivalências entre o espaço físico e o espaço social e entre os deslocamentos – por exemplo, ascensão e queda – nesses dois espaços e, dessa forma, enraizar as mais fundamentais estruturas de um grupo nas experiências originárias do corpo (*idem*, p. 117). Isso se coaduna com a ideia trazida por Butler (2021) em nos fazer inferir que existe um corpo abjeto, uma vez que existe uma binaridade pré-determinada que só comporta os conceitos essencializados de masculino e feminino, dentro de uma linearidade ocidental. Não por menos, Berenice Bento (2017) nos disse sobre o papel que é votado a corpos transexuais como “disforme”, “doente”, “monstruoso”. Quem não está dentro da lógica regulatória é “monstro”, assim como Alex foi chamado pelo tio e me relata que, ainda hoje, quando aparece alguma pessoa homossexual na tv, outro tio seu os chama de “essas praga”.

3.3 Cultura “pop”

“Give me that thing that I love (I’ll turn the lights out)/Put your hands up, make ‘em touch, touch”. Esse é um trecho que uma das músicas mais marcantes da era *ArtPop*, da cantora *Lady Gaga*, “Applause”, que foi entoada por Soufjan no *The Voice Kids Alemanha*²⁹. Esse foi um dos momentos ápices da apresentação, que o mostra todos seus potencial vocal e rebolado. Durante a *performance*, é possível perceber toda a empolgação do jovem, ao cantar a música provavelmente de sua *diva*. Sendo ou não uma pessoa homossexual, essa forma de comportamento pode servir como identificação a muitas crianças “viadas” que, assim como eu, dançavam a famosa música *Ragatanga* da banda *Rouge*, às escondidas em seus quartos.

A cultura pop tem uma identificação em seu significado não somente ao que é popular, difundido para as massas, mas pode ser visto também sob perspectiva pejorativa, ao visualizar esse fenômeno como algo genérico, sem criatividade, puramente comercial. O termo surgiu em meio à crítica cultural inglesa, na década de 50. Houve, com isso, a tentativa de demarcar e até em alguma medida desqualificar como efêmero o surgimento do *rock’n’roll* e o historicismo da cultura juvenil que ali crescia. Esse está relacionado, em inicial perspectiva, a possibilidades de alta circulação midiática (Barcinski, 2014). Soares (2014, p. 2) nos diz que o termo faz referência ao “conjunto de práticas, experiências e produtos norteados pela lógica midiática, que tem como gênese o entretenimento”. Outra acepção possível para expressão é, sob ótica de produtos de alto alcance, sendo populares midiáticos, que o *pop* foi associado à “pipoca”, ao que não se pode parar de mastigar, uma vez que há “supostos” artificios das indústrias culturais, uma cultura de *bubble gum* (chicletes) e da *pop corn*, guloseimas que se confundem com a

²⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qwI32Si0ipE>, acesso em 13/12/2023.

fruição e o entretenimento pop (Janotti Junior, 2015). Sob outro ponto de vista, artistas como Richard Hamilton e Andy Warhol, foram expoentes no movimento *pop art*, que propunha tornar popular as belas artes acessíveis a um público popular mais amplo, antes expostas a um público restrito.

Sob um ponto de vista, a cultura pop envolve seus espectadores não apenas em hábitos de consumo, mas acaba por encadear relacionamentos, uma vez que os *fandoms* ou grupos de fãs criam uma comunicação poderosa que dá ou retira o nome de suas divas das *hashtags* ou dos assuntos mais comentados nas redes sociais virtuais. Canclini (1999) nos diz que as relações que construímos com os objetos de consumo, inclusive sua força para desenvolver comunicação com outrem, são ferramentas para pensar sobre aspectos do corpo, da cidadania, da ação política, entre outras variáveis. Assim, o que é elaborado pelo *pop* no contexto de nosso país acaba por entrar em um processo de hibridização (Canclini, 2008), relacionando-se com marcas de gênero, sexualidade, raça, classe, geração, construindo novas estruturas, objetos e práticas.

Na época em que fomos crianças “viadas” – eu e nossos entrevistados –, entre os anos 80 e 90, não havia a influência da internet na proporção atual e, diferentemente de hoje, em que alguns dos debates mais calorosos em defesa de suas influências ocorre no *twitter*, conseguíamos outras formas de perceber a nossa realidade e encontrar nessas expressões artísticas formas de referência e sobrevivência. Nosso repertório é vasto, mas o que ouvi muito de meus entrevistados foram histórias acerca da boneca *Barbie*, das músicas de *Sandy e Júnior*, *Xuxa*, *Balão Mágico* e *Banda Rouge*. Por isso, creio que seja interessante fazer uma breve explicação desse repertório que é tão carregado de afeto em nossas vivências e, em momento posterior, dizer como esse nos auxiliou a existir, a viver, a sobreviver. Em muitos momentos, os únicos que pareciam compreender a nossa solidão. Dançar nos aliviava e, de certa forma, o ato era transgressor. Por isso, em alguns casos, veremos certas coerções e maneiras de coibir a nossa expressividade, o nosso jeito *viado* de ser. Falar de nossas inspirações é falar mais acerca de nós, é dizer que nossa existência não foi em vão, manter em justo lugar a nossa existência, a nossa memória, em não as relegar ao esquecimento.

3.3.1 A boneca *barbie*

A inspiração para *barbie* veio da Alemanha, onde a boneca Lilli teria sido concebida pelo autor Reinhard Beuthien, nas páginas do jornal alemão Bild. Devido ao grande sucesso fomentado pela personagem, ela teria se transformado em boneca pela O&M Hausser em 1955. Desde 1945, o casal Ruth e Eliot Handler eram donos da Mattel, nos EUA. Em uma viagem à

Europa, Ruth comprou a boneca para sua filha, que teria gostado tanto que a mãe resolveu criar a *barbie*, em homenagem a sua filha Barbara. O nome da boneca, à época de sua criação, era Barbara Millicent Roberts. A primeira usava um maiô listrado preto e branco, tinha o cabelo preso em um rabo de cavalo, e estava disponível nas versões loira, platinada e morena. Ela foi comercializada como “Modelo de Moda para Adolescentes”. A estilista que criara as roupas da boneca era Charlotte Johnson, da Mattel. Os primeiros modelos foram produzidos à mão por trabalhadores japoneses. Durante o primeiro ano de produção, cerca de 350.000 *Barbies* foram vendidas.



Figura 5 – Primeiro modelo da boneca *Barbie* posta à venda (Fonte: StudHistória³⁰)

Em 1971, os olhos da boneca foram ajustados para olhar para a frente. Anteriormente, com os olhos direcionados um pouco para baixo e para a direita, esta parecia, ao mesmo tempo, recatada e provocadora. Houve diversas *barbies* ao longo do tempo, como a astronauta, médica, engenheira e empresária. Além disso, em 1960, foi lançada a primeira boneca negra.

³⁰ Disponível em: <https://studhistoria.com.br/historia-das-coisas/historia-dos-brinquedos-barbie/>, acesso em: 13/12/2023.



Figura 6 – Algumas *barbies* profissões postas à venda atualmente (Fonte: Lojas Havan³¹)

A boneca também provocou algumas críticas. Primeiramente, suas medidas corporais representavam um padrão irreal: 91 cm de busto, 46 cm de cintura e 84 cm quadril em uma mulher adulta com 1,75 m de altura. Isso significa uma gordura corporal insuficiente para a mulher menstruar. Essas críticas fizeram com que a marca mudasse, tendo, na década de 1980, surgido *Barbies* com diferentes profissões, tal como piloto de avião de caça, engenheira e jogadora de futebol. O corpo foi redesenhado em 1999, passando a boneca a ter uma cintura mais larga, como nas imagens abaixo.



Figura 7 – Proporções corporais da *barbie* foram modificadas durante o tempo (Fonte: StudHistória³²)

³¹ Disponível em: <https://www.havan.com.br/boneca-barbie-conjunto-profissoes-mattel-dvf50/p>, acesso em: 13/12/2023.

³² Disponível em: <https://studhistoria.com.br/historia-das-coisas/historia-dos-brinquedos-barbie/>, acesso em: 13/12/2023.

3.3.2 Sandy e Junior

Sandy Leah Lima, nasceu no dia 28 de janeiro de 1983 e Durval de Lima Junior, no dia 11 de abril de 1984. Eles são conhecidos pelo público como Sandy e Junior e começaram a carreira logo na infância, sendo que já possuíam o tio Chitãozinho e o pai, Xororó como influências musicais.



Figura 8 – “Capa do álbum ‘Era uma vez ao vivo’” (Fonte: Papelpop³³)

Apareceram no extinto programa “Som Brasil” (Globo), em 1989, em que cantaram “Maria Chiquinha”. Após essa apresentação, a dupla lançou o primeiro álbum, denominado “Aniversário do Tatu” (1991). Mesmo não sendo o caminho musical seguido posteriormente por eles, neste álbum havia músicas sertanejas e recebeu disco de ouro. Com o terceiro disco, “Tô Ligado em Você” (1993), eles começaram a apresentar outros estilos, especialmente o pop rock. O auge foi atingido por eles com o CD “As Quatro Estações”, em 1999. Algumas músicas são destaque, tal como “Imortal” e “Olha o Que o Amor Me Faz”. No festival Rock in Rio, em 2001, Sandy e Junior se apresentaram para 250 mil pessoas. Devido ao sucesso, o gerente da Universal Music em Londres resolveu lançá-los internacionalmente. Em 2002, foi lançado o CD internacional, com músicas em inglês. Em junho 2007, os irmãos gravaram o CD/DVD “Acústico MTV”, o que marcou a finalização da dupla, haja vista o anúncio da separação em abril do mesmo ano.

³³ Disponível em: <https://www.papelpop.com/2019/08/os-tres-shows-mais-historicos-da-carreira-de-sandy-junior/>, acesso em: 13/12/2023.

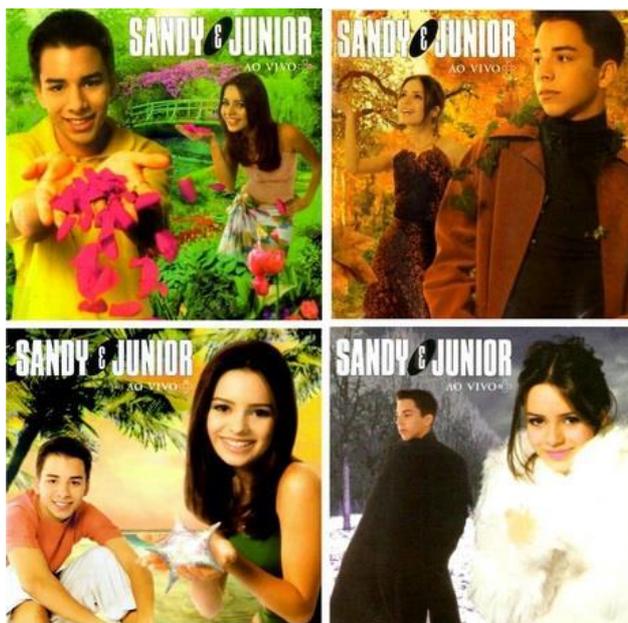


Figura 9 - Capas do CD “As quatro estações”, cada uma representando uma estação do ano (Fonte: Wikipedia³⁴)

3.3.3 Xuxa



Figura 10 – Xuxa saindo de sua nave (Fonte: Na Telinha³⁵)

Uma das maiores inspirações de nossas infâncias é Xuxa. Maria da Graça Xuxa Meneghel nasceu em Santa Rosa, no Rio Grande do Sul. Aos sete anos se mudou para o Rio de Janeiro com sua família. Com dezesseis, iniciou a carreira de modelo e apenas em 1980 foi capa de mais de 80 revistas, incluindo a “Playboy”. Em 1984, foi contratada pela empresa americana de modelos Ford Models e, após se estabelecer pouco algum tempo nos Estados Unidos, voltou

³⁴ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Quatro_Esta%C3%A7%C3%B5es:_O_Show, acesso em 13/12/2023.

³⁵ Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/noticias/2016/06/30/video-raro-mostra-xuxa-saindo-da-nave-pela-visao-dos-bastidores-100181.php>, acesso em 13/12/2023.

ao Brasil. Vendo seu potencial comunicativo, em 1983, Xuxa foi convidada pelo diretor Maurício Sherman para apresentar o programa “Clube da Criança”, à época, na Manchete. Em 1986, ela foi convidada para trabalhar na Globo, no comando do programa “Xou da Xuxa”, em que permaneceu até 1992. Além de apresentar o programa, também teve passagem pela carreira da música, lançando vários CD’s, angariando diversos êxitos, tal como 130 discos de ouro, 52 de platina e 10 de diamante. Além disso, Xuxa lançou duas séries famosas entre o público infantil: “Xou da Xuxa” (anos 80 e 90) e “Xuxa Só Para Baixinhos”, nos anos 2000. Como cantora, ela foi premiada com dois Grammys Latinos na categoria de Melhor Álbum Infantil Latino. Em 1992 ela iniciou sua carreira internacional, com programas nas televisões argentina, espanhola e em 1993, aos finais de semana, teve programa na TV estadunidense. Em 1994, Xuxa volta para a TV brasileira, apresentando, nas manhãs de sábado, o programa “Xuxa Park”. Posteriormente, em 1997, aos domingos, a apresentadora teve a atração “Planeta Xuxa” direcionada para o público adolescente. Infelizmente, devido a um incêndio nos estúdios do programa “Xuxa Park”, este foi extinto. Devido à proximidade com as crianças, Xuxa é considerada Rainha dos Baixinhos, pois explorava um mundo mágico, com cores, roupas extravagantes, espontaneidade e sua nave, que traziam para si a ludicidade da infância.

3.3.4 Balão Mágico



Figura 11 – Grupo “Balão Mágico” (Fonte: Aventuras na História³⁶)

A Turma do Balão Mágico foi iniciada em 1982, sendo formada por Simony, Tob (Vimerson) e Mike (Biggs). Jairzinho ingressou no grupo apenas em 1984). O grupo teve como marco de seu início a apresentação de Simony no programa Raul Gil. Ao chamar a atenção do produtor Tomas Muñoz, os integrantes foram surgindo, como Vimerson, que ao fazer o teste

³⁶ Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/superfantastica-historia-do-balao-o-que-foi-o-balao-magico.phtml>, acesso em 13/12/2023.

com Simony, foi aceito de primeira. Michael ficou conhecido em rede nacional após pedir que seu pai Ronald Biggs fosse libertado de um sequestro. Em 1982 o grupo vendeu um milhão de cópias com o seu primeiro disco. Receberam ajuda do produtor e compositor Edgard Poças, que fez versões em português de músicas infantis estrangeiras. Em seu segundo CD, o grupo contou com participações especiais de Djavan e Baby do Brasil. Com a explosão da banda, Simony foi convidada pela TV Globo para apresentar o programa “Balão Mágico”, ao lado de Fofão (Orival Pessini). Em seguida, Tob e Mike entraram no programa, seguidos de Jairzinho, que iniciou sua participação em 1984. O “Balão Mágico” ficou no ar até 1986, sendo substituído, em momento posterior, pelo programa “Xou da Xuxa”. A finalização do grupo se deu, em 1986, após cinco discos gravados, diminuição das vendas e o crescimento dos integrantes.

3.3.5 Banda Rouge

O surgimento do grupo se deu no programa *Popstars*, em 2002. Ao final deste reality show, uma *girlband* seria formada com cinco cantoras. Aline Wirley, Fantine Thó, Lu Andrade, Karin Hils e Li Martins foram selecionadas dentre 30 mil candidatas. Com seu primeiro CD, “Rouge”, elas conseguiram alcançar a marca de mais 2 milhões de cópias vendidas no Brasil.



Figura 12 – Capa do primeiro CD da Banda Rouge (Fonte: Tudo Mais³⁷)

O single escolhido foi “Não Dá Pra Resistir”, entretanto, o sucesso veio com a música “Ragatanga”, parceria da banda com “Las Ketchup”. A música virou história, sendo até hoje

³⁷ Disponível em: <https://gshow.globo.com/tudo-mais/tv-e-famosos/noticia/rouge-grupo-com-aline-wirley-teve-trajetoria-de-sucessos-e-desentendimentos-relembre.ghtml>, acesso em 13/12/2023.

tocada nas mais variadas festas no Brasil. Dois anos após a formação do grupo, em 2004, Lu saiu do Rouge, afirmando que estava cansada com a nova rotina, além de dizer sobre a má remuneração recebida pelo trabalho. Em 2006 o grupo anunciou a sua separação. Cada uma das integrantes seguiu sua trajetória: Fantine foi para Holanda e se tornou instrutora de yoga. Li Martins e Katin Hils acabaram mantendo seu espaço na mídia, por atuarem, cantarem e dublarem. Lu Andrade é mestra em Reiki, entre outras terapias holísticas. Aline Hirley fez participações em projetos de outras bandas, até se estabelecer no teatro musical. O *Rouge* teve seu *comeback* anunciado em 2017, após a especulação acerca da volta do grupo, incluindo a campanha dos fãs em 2011. Com a formação original, as cantoras fizeram uma apresentação para comemorar os 15 anos da banda. Com o sucesso, veio também um novo EP, intitulado “5”, com cinco faixas inéditas. Em 2019, a banda anunciou que daria uma pausa novamente e, após três anos, elas retornaram para mais um show em dezembro de 2022.



Figura 13 – Clipe “Bailando”, que marcou a volta da *girlband* em 2019 (Fonte: Papelpop³⁸)

3.4 A influência da “cultura pop” nas infâncias “viadas”

Algo que foi muito interessante na observação da minha trajetória e dos nossos entrevistados é que muitos deles falaram que faziam muitos shows em suas casas, mesmo que depois tenham se tornado menos “afeminados” ou mais “padrão”. Tadeu, por exemplo, ao se assumir para sua mãe, a questiona o porquê de ela não saber de sua orientação sexual, haja vista que ele gostava muito de Sandy e Junior; gostava de dançar, dava “show”. Ele conta que:

³⁸ Disponível em: <https://www.papelpop.com/2018/02/finalmente-vem-ouvir-bailando-single-de-retorno-do-rouge/>, acesso em 13/12/2023.

Eu não sinto que a minha família em si possa ter me podado muito porque o povo até gostava que eu fazia show, só que eu comecei a sentir vergonha desses shows que eu fazia, por ouvir outras pessoas falando, os tios, assim, de casa, não viam problema, acho que eles não viam maldade, hoje, talvez, devem ver.

Daniel me conta também sobre suas performances. Ele me diz que cresceu basicamente com a turma do balão mágico. Disse que nessa turma havia o Fofão, que existiam várias músicas e alegria. Existia uma música em específico, “Ursinho Pimpão” que Daniel tentou dançar. “Eu era muito performático, eu gostava de pegar uma música e criar uma cena, uma história, meus pais deixavam (...) tipo, tinha o dia que Daniel ia apresentar um jornal ou alguma coisa”, relata. Entretanto, certo dia, ao querer performar a canção mencionada, os pais de Daniel brigaram. O pai dele, assim que o viu em ação, disse que era para ele parar, para colocar outra música. “Não quero mais essa apresentação”, disse. A mãe do menino, pelo contrário, veio em sua defesa, dizendo que era a apresentação de seu filho, que ele havia montado com carinho, que ele queria apresentar. Daniel diz que seu pai é argentino, gaúcho, que seu genitor tinha um irmão gay e que provavelmente ele sabia o que estava aparecendo ali, na frente dele.

José já nos disse em outros momentos que possuía muito apoio dentro de casa e que as *barbies* que possuía eram objeto de sua atenção nas brincadeiras. Alex me conta que não podia brincar com bonecas. Algumas das falas que lhe diziam durante a infância eram “ah, por que que os meninos estão jogando bola e tu fica aí sentadinho lendo um livrinho? Vai chutar bola e correr”. Da mesma forma, Daniel, à época de sua infância, queria ganhar de presente um pequeno pônei. Ele nos fala que:

E eu meu irmão [tínhamos que] escolher qual presente (...) e, no final, eu fiquei com muita vontade, cheguei a externalizar para os meus pais que eu queria o pequeno pônei e não o quatro por quatro que eles iriam me dar (...) e aí eles vieram exatamente com esse papo “não, Daniel, o pônei é pras meninas, se você quer o pônei...você não é menina, não é? Então você quer o carro vermelho, que meninos...vocês querem o carro vermelho”. E aí, óbvio que eu me diverti com o carro vermelho e óbvio que eu me jogava no quarto das minhas irmãs para brincar com o pequeno pônei.

Daniel também me conta também um momento de cumplicidade com sua mãe. Em um dia ele ficou chorando porque queria brincar com o pequeno pônei de suas irmãs, uma vez que elas estavam brincando próximas a ele. Ela o chamou para acompanhá-la em algum trabalho ou alguma ida ao Centro da cidade. E eles compraram um pequeno pônei e ela lhe disse “ele não vai ser seu, você vai brincar um pouquinho com ele, depois a gente vai doar para alguma menina que queira, você vai passar o dia com seu pequeno pônei”. Ele relata que achou muito bacana uma questão de cumplicidade assim. “Acho que minha mãe já entendia que tinha alguma

situação. Eles não tinham instruções suficientes, mas a sensibilidade dela de me levar pra passear, comprar o presente, né? E permitir um dia ter aquele presente”, confidencia.

Eu amava os programas da Xuxa. Lembro-me de ter uma fita cassete (velhos tempos!) em que havia todas as músicas da Rainha dos Baixinhos. Naqueles momentos eu poderia dançar e me expressar. Xuxa era o nome da prostituta que acolheu Alex em um momento difícil. Mais tarde, uma ocasião bem polêmica na minha casa foi a vontade de comprar o CD da Banda *Rouge*. O CD, todo rosa, todo purpurinado, era uma afronta. Abuso maior era dançar “*Asere*” livremente. Em um aniversário de um colega, eu não havia sido convidado de início, mas como éramos vizinhos, ele me chamou a sua casa somente para me ver dançando a música. Logicamente, o motivo era a chacota, mas eu confesso que divei naquela noite e poderia performar a canção quantas vezes fosse preciso que, inclusive hoje, está bem vívida em minha memória.

3.4.1 A “cultura pop” como movimento de resistência

Atualmente, com a emergência de *drag queens* cantoras, *performers*, em especial Pablllo Vittar, vemos uma ruptura da essencialização do gênero por meio da arte. Através da sua vivência, sua trajetória exposta no contexto midiático, é possível haver uma identificação, que muito antes nos foi relegada em outros tempos. A declaração que nos é dita de que somos meninos ou meninas – aliando a genitália a uma série de performances esperadas – instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção (Louro, 2008, p. 15). Ainda mais: ao vermos *Leona, assassina vingativa*³⁹, com bordões como “você quer me acabar comigo?”, “chama um táxi que eu tô indo pra Paris agora” e “pode cortar” faz com que a “cultura pop”, ou seja, a difusão massiva de certo conteúdo, extrapole os limites de consumo e esbarre também na noção de formação de comunidade.

³⁹ Leona vingativa era o “papal” interpretado por uma “criança viada” (à época) e ganhou no sucesso após interagir em situações que eram similares às novelas mexicanas, tal como A Usurpadora.



Figura 14 – *Leona assassina vingativa* em fuga para Paris (Fonte: Canal DYAG⁴⁰)

Se hoje as influências são passíveis de um compartilhamento muito mais rápido e dinâmico, anteriormente, apesar do isolamento, objetos existentes nessa “cultura pop”, de acepção extensa e conceituação múltipla, foram contributos essenciais para que pudéssemos ter mais ferramentas para nos expressar e resistir ao preconceito. Diante de fatos como não ganhar um pequeno pônei de presente com o pretexto de que meninos escolhem carrinho; não poder levar uma *barbie* como brinquedo no colégio, sob pena de ser alvo de chacota no ambiente escolar; ser visto com estranheza por familiares por comprar um CD rosa e purpurinado nos mostram – ou pelo menos nos dão pistas – de que, como já anteriormente citado, nossas genitálias evidenciariam nossa representação no mundo, criando expectativas não apenas para nossos genitores, mas para uma sociedade que nos impugna a heteronormatividade. Como bem nos fala Gonzatti e Machado (2018): “A linguagem constitui compulsoriamente um corpo e condiciona precariedades, pois há modos nessa constituição que irão perturbar o caráter autoritário e fechado às dissidências das normas de gênero” (Gonzatti e Machado, 2018, p. 249). Essa forma de vivência introjetada por uma espécie de controle – sob as mais diversas vias – continuam pavimentando esse caminho tortuoso que nos traz uma imensa falta de reconhecimento, de autoconhecimento, malefícios que repercutem em grande parte – senão em toda – a nossa existência. Em muitos casos, o genitor espera que a criança incorpore e apresente

⁴⁰ Disponível em: https://canaldyag.blogspot.com/2016/03/me-conta-tudo_11.html, acesso em 13/12/2023.

traços e predileções que hegemonicamente são associados a homens heterossexuais cisgêneros (Connel, 2003).

Sutilmente, é possível perceber o que foi dito nas falas de nossos entrevistados, especialmente no discurso de Fabiano. Nos mostrando uma certa face, qual seja, a dos homossexuais “discretos”, ele, além de dizer que não gosta de afeminados, nos diz que seu atual namorado até “gesticula” e em outro momento, ao falar de sua infância, em que evita – e em certa atitude de vigília – falar sobre questões que poderiam ser associadas a sua orientação sexual, me disse que seu pai já havia percebido que ele gesticulava demais e já havia o alertado quanto a essa situação. Ou seja, se somos direcionados e colocados nessa linha que produz certa “viagem” (Louro, 2008) sem oportunidade para expressar nossa viadagem, esvaziamos um pouco de nós e apresentamos aquilo que é colocado como correto ou definitivo, o fim em si mesmo. Logicamente, não é possível generalizar argumentações nem entrevistando cinco, dez ou cinquenta, por correria o risco de deixar de relevar aspectos e minúcias, que poderiam esconder, de alguma forma, o local do qual parto e as condições do possível, que sustentaram a minha pesquisa. Não posso, sobretudo, a intenção de desconsiderar as vivências dos genitores para tomarem certas posturas, tampouco julgá-los ou cair em juízos de valor baseado em uma realidade falada, lembrada e, sob algum aspecto, fragmentada.

Logo, como já citado Canclini (1999), as relações que criamos com objetos de consumo nos possibilita refletir sobre aspectos do corpo, da cidadania, da ação política, entre outras variáveis. Assim, a “cultura pop” entra em um processo hibridação (Canclini, 2007) com marcas de sexualidade, raça, classe, por exemplo. Essa cultura possibilitou que eu pudesse sonhar em um mundo colorido, dançar e fazer shows, assim como relatam alguns de nossos entrevistados e, certamente, é possível que haja muitas crianças “viadas” expostas a um discurso enviesado que foram apagadas e, em algum momento, assumiram uma postura mais masculina – mesmo que inconscientemente – para sobreviver, assim como Tadeu. Sobreviver às ameaças, às “zoações”, ao “escárnio” e às violências físicas, tal como fez José, em uma postura de pensar e refletir acerca de seu vestuário e comportamento ao lidar com o mundo “externo”.

Vivemos em uma perene ambiguidade: embora sejamos ameaçadores, monstros e desviantes, abjetos (Butler, 2021) somos também destinatários de violências. A imagem abaixo nos faz refletir:



Figura 15 – Imagem do grupo “Parada Hétero Brasil” do *facebook*, com vários comentários irônicos de usuários LGBTQIAPN+ (Fonte: O Globo⁴¹)

A imagem mostra uma postagem da página Parada Hetero Brasil, no *facebook*, em que pessoas LGBT ironizam a postagem “você já nasceu hétero”. Enraizada de um determinismo supostamente biológico, o post nos induz a fazer o que exatamente devemos fazer: debochar. O deboche tem nos sido uma ferramenta justa e estratégica. O riso desestabiliza as estruturas anteriormente tão bem embasadas. Por isso, ainda quero dançar *Ragatanga*, com a roupa de dormir, quero “ralar o tchan”, “dançar na boquinha da garrafa” e esperar pela nave colorida – e

⁴¹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/comentarios-lgbt-invadem-post-de-campanha-voce-nasceu-hetero-19786577>, acesso em 13/12/2023.

bem exótica! – da Xuxa me buscar para darmos uma voltinha. Caso contrário, serei colocado em um lugar nenhum, em não mundo, já que este em que vivemos, claramente, parece nos emudecer e nos expulsar para esse nada, para esse vazio.

CONCLUSÃO

Em primeiro lugar, a autoetnografia se mostra um desafio, pois somos obrigados a nos ver de longe, mais fria, analítica e criticamente. Isso é fundamental para o fazer científico. Ao nos desnudarmos, visualizamos que algumas coisas não eram tão normais assim e que essa perspectiva a nós apresentada advinha de outrem, que recortou certos moldes esperando inutilmente que nos encaixássemos neles. É daí que vem a importante característica etnográfica/autoetnográfica do estranhamento. Esse tipo de intento civilizatório, parte de uma construção, em uma suposta conformação que nos direciona a uma viagem (Louro, 2008) que já possui um caminho pré-estabelecido.

Em segundo lugar, pela leitura dos textos em debate, foi possível entender que, sem querer cometer quaisquer anacronismos, talvez, a divisão da vida em fases se aproxime bastante de um debate similar à biologia. Atualmente, acredito ser mais desafiador seguir esse caminho e proponho que sigamos um caminho das emoções. A vida é múltipla e possuímos emoções como vergonha, constrangimento, tristeza e humilhação. Percebo uma particular solidão nas trajetórias analisadas – inclusive na minha, tanto é que coloco como primeiras palavras na dissertação um trecho da música “Solo” do projeto “Lous and the Yakuza”. Assim, se mapeássemos as emoções como pensamentos corporificados, conforme o legado de Rosaldo (1984), Víctora e Coelho (2019) poderíamos identificar outras características, como o posicionamento do indivíduo diante de si, mas também diante dos outros, em uma abordagem mais relacional e menos estanque.

Em certa medida, podemos identificar dentro desse cenário de violência que foi mencionada em várias passagens das vivências dos corpos destoantes, o medo, a humilhação e solidão, no mesmo sentido da comparação mencionada no início desta dissertação (Víctora e Coelho, 2019). Ao observar o texto feito por Leandro de Oliveira (2008), em que discute o processo de revelação de uma jovem lésbica à sua família, vemos que a entrevistada entende que a vergonha de sua mãe era considerada uma “agressão sutil”, o que também se consolida aos relatos e outras elaborações feitas e citadas nesta pesquisa. Se cada agente entende os acontecimentos em suas vidas de uma forma, as emoções podem ser observadas sob um olhar relativista e em dados momentos, até mesmo “contextualista”, como sugerem Lutz e Abu-

Lughod (1990). Essa forma de entendimento da emoção fica bem clara quando entendemos que as exposições dos entrevistados a suas vivências ainda causam dores, ainda repercutem, de certa forma, em seu cenário íntimo. Por isso, uma “cultura” que nos indica e nos ensina certos modos de comportamento em relação à masculinidade, ao que é ser homem, necessita, a todo tempo, de ponderações e questionamentos. Assim como a fuligem impregna em nossos sistemas respiratórios, as nossas emoções são uma repercussão daquilo que vimos e filtramos. Sob um aspecto de pensamento corporificado, a lembrança faz doer fisicamente, psicologicamente, se espalhando de diversas maneiras que inclusive podem não ser por nós identificadas.

Por meio desse trabalho foi possível perceber que os conceitos “masculino”, “feminino”, “bicha” são permeados por contexto, situação, relações. Ao entrarem em contato com a sociedade, família e o espaço externo como um todo, os sujeitos não têm previsibilidade do que pode acontecer, já que as consequências podem ser as mais variadas diante da “revelação”. Esta, portanto, permanece, de certa maneira, inserida na experiência do indivíduo, que pode perceber a necessidade de performar diferentes aspectos de sua personalidade em diversos espaços – ou até mesmo fingir. A divisão de gênero feita de uma maneira compartimentalizada é própria da cultura ocidental. Entretanto, essas essencializações podem nos levar a equívocos, haja vista as formas mais variadas de construir a subjetividade, bem como se relacionar, podendo a “bicha” penetrar a *barbie*, a mulher ser lésbica ou mais masculina – o que não são características necessariamente associáveis. Percebo a masculinidade hegemônica como um conceito que tende a generalizar e fala mais sobre a relação entre homens. Isso ocorre porque a subordinação que é colocada à mulher, por exemplo, é global, na visão de Connell. Interessante, entretanto, são alguns fragmentos do texto de Freitas (2002) que relativiza mais a masculinidade, nos levando a perceber que a situação vivenciada no âmbito da masculinidade envolve sujeitos reais, inseridos em grupos e momentos históricos que possuem diferentes tipos de exigências para os atores.

Acerca da sociabilização, podemos dizer que, ao se “tornar” um corpo destoante, perdemos alguma coisa na formação da comunidade (Tönnies) e começamos a perceber um certo distanciamento, como se nos tornássemos estranhos. A maioria dos nossos nativos, por meio das suas variadas experiências, puderam demonstrar que o filho, sobrinho, se tornaram “estranhos”. O que aparenta é que, a partir do “*coming out*” o grupo estaria conhecendo – e reconhecendo – inicialmente o indivíduo, como se todo o passado fosse apagado e a memória fosse perdida, voltando todas as atribuições do indivíduo única e exclusivamente para a sua

sexualidade. Sobre a memória, é muito importante trazermos à tona esses relatos para fazer frente a um discurso oficial, produzindo, assim, um discurso contra-hegemônico.

O corpo abjeto tão sugerido por Butler (2021) se apresenta porque erroneamente se faz referência a um corpo considerado normal, normatizado, inteligível. Por isso, talvez, haja um estranhamento com as roupas femininas de Alex ou até mesmo com José levar bonecas *barbies* para brincar no colégio. Se utilizarmos a ideia de pirâmide “hierárquica”, em que estão no topo homens héteros heteronormativos, brancos, sexistas, machistas, misóginos, LGBTQIAPN+fóbicos e racistas, faz sentido entender o porquê de ser tão interessante para as pessoas se relacionarem sexualmente com José, mas não quererem expô-lo ao público ou mesmo para Tadeu que, na sua adolescência, “atacava” pessoas mais afeminadas para não ser “zoad”. Possivelmente poucos homens conseguem cumprir o *checklist* dessa masculinidade hegemônica, mas vemos que o “padrão” é muito definido por isto. Pela apreensão das entrevistas e do que vivenciei, ser “homem”, no contexto hegemônico, é possuir não apenas o corpo, não apenas falares e andares, mas compactuar com o sistema opressor. Ou, mesmo na apreensão de Fabiano, ser “discreto” é diferente de “ser afeminado”. Essa é uma contraposição binária que continua colocando em referência o modelo heterossexual.

Percebe-se também que as variadas violências as quais os indivíduos estão sujeitos também são reforços – e manutenção – desta estrutura à qual nos referimos. As “curras”, os abusos sexuais infantis, as mais diversas humilhações por meio de xingamentos e vias de fato, fazem com que o outro se mostre “mais homem” e a violência acabe se configurando como forma de poder. O poder se impela sobre o sujeito faz com que ele fique vulnerável o suficiente para ceder às pressões e, talvez, esses profundos sentimentos sejam frutos de uma consciência coletiva, em que a banalidade do mal (Arendt) se instala, construindo cenários em que a violência é corriqueira, tem requintes poderosos e características específicas, motivo esse para existir a categorização de um *bullying homofóbico* e não simplesmente o *bullying* “genérico”.

Na questão dos relacionamentos, vemos que o modelo heterossexual pode se mostrar fantasmagórico, haja vista a presença no discurso de Tadeu, em talvez “não conseguir viver sem a monogamia” e em Daniel que descobriu o “mundo gay” quando começou a viver uma vida mais “promíscua” com seu namorado, à época. Essas dúvidas e/ou naturalizações são rompidas por José que associa a monogamia a um aspecto religioso e nos diz que não ser monogâmico não significa se relacionar com várias pessoas. Talvez, seja necessário um afastamento temporal e que esse aspecto seja novamente trabalhado em pesquisa posterior, com foco maior em dinâmicas de relacionamentos.

Diante disso que foi exposto, tenho a impressão de que colocar a “bicha” em um posicionamento conceitual apartado essencializa ainda mais o fechamento dos conceitos de “masculino” e “feminino”. Embora a utilização o termo seja muito importante devido a questões políticas, os limites, ao final, não existem. As características que são atribuídas a homens e a mulheres são construções específicas determinadas a um fim. Talvez nunca ninguém tenha ordenado isso de uma forma explícita, por isso o *habitus* da heterossexualidade normativa tem tanto êxito. Porque mesmo que não haja uma imposição concreta, as consequências se mostram evidentes em situações de convivência ou a falta desta. Desta forma, encontrar espaços de segurança é tão importante para que possamos sobreviver diante de tantos outros contextos de violência, como sofrimentos tão brutais que fazem necessário que você se proteja, como José – ao levar em sua bolsa uma arma de choque – causando a sensação de que estamos sendo constantemente vigiados. Talvez esse seja um projeto biopolítico de extinção, mas isso teria que ser averiguado em uma pesquisa mais aprofundada e com mais tempo para produção.

Além disso, vejo algumas situações que poderiam ter sido corrigidas, que se apresentaram como deficiências, como a falta de maturidade acadêmica e a demora no recorte do tema, que não viabilizaram a procura por mais pessoas afeminadas em outros ambientes, causando, portanto, uma discussão não tão ampla do que representa essa masculinidade. Talvez mais estudos acerca da masculinidade hegemônica transculturais sejam importantes para a discussão, mas coloco essa pesquisa como um projeto futuro, com maior viabilidade para tanto. Por fim, foi possível identificar que a “cultura pop” é importante para a vida da “criança viada” pois serve como movimento de resistência e uma forma de não sucumbir às pressões do sistema. Vejo também que as identidades não são fixas, se põem em contato e, certamente, a cada estudo, encontraremos mais pontos importantes para se debater e discutir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A superfantástica história do balão: o que foi o Balão Mágico? Aventuras na História, publicado em 27 de jul. 2023. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/superfantastica-historia-do-balao-o-que-foi-o-balao-magico.phtml>, acesso em 13/12/2023.

AGIER, M. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011.

ALVES, M. E. **Menino teve fígado dilacerado pelo pai, que não admitia que criança gostasse de lavar louça**. O Globo, Rio de Janeiro, 05 mar. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/menino-teve-figado-dilacerado-pelo-pai-que-nao-admitia-que-crianca-gostasse-de-lavar-louca-11785342>, acesso em 15/12/2023.

ANDERSON, L. **Analytic Autoethnography**. *Journal of Contemporary Ethnography*. 35(4):373-395, 2006.

ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

AUGUSTO, P. **Falo**. 2. Ed. Natal: Sebo Vermelho, 2003.

BAILEY, F. G. **Gifts and Poison. The Politics of Reputation**. New York: Shocken Books, 1971.

BARCINSKI, A. **Pavões misteriosos: 1974-1983: a explosão da música pop no Brasil**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

BATESON, G. **Naven; a survey of the problems suggested by a composite Picture of a New Guinea tribe drawn from three points of view**. Stanford: Stanford University Press, 1958.

BEAUVOIR, S. de. **O Segundo sexo vol. I. Fatos e Mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980 [1949].

BECKER, H. S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2008.

BELARMINO, V. H.; DIMENSTEIN, M.; LEITE, J. F. **Experiência urbana gay afeminada e modos de resistência na cidade contemporânea**. Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP. Nº 31. V 1, pp. 1-17, 2023.

BELLÉ, Jr. **Os atores héteros que fazem pornô gay por dinheiro**. Trip, 2016. Disponível em <https://revistatrip.uol.com.br/trip/os-atores-heteros-que-fazem-porno-gay-por-dinheiro>, acesso em 18/11/2023.

BENEDICT, R. **The chrysanthemum and the sword**. Boston: Houghton Mifflin, 1946.

BENTO, B. **A Reinvenção do Corpo – Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual**. 3ª Ed. Salvador, BA: Editora Devires, 2017.

BERRY, K. **Embracing the catastrophe: Gay body seeks acceptance**. *Qualitative Inquiry* 13 (2): 259-281, 2007.

BIROLI, F. **Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

- BORDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.
- BORDIEU, P. A ilusão biográfica. In: PEREIRA, Marieta de; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- BORDIEU, P. **O senso prático**. Tradução Maria Ferreira. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013 [1980].
- BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Judith Butler; tradução, Renato Aguiar. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- BUTLER, J. **Quadros da guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CANCLINI, N. G. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2. Ed. São Paulo: EDUSP, 2007.
- CARROLL, L. **Aventuras de Alice**. Tradução e organização de Sebastião Uchoa Leite. 3ª. ed. São Paulo: Sum mus, 1980.
- CASS, V. C. **Homosexual identity formation: a theoretical model**. Journal of Homosexuality 4: 219-235, 1979.
- CASS, V. C. **Homosexual identity formation: testing a theoretical model**. Journal of Sex Research. 20: 143-167, 1984.
- CAVALCANTE, U. N. S. **Bicha pão com ovo: Um ensaio jornalístico sobre a desconstrução da heteronormatividade**. Universidade Federal da Paraíba (UFPA). Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Paraíba/PB. 2015.
- CHANG, H. **Autoethnography as method**. New York: Routledge, 2008.
- COHN, C. **Concepções de infância e infâncias: um estado da arte da antropologia da criança no Brasil**. Civitas, v.13, n.2, p. 221-244, 2013.
- COLEMAN, E. Developmental Stages of the Coming Out Process. In: GONSIORREK, J. C. (Ed.). **Homosexuality and Psychotherapy. A Practitioner's Handbook of Affirmative Models**, pp. 31-43. New York: Haworth Press.
- COLLING, L. Como pode a mídia ajudar na luta pelo respeito à diversidade sexual e de gênero? In: **Olhares plurais para o cotidiano: gênero sexualidade e mídia**. PELÚCIO, L. et all (orgs.). Marília: Oficina Universitária. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- COLLINS, P. H. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, pp. 99-127, 2016.
- Comentários LGBT invadem post de campanha você nasceu hétero**. O Globo Brasil, publicado em 26 de jul. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/comentarios-lgbt-invadem-post-de-campanha-voce-nasceu-hetero-19786577>, acesso em 13/12/2023.
- CONNEL, R. **Políticas de masculinidade: Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

CONNEL, R. W. **Masculinidades**. Universidad Nacional Autónoma de México, Coordinación de Humanidades, Programa Universitario de Estudios de Género, 2003.

CONNELL & MESSERSCHMIDT. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013.

CORNEJO, Giancarlo. **La guerra declarada contra el niño afeminado: una autoetnografía “queer”**. Íconos. Revista de Ciencias Sociales, Quito, n. 39, p. 79-95, 2011.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Salvador, n. 171, v. 1, 2002.

CRISTOVAM, M. A. S., OSAKU, N. O., GABRIEL, G. F. C. P.; ALESSI, J. R. D. Atos de *bullying* entre adolescentes em colégio público de Cascavel. **Adolesc. Saúde**, 7(4), 46-54, 2010.

DA MATTA, R. **O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues**. Boletim do Museu Nacional: Antropologia, n. 27, maio de 1978. P.1-12.

DAMATTA, R. **Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade**. Mana, vol.6, n.1, p. 7-29, 2000.

DAMATTA, R. **A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e a morte no Brasil**. 5 ed. -Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DANTAS, F. Finalmente! Vem ver “Bailando”, clipe de retorno do Rouge. PapelPop, publicado em 04 de fev. 2018. Disponível em: <https://www.papelpop.com/2018/02/finalmente-vem-ouvir-bailando-single-de-retorno-do-rouge/>, acesso em 13/12/2023.

DENZIN, N. K., LINCOLN, Y. S.; SMITH, L. T. **Handbook of critical and indigenous methodologies**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2008.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. **El quehacer pornô en la construcción de imágenes de espectacularidad**. Mem. Soc. (Bogotá/Colombia), v.17, n.34, p.92-109, 2013.

DUARTE, L. F. D. Família, moralidade e religião: tensões contrastivas contemporâneas em busca de um modelo. In: **Gerações, família e sexualidade**. VELHO, G. e DUARTE, L. F. D. (orgs). Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

DUMONT, L. **Homo Hierarchicus: O sistema das Castas e Suas Implicações**. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2001.

DURKHEIM, É. Método para determinar a função do trabalho. In: DURKHEIM, É. **Da divisão do trabalho social**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1977, v. 1, p. 63-86.

ELIAS, N. **Envolvimento e alienação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Volume 1. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ELIAS, N; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade**. Tradução Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ELLIS, C. **The ethnographic I: A methodological novel about autoethno-graphy**. Walnut Creek, CA: AltaMira Press, 2004.

ELLIS, C.; ADAM, T.; BOCHNER, A. **Autoethnography: an overview**. *Historical Social Research*. (45) 2: 273-290, 2011.

ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

EVARISTO, C. A escrivência e seus subtextos. *In: Escrivência a escrita em nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Constância Lima Duarte (org.). 1. Ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FALCHETI, F. Vídeo raro mostra Xuxa saindo da nave pela visão dos bastidores. NaTelinha, publicado em 30 de jun. 2016. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/noticias/2016/06/30/video-raro-mostra-xuxa-saindo-da-nave-pela-visao-dos-bastidores-100181.php>, acesso em 13/12/2023.

FARIA, M. A. de.; GOMES, M. C. A.; MODENA, C. M. **“Mar de bullying”**: turbilhão de violências contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais na escola. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 48, 2022.

FAVRET-SAADA, J. **Ser afetado**. *Cadernos de Campo*, Nº 13, ano 14, USP, São Paulo, 2005. p.155-162.

FEDERICI, S. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FIGARI, C. **@s outr@s cariocas**: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

FIRTH, R. **Rumor in a primitive society**. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, Vol 53(1), Jul 1956, 122-132.

FOCAULT, M. **A história da sexualidade**. São Paulo: Graal Editora, 2005.

FOCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 15 ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2023 [1926-1984].

FREIRE, Q. G. **CENSURA! Crivella manda recolher quadrinhos dos Vingadores**. *Diário do Rio*, 5 de set. 2019. Disponível em: <https://diariodorio.com/censura-crivella-manda-recolher-quadrinhos-do-vingadores/>, acesso em 12/12/2023.

FREITAS, Marcel de A. **A masculinidade hegemônica na cultura brasileira**. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v. 20, n.1, 2002, p. 28-41.

FRY, P. **Para Inglês Ver**: Identidade e cultura na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FURLEY, A. K. L.; PINEL, H.; COSMO, M. O aluno gay em um espaço de subjetividades e pré-conceitos: reflexões necessárias acerca da prática do bullying. **Artefactum – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia**, Ano XIII – nº 01/2021.

GAGNON, J. & SIMON, W. **Sexual conduct: the social source of human sexuality**. Chicago, Aldine, 1973.

Geraldo prepara o táxi que hoje o DYAG vai conversar com a criminosa mais babadeira da web direto de Paris! Canal DYAG, publicado em 11 de mar. 2016. Disponível em: https://canaldyag.blogspot.com/2016/03/me-conta-tudo_11.html, acesso em 13/12/2023.

GIDDENS, J. N. **Além do carnaval**. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GLUCKMAN, M. **Gossip and Scandal**. *Current Anthropology*, vol 4 no. 3, June, 1963.

GODALL, B. H. L. 2006. **A need to know: The clandestine history of a CIA family**. Walnut Creek, CA: Left Coast Press.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

GOFFMAN, E. **Frame Analysis: los marcos de la experiencia**. Madri: Siglo XXI, 2006.

GONZALEZ, L. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

GONZATTI, C.; MACHADO, F. V. K. Notas sobre o espalhamento da criança viada na cultura pop digital brasileira. **Periódicus**, n. 9, v. 1, p. 248-267 mai-out 2008.

HALBERSTAM, J. **The Queer Art of Failure**. Durham and London: Duke University Press, 2011.

HARAWAY, D. **Antropologia do ciborgue: as vertigines do pós-humano**. Organização e Tradução por Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HAYANO, D. **Auto-ethnography: Paradigms, problems, and prospects**. *Human Organization* 38:99-104, 1979.

HEILBORN, M. L. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, M. L. (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, p. 40-59, 1999.

HEILBORN, Maria L. (organização e apresentação). Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

HEILBORN, Maria L. **Dois é par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário**.

História dos brinquedos: Barbie. **STUDHISTÓRIA**. Disponível em: <https://studhistoria.com.br/historia-das-coisas/historia-dos-brinquedos-barbie/>, acesso em 13/12/2023.

HUGO, V. **Os miseráveis**. Tradução Regina Célia de Oliveira. São Paulo: Martin Claret, 2014 [1802-1885].

JANOTTI JUNIOR, J. Cultura pop: entre o popular e a distinção. In: **Cultura Pop**, SÁ, S. P. de.; CARREIRO, R.; FERRAZ, R. (orgs). Salvador: EDUFBA. Brasília: Compós, 2015.

JESUS, A. B. de.; MARTELLI, A. C. **“Afeminada”**: A Construção da identidade de sujeitos. *Revista Travessias*, v. 11, n-01, pp. 24-38, jan./abr., 2017.

KAFKA, F. **O processo**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

KIMMEL, M. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas**. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 9, p. 103-117, 1998.

- KIMMEL, M. S., & MAHLER, M. Adolescent masculinity, homophobia, and violence: Random school shootings, 1982-2001. **American Behavioral Scientist**, 46(10), 1439–1458, 2003.
- LAPLANTINE, F. **A descrição etnográfica**. São Paulo: terceira margem, 2002.
- LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico - de Rousseau à internet**. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes; Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LEMOS, M. R. Sociabilidade em destaque: um ensaio teórico a partir do intercâmbio analítico entre Ferdinand Tönnies e Émilie Durkheim. In: **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, n. 14 e 15 (2010/2011), pp. 127-139.
- LOPES, M. **“Homens como outros quaisquer”**. **Subjetividade e homoconjugalidade masculina no Brasil e na Argentina**. Tese de Doutorado (Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília). Brasília, 2010.
- LOURO, G. L. O corpo educado: Pedagogias da sexualidade. In: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. L. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autentica, 2000.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- LUTZ, C.; ABU-LUGHOD, L. **Language and the politics of emotion**. New York: Cambridge University Press, 1990.
- MANNHEIM, K. O problema sociológico das gerações. In: M. M. Foracchi (org.), **Karl Mannheim: sociologia**. São Paulo: Ática, 1982.
- MANTEGA, G (Coord.). **Sexo e Poder**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.
- MASON, G. **The spectacle of violence: homofobia, gender and knowledge**. London: Routledge, 2002.
- MAUSS, M. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: FIGUEIRA, S. (org.). **Psicanálise e ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. P. 56-63.
- MAUSS, M. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Ubu Editora, 2018 [1934].
- MCRAE, E. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”**. Campinas: Unicamp, 1990.
- MEAD, M. **Sexo e Temperamento em Três Sociedades Primitivas**. Tradução: Rosa Krausz. Revisão: Dora Ruhman, Fany Kon, Geraldo Gerson de Souza e J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.
- MEDEIROS, A. V. M. **O fenômeno bullying: (in)definições do termo e suas possibilidades**. 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Goiás, Goiânia, 2012.
- MEDEIROS, E. S. de. Disputas Ideológicas de passados, conflitos políticos em torno da tradição: a emergência da identidade criança viada na contemporaneidade brasileira. In: **Experiências culturais no tempo [recurso eletrônico]: mídia, memória, nostalgia e tradição**.

MEDEIROS, E.; FONSECA, G. de. A. (orgs.). Belo Horizonte, MG: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2020. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/wp-content/uploads/2023/06/Experiencias-culturais-do-tempo-Selo-PPGCOM-UFGM.pdf>, acesso em 05/11/2023.

MIRAGLIA, L. *et all.* **Tráfico internacional de pessoas: crime em movimento, justiça em espera (livro eletrônico):** relatório de avaliação de necessidades sobre o tráfico internacional de pessoas e crimes correlatos. 1. ed. Brasília, DF: OIM, 2022. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2022/12/trafico-internacional-de-pessoas-crime-em-movimento-justica-em-espera.pdf>. Acesso em 18/11/2023.

MISKOLCI, R. **Desejos digitais:** uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MISKOLCI, R. **O vértice do triângulo:** Dom Casmurro e as relações de gênero e sexualidade no *fin-de-siècle* brasileiro. Estudos Feministas. Florianópolis, 17(2): 547-567, mai-ago/2009.

MISKOLCI, R. **Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay.** Cadernos Pagu, Campinas, n. 28, p. 101-128, ján./jun. 2007.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer:** um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

NEVES, U. **Transexualidade não é mais considerada um transtorno mental.** PEBMED. Publicado em 29/01/2022. Disponível em: <https://pebmed.com.br/transexualidade-nao-e-mais-considerada-um-transtorno-mental/#:~:text=Embora%20essa%20informa%C3%A7%C3%A3o%20tenha%20sido,a%20nova%20edi%C3%A7%C3%A3o%20da%20CID>, acesso em 08/12/2023.

OLIVEIRA, L. R. C. de. Existe violência sem agressão moral?. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 67, p; 135-146, 2008.

OLIVEIRA, M. R. de. Trejeitos e trajetos de gayzinhos afeminados, viadinhos e bichinhas pretas na educação. In: OLIVEIRA, M. R. de. **Nem ao centro, nem à margem: corpos que escapam às normas de raça e de gênero.** Salvador: Devires, 2020.

OLIVEIRA, P. P. de. Discursos sobre a masculinidade. **Revista Estudos Feministas**, IFCS/UFRJ, v. 6, n. 1, p. 91-112, 1998.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M. de.; PASINI, A. I.; LEVANDOWSKI, G. O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, 15(2), pp. 203-215, mai-ago, 2013.

OLWEUS, D. **Bullying at school:** What we know and what can do. London, Lackwell, 1993.

ORTNER, S. B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: **A mulher, a cultura e a sociedade.** ROSALDO, M. Z. e LAMPHERE, L. (coords.). Tradução de Cila Ankier e Rachel Gorenstein. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ORWELL, G. **1984.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAGLIA, C. **personas sexuais – arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PAINÉ, R. What is gossip about? An alternative hypothesis. **Man**, new series, vol 2., no. 2, June, pp 275-285, 1967.

PASCOE, C. J. Notas sobre uma sociologia do bullying: homofobia de homens jovens como socialização de gênero. Tradução de Tálisson Melo de Souza. **Revista Teoria e Cultura**, v. 13 n. 1: Interseções entre gênero, sexualidade e curso da vida, 2018.

PASSOS, A. C. O *Bullying* escolar no Brasil: reflexões gendradas e a emergência de olhares interseccionais. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, vol. 02, n. 01, jan. – mar. 2018.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade...In: **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. BARROS, M. M. L. (org.). 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo, Brasiliense, 1987.

PLUMMER, K. **Sexual stigma: an interactionist account**. Londres, Routledge, 1975.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POULOS, Christopher N.. **Accidental ethnography: An inquiry into family secrecy**. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2008.

PRECIADO, B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas da identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

RAMUSSEN, M. L. The Problem of Coming Out. **Theory into Practice**, 43 (2), pp. 144-150, 2004.

Relatório da OIT aponta que mulheres recebem 20% a menos do que homens. Nações Unidas Brasil, 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/199919-relat%C3%B3rio-da-oit-aponta-que-mulheres-recebem-20-menos-do-que-homens>. Acesso em 18/11/2023.

ROHDEN, F. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher** [online]. 2nd ed. rev. and ext. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

ROSALDO, M. Z. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. Em direção a uma antropologia do self e do sentimento. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 18, n. 54, pp. 31-49, dezembro de 2019.

ROSAS, P. **Os países que punem a homossexualidade com pena de morte**. BBC News Mundo, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-64252532>, acesso em 15/12/2023.

Rouge, grupo com Aline Wirley, teve trajetória de sucessos e desentendimentos; relembre. Tudo mais, publicado em 13 de jan. 2023. Disponível em: <https://gshow.globo.com/tudo-mais/tv-e-famosos/noticia/rouge-grupo-com-aline-wirley-teve-trajetoria-de-sucessos-e-desentendimentos-relembre.ghtml>, acesso em 13/12/2023.

ROUSSO, H. A memória não é mais o que era, *in*: **Usos e Abusos da História Oral**, org. Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

RUBIN, G. **O tráfico de mulheres**. Notas sobre a 'Economia Política' do sexo. Recife: SOS Corpo, 1993 [1975].

RUBIN, G. Thinking sex: Notes for a radical theory of the politics of sexuality. In C. S. Vance (Org.) **Pleasure and danger: Exploring female sexuality** (267-319). London: Routledge, 1984.

SAGGESE, G. S. R. **Quando o armário é aberto: visibilidade, percepções de risco e construção de identidades no coming out de homens homossexuais**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SALEM, T. **O casal grávido: disposições e dilemas da parceria igualitária**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SANTOS, R. F. G. dos.; SILVA, N. de. F. “Criança viada, travesti da lambada”: Infâncias queers em imagens incômodas. **Albuquerque: revista de história**, vol. 13, n. 26, jul. – dez. de 2021.

SCHIAVONI, E. **Aluno gay é espancado a pauladas por cinco jovens em frente a escola em SP**. Uol, Ribeirão Preto, 24 fev. 2016. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2016/02/24/aluno-gay-e-espancado-a-pauladas-por-cinco-jovens-em-frente-a-escola-em-sp.htm>, acesso em 15/12/2023.

SCHULMAN, S. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. **Bagoas – Estudos gays: gênero e sexualidade**, v. 4. n.5, p. 68-78, 2010.

SEDGWICK, E. K. **A epistemologia do armário**. Cadernos Pagu, n. 28, p. 19-54, 2007.

SILVA, A. N. *et al.* Tendências de bullying verbal, violência doméstica e envolvimento em brigas com armas entre adolescentes das capitais brasileiras de 2009 a 2015. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 11, p. 1-16, 2019.

SILVA, L. S. da. Vinte e quatro notas de viadagem. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 2, p. 1-11, 2014.

SILVA, N. R. **Violência nas Escolas: O conceito de violência e o processo grupal como método de intervenção e pesquisa**. Contribuição para a formação inicial e continuada de professores e psicólogos. In: Anais do XV Encontro Nacional da ABRAPSO. Maceió, 01-07, 2009.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SIMÕES, J. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: A. Piscitelli; M. F. Gregori; S. Carrara. (org.), **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SMITH, P. L. Intimidação por colegas e maneiras de evita-la. In: E. Debarbieux & C. Blaya (Eds.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília DF: Unesco, pp. 187-205, 2002.

SOARES, T. **Abordagens teóricas para estudos sobre cultura pop**. Logos, v. 2, n. 24, 2014.

STRATHERN, M. Entre uma melanesianista e uma feminista. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 8, n. 9, p. 7-49, 1997.

STRATHERN, M. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

STUBHUB. **Os três shows mais históricos da carreira de Sandy & Junior**. PapelPop, publicado em 01 ago. 2019. Disponível em: <https://www.papelpop.com/2019/08/os-tres-shows-mais-historicos-da-carreira-de-sandy-junior/>, acesso em 13/12/2023.

TEIXEIRA TAVARES, L. Uma análise dos discursos circulantes sobre a “bicha afeminada” no *Grindr*. **Revista Discente Planície Científica**, Campos dos Goytacazes – RJ, v. 3, n. 1, jan/jul 2021.

TILLMANN, Lisa M. Body and bulimia revisited: Reflections on “A Secret Life.” **Journal of Applied Communication Research** 37 (1): 98-112, 2009.

TÖNNIES, F. Comunidade e sociedade: textos selecionados. In: MIRANDA, O. de. (Org.). **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: EDUSP, 1995. P. 231-352.

UNODC, **Global Report on Trafficking in Persons 2020** (United Nations publication, Sales No. E.20.IV.3). Disponível em: https://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/tip/2021/GLOTiP_2020_15jan_web.pdf. Acesso em 20/11/2023.

VALE DE ALMEIDA, M. O casamento entre pessoas do mesmo sexo. Sobre ‘gentes remotas e estranhas’ numa ‘sociedade decente’. In: M.P. Grossi; A.P. Uziel & L. Mello (orgs.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamound, 2007. pp. 153-168.

VALE DE ALMEIDA, M. **Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade**. Lisboa: Etnográfica Press, 1995.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

VIEIRA, T. M.; MENDES, F. C. C.; GUIMARÃES, L. C. De Columbine à Virginia Tech: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 22(3), 493-501, 2009.

Violência contra meninas e mulheres no 1º semestre de 2022. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/12/violencia-contrameninas-mulheres-2022-1sem.pdf>. Acesso em 01/12/2023.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2012 (1975).

WARKEN, Júlia. **Criança Viada: o que está por trás da obra que gerou revolta?** Claudia, 14 set. de 2017. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/cultura/crianca-viada-o-que-esta-por-tras-da-obra-que-gerou-revolta>, acesso em 12/12/2023.

WARNER, M. **Fear of a queer planet**. Minneapolis: University of Minnesota, 1993.

WELLE, D. Há 30 anos, **OMS retirava homossexualidade da lista de doenças**. Carta Capital. Publicado em 17/05/2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/ha-30-anos-oms-retirava-homossexualidade-da-lista-de-doencas/>, acesso em: 08/12/2023.

WHITMONT, E. C. O retorno da deusa. In: **Consciência em Evolução**. 2.ed. São Paulo: Summus, 1991 [1982], p.57-86.

WILLIAMS, L. Screening Sex: revelando e dissimulando o sexo. **Cadernos Pagu**, v.38, p. 13-51, 2012.

WILSON, P. Reputation and respectability: a suggestion for Caribbean ethnology. **Man (N.S.)** 4(1), March, 70-84, 1969.

YOUTUBE. **Lady Gaga - Applause (Soufjan)** | The Voice Kids 2014 | Blind Audition | SAT.1. The Voice Kids. Publicado em 28 de mar. De 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qwI32Si0ipE>, acesso em 13/12/2023.

ANEXOS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa Da criança "viada" ao homem bicha: trajetória do homossexual afeminado que destoa à masculinidade hegemônica. Nesta pesquisa pretendemos compreender, a partir da Antropologia, o que como a masculinidade se relaciona com a vida de homens homossexuais (afeminados ou não), transexuais e não binários, a partir de uma metodologia auto etnográfica.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você: entrevista, que se dará de modo remoto, em horário e dia a serem acordados entre entrevistador e entrevistado. Em atenção à Resolução nº 446/12 do Conselho Nacional de Saúde e em consonância com a Resolução nº 510/16 do CNS que especifica normas aplicadas a Ciências Humanas e Sociais, a presente pesquisa é considerada como sendo de risco mínimo, não devendo as atividades nela empreendidas ocasionarem desconfortos ou riscos a integridade física, psíquica ou moral dos participantes, visto que os procedimentos desenvolvidos não os sujeitarão a riscos maiores do que aqueles encontrados em suas atividades cotidianas. Contudo, o pesquisador ficará atento a qualquer manifestação dos integrantes no decorrer do estudo, preocupando-se com a identificação de sentimentos e expressões de constrangimento ou frustrações e, caso ocorram, tomará as providências necessárias, informando-lhes a sua liberdade em não responder as questões que considerem desconfortáveis ou a possibilidade de interromperem a pesquisa a qualquer momento. Além disso, a pesquisa possui como risco a identificação dos participantes. O pesquisador garantirá, ainda, que caso algum fato constrangedor ocorra ou alguma situação venha comprometer a integridade dos participantes, a pesquisa será suspensa e reorganizada. Pelo fato da entrevista ser em ambiente virtual, o pesquisador se atentará a certas questões intrínsecas a esse meio. Na entrevista em ambiente virtual pesquisador e participantes estarão em lugares diferentes, interagindo mediados por ferramentas de comunicação como computador, celular, telefone ou tablet e pode haver constrangimentos pelo não domínio das ferramentas ou por problemas técnicos (como falta de luz e sinal precário de internet). Além disso, há uma limitação pelo próprio distanciamento não permitir a captura mais sutil de expressões e sentimentos. As questões relacionadas ao sigilo e a gravação das entrevistas, bem como do acesso a ferramenta a ser definida, estarão dispostas no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido a ser enviado aos participantes. Os dados a serem levantados no decorrer da investigação poderão contribuir para um debate do tema de forma transdisciplinar, abordando a trajetórias de vida e masculinidades como construções de categorias para além da antropologia. Os benefícios da pesquisa serão diretos aos grupos alvo do estudo, quais sejam pessoas LGBTQIAPN+, levando-se em consideração o entendimento de certas marcas existentes nas fases de vida da pessoa, as interseções próprias que envolvem os pesquisados (e até mesmo o pesquisador), nos levam, não apenas ao entendimento, mas no encontro de ferramentas para conscientização e proposições de promoções relacionadas ao grupo em debate. A relevância do tema se mostra na medida em que a violência existente em relação à comunidade LGBTQIAPN+ se mostra muito acentuada, principalmente diante daqueles grupos que são mais afeminados ou apresentam outros caracteres entendidos como "femininos". Ainda, a masculinidade hegemônica possui muitas nuances que precisam se agregar aos estudos feministas. Por isso, o estudo não é importante apenas para o grupo focal, pois articular esses conhecimentos pode contribuir para o debate etnográfico e a produção de teoria antropológica.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizemos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os

O CEP avalia protocolos de pesquisa que envolve seres humanos, realizando um trabalho cooperativo que visa, especialmente, a proteção dos participantes de pesquisa do

Brasil. Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propp@ufjf.br



documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 468/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 2023.

Assinatura do Participante

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Nome do Pesquisador Responsável: William Knust Reis
 Campus Universitário da UFJF
 Faculdade/Departamento/Instituto: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Humanas.
 CEP: 36036-900
 Fone: (22) 999157270
 E-mail: knust.will@gmail.com

Rubrica do Participante de pesquisa ou responsável: _____
 Rubrica do pesquisador: _____

O CEP avalia protocolos de pesquisa que envolve seres humanos, realizando um trabalho cooperativo que visa, especialmente, a proteção dos participantes de pesquisa do Brasil. Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:
 CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF
 Campus Universitário da UFJF
 Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
 CEP: 36036-900
 Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propp@ufjf.br



ufjf

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
JUIZ DE FORA - UFJF

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Da criança "viada" ao homem bicha: trajetória do homossexual afeminado que destoa à masculinidade hegemônica

Pesquisador: WILLIAM KNUST REIS

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 71506823.0.0000.5147

Instituição Proponente: Instituto de Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.429.833

Apresentação do Projeto:

As informações transcritas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa. "Resumo: Durante a trajetória de vida do homossexual afeminado várias questões

são colocadas em sua vivência: o modo de se vestir, comportar que colocam seu modo de existir em risco, uma vez que destoar do padrão não é algo aceito. Essas experiências moldam a existência dessa pessoa a um tipo de performance. Mesmo tentando, desesperadamente, a buscar uma construção de si, como Butler (2021) denomina "cópia

da cópia", a conformação é difícil, haja vista a existência desse desafio – qual seja, a conformação à uma masculinidade "hegemônica" - inclusive para homens heterossexuais e denominados "machos". A partir da infância a criança dita "viada" é colocada pelos atores de diversos espaços sociais num espaço de vigilância, de humilhação e de medo, muito similar à reflexão foucaultiana acerca do panoptismo. Na adolescência, o enfrentamento existente na socialização por meio de bullying homofóbico, além de outros delineamentos pertinentes à "pirâmide" hierárquica metafórica existente nas camadas da sigla LGBTQIAPN+. Essas características comuns, colocam o "feminino" em um lugar de segregação, num espaço não heroico ou de menor importância, levando consequências graves de mudança do indivíduo em sua vida adulta. Por meio da autoetnografia, em um resgate de memórias, aliada a entrevistas com pessoas lidas como homens por nossa sociedade ou entendidas como tal, a discussão que se põe é em que medida a

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N

Bairro: SAO PEDRO

CEP: 38.036-900

UF: MG

Município: JUIZ DE FORA

Telefone: (32)2102-3788

E-mail: cep.propp@ufjf.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
JUIZ DE FORA - UFJF



Continuação do Parecer: 6.429.833

masculinidade é exigida dessas pessoas, bem como do homem afeminado que aqui se apresenta. A pesquisa é predominantemente qualitativa, com busca de outros passos bibliográficos existentes na antropologia (ou fora dela) para articular os possíveis argumentos da futura dissertação."

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo Primário: Compreender, a partir da Antropologia, o que como a masculinidade se relaciona com a vida de homens homossexuais (afeminados ou não), transexuais e não binários, a partir de uma metodologia auto etnográfica.

Objetivo Secundário: Analisar vivências de indivíduos e quais são as intersecções presentes nessas vivências para que se possa chegar a um ponto comum, em que estejam presentes vozes para além das entrevistadas; Realizar uma revisão sistemática de trabalhos científicos, pela revisão de literatura, que abordem a questão de gênero, com enfoque na área da masculinidade; Compreender os eventuais aspectos que implicam na masculinidade e formação do indivíduo; Identificar, por meio da autoetnografia, os possíveis estranhamentos existentes entre os aspectos que permeiam a vivência do homem gay no que tange à infância, à adolescência e à vida adulta"

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"Riscos: Em atenção à Resolução nº 446/12 do Conselho Nacional de Saúde e em consonância com a Resolução nº 510/16 do CNS que especifica normas aplicadas a Ciências Humanas e Sociais, a presente pesquisa é considerada como sendo de risco mínimo, não devendo as atividades nela empreendidas ocasionarem desconfortos ou riscos a integridade física, psíquica ou moral dos participantes, visto que os procedimentos desenvolvidos não os sujeitarão a riscos maiores do que aqueles encontrados em suas atividades cotidianas. Contudo, o pesquisador ficará atento a qualquer manifestação dos integrantes no decorrer do estudo, preocupando-se com a identificação de sentimentos e expressões de constrangimento ou frustrações e, caso ocorram, tomará as providências necessárias, informando-lhes a sua liberdade em não responder as questões que considerem desconfortáveis ou a possibilidade de interromperem a pesquisa a qualquer momento. Além disso, a pesquisa possui como risco a identificação dos participantes. O pesquisador garantirá, ainda, que caso algum fato constrangedor ocorra ou alguma situação venha comprometer a integridade dos participantes, a pesquisa será suspensa e reorganizada. Pelo fato da entrevista ser em ambiente virtual, o pesquisador se atentará a certas questões intrínsecas a esse meio. Na entrevista em ambiente virtual pesquisador e participantes estarão em

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N

Bairro: SAO PEDRO

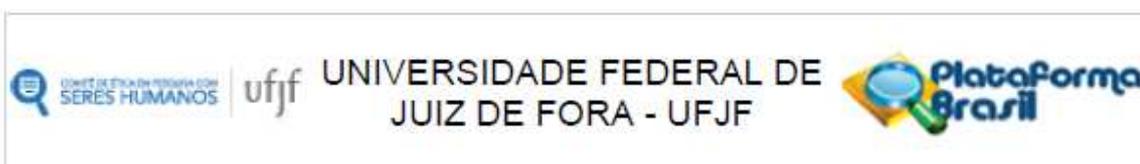
CEP: 38.038-900

UF: MG

Município: JUIZ DE FORA

Telefone: (32)2102-3788

E-mail: oep.propp@ufjf.br



Continuação do Parecer: 6.429.833

lugares diferentes, interagindo mediados por ferramentas de comunicação como computador, celular, telefone ou tablet e pode haver constrangimentos pelo não domínio das ferramentas ou por problemas técnicos (como falta de luz e sinal precário de internet). Além disso, há uma limitação pelo próprio distanciamento não permitir a captura mais sutil de expressões e sentimentos. As questões relacionadas ao sigilo e a gravação das entrevistas, bem como do acesso a ferramenta a ser definida, estarão dispostas no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido a ser enviado aos participantes."

Benefícios: " Os dados a serem levantados no decorrer da investigação poderão contribuir para um debate do tema de forma transdisciplinar, abordando a trajetórias de vida e masculinidades como construções de categorias para além da antropologia. Os benefícios da pesquisa serão diretos aos grupos alvo do estudo, quais sejam pessoas LGBTQIAPN+, levando-se em consideração o entendimento de certas marcas existentes nas fases de vida da pessoa, as intersecções próprias que envolvem os pesquisados (e até mesmo o pesquisador), nos levam, não apenas ao entendimento, mas no encontro de ferramentas para conscientização e

proposições de promoções relacionadas ao grupo em debate. A relevância do tema se mostra na medida em que a violência existente em relação à comunidade LGBTQIAPN+ se mostra muito acentuada, principalmente diante daqueles grupos que são mais afeminados ou apresentam outros caracteres entendidos como "femininos". Ainda, a masculinidade hegemônica possui muitas nuances que precisam se agregar aos estudos feministas. Por isso, o estudo não é importante apenas para o grupo focal, pois articular esses conhecimentos pode contribuir para o debate etnográfico e a produção de teoria antropológica."

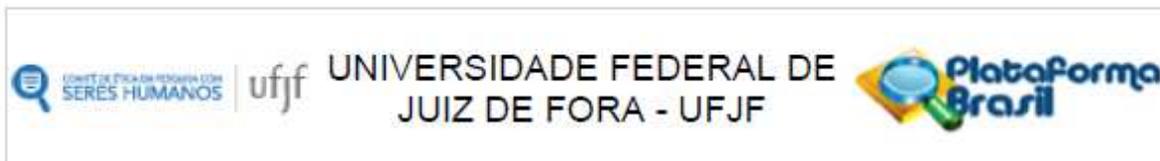
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está bem estruturado, delineado e fundamentado, sustenta os objetivos do estudo em sua metodologia de forma clara e objetiva, e se apresenta em consonância com os princípios éticos norteadores da ética na pesquisa científica envolvendo seres humanos elencados na resolução 466/12 do CNS e com a Norma Operacional N° 001/2013 CNS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O protocolo de pesquisa está em configuração adequada, apresenta FOLHA DE ROSTO devidamente preenchida, com o título em português, identifica o patrocinador pela pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra a; e 3.4.1 item 16. Apresenta o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO em linguagem clara para compreensão dos participantes, apresenta justificativa e objetivo, campo

| | |
|---|---------------------------------|
| Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N | |
| Bairro: SAO PEDRO | CEP: 36.036-900 |
| UF: MG | Município: JUIZ DE FORA |
| Telefone: (32)2102-3788 | E-mail: cep.propp@uff.br |



Continuação do Parecer: 6.429.833

para identificação do participante, descreve de forma suficiente os procedimentos, informa que uma das vias do TCLE será entregue aos participantes, assegura a liberdade do participante recusar ou retirar o consentimento sem penalidades, garante sigilo e anonimato, explicita riscos e desconfortos esperados, indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, contato do pesquisador e do CEP e informa que os dados da pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador pelo período de cinco anos, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466 de 2012, itens: IV letra b; IV.3 letras a, b, d, e, f, g e h; IV. 5 letra d e XI.2 letra f. Apresenta o INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS de forma pertinente aos objetivos delineados e preserva os participantes da pesquisa. O Pesquisador apresenta titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas no Manual Operacional para CEPs. Apresenta DECLARAÇÃO de infraestrutura e de concordância com a realização da pesquisa de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra h.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

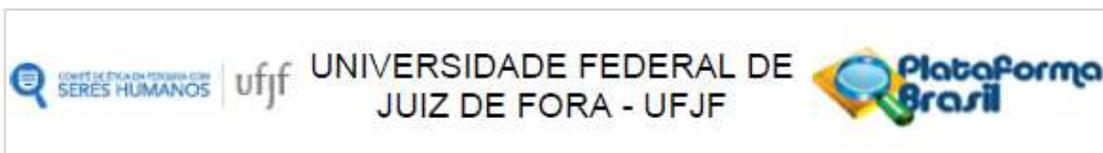
Diante do exposto, o projeto está aprovado, pois está de acordo com os princípios éticos norteadores da ética em pesquisa estabelecido na Res. 466/12 CNS e com a Norma Operacional N° 001/2013 CNS, segundo este relator, aguardando a análise do Colegiado. Data prevista para o término da pesquisa: 21/03/2024

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|--|------------------------|--------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_2166800.pdf | 05/10/2023 13:23:01 | | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | Projeto_de_Pesquisa_William_Knust_Reis_NOVA_APRECIACAO.pdf | 05/10/2023 13:16:34 | WILLIAM KNUST REIS | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | Projeto_de_Pesquisa_William_Knust_Reis_ATUALIZADO.pdf | 01/09/2023 11:54:12 | WILLIAM KNUST REIS | Aceito |
| Outros | Roteiro_Entrevista.pdf | 19/07/2023 22:21:00 | WILLIAM KNUST REIS | Aceito |
| Folha de Rosto | FolhadeRosto_Assinado_Atual.PDF | 19/07/2023 22:16:10 | WILLIAM KNUST REIS | Aceito |

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
 Bairro: SAO PEDRO CEP: 38.036-900
 UF: MG Município: JUIZ DE FORA
 Telefone: (32)2102-3788 E-mail: oep.propp@ufjf.br



Continuação do Parecer: 6.429.833

| | | | | |
|---|---|------------------------|-----------------------|--------|
| Outros | Lattes_Cristina.pdf | 19/07/2023 22:09:02 | WILLIAM KNUST REIS | Aceito |
| Outros | Lattes_William.pdf | 19/07/2023 22:08:35 | WILLIAM KNUST REIS | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_Will_Atualizado.pdf | 19/07/2023 22:00:57 | WILLIAM KNUST REIS | Aceito |
| Cronograma | Cronograma.pdf | 10/07/2023 14:47:38 | WILLIAM KNUST REIS | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | Projeto_de_Pesquisa_William_Knust_Reis_SEM_DESTAQUE.pdf | 10/07/2023 14:47:26 | WILLIAM KNUST REIS | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JUIZ DE FORA, 17 de Outubro de 2023

Assinado por:
Jubel Barreto
(Coordenador(a))

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
Bairro: SAO PEDRO CEP: 36.038-900
UF: MG Município: JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 E-mail: oep.propp@ufjf.br